



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Tatiana Jardim Gonçalves

**Sem dor, sem ganho:
uma análise da prática discursiva “motivacional” do fisiculturismo**

**Rio de Janeiro
2019**

Tatiana Jardim Gonçalves

**Sem dor, sem ganho:
uma análise da prática discursiva “motivacional” do fisiculturismo**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Décio Orlando Soares da Rocha

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G635 Gonçalves, Tatiana Jardim
Sem dor, sem ganho: uma análise da prática discursiva
“motivacional” do fisiculturismo / Tatiana Jardim Gonçalves. – 2019.
192 f. : il.

Orientador: Décio Orlando Soares da Rocha.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Língua estrutural –
Teses. 3. Corpo – Linguagem – Teses. 4. Subjetividade – Teses. 5.
Fisiculturismo – Aspectos sociais – Teses. 6. Biopolítica – Teses. I.
Rocha, Décio Orlando Soares da. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Tatiana Jardim Gonçalves

**Sem dor, sem ganho:
uma análise da prática discursiva “motivacional” do fisiculturismo**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em: 19 de novembro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Décio Orlando Soares da Rocha (Orientador)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Angela Correa Ferreira Baalbaki
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Guilherme Nery Atem
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Fábio Sampaio de Almeida
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que existem (e resistem) em suas diferentes corporeidades.

AGRADECIMENTOS

Tantos seres corporificados precisam ser lembrados...
Não há solidão. Nada é realizado sem o concurso de muitas mãos, de muitas mentes, de muitos corpos... Agradeço ...

Ao meu irmão Marcos Tadeu por me mostrar que das limitações do corpo emergem modos de existência potentes.

À minha mãe que, no cansaço inerente ao corpo físico, me ensina a renovação.

Ao meu pai que, na sua corporeidade, me ensina a paciência.

À minha irmã que me ensina o humor e me mostra a fraternidade das nossas ancestrais.

Ao meu cunhado Antônio pela prestimosidade e companheirismo.

A você Décio pela orientação, mas, sobretudo, pelo bom humor, pela força, pelo olhar sempre acertado, pelo otimismo, pela possibilidade do alegre encontro e por mostrar que é possível descolonizar a vida.

Ao Bruno Deusdará pela generosidade em relação aos meus trabalhos e comentários, mas também pela generosidade em relação aos outros e à vida. É muito bom saber que você transita neste mundo que carece de olhares fraternos.

À Angela Baalbaki pelas considerações certas e aguçadas concedidas no exame de qualificação.

Ao Guilherme Nery pela presença risonha, radiante e competente que me rendeu uma poderosa reflexão acerca do meu trabalho e do suporte teórico que o alicerça.

À Juliana pela veia lutadora, pelas trocas, pelo retorno às raízes de Irajá e pelos planos que temos traçado. À Leila pelo carinho e pela resistência. Ao Luiz

Felipe pela inteligência e pela generosidade. Ao Rodrigo Campos pelo humor e pela percepção aguçada das coisas. A Eli Perse pelo carinho, pela companhia, pelos momentos de confiança e de descontração. Ao Gustavo pelas conversas que mesclavam seriedade, humor e confissão. À Ariane, pelo carinho e pela fraternidade que preenchem espaços.

À Margareth Salomão, minha amiga desde o Mestrado, por poder compartilhar momentos difíceis.

À Simone Toschi, minha grande amiga, por me ensinar o valor da perseverança e da luta.

À Janine que, ao compartilhar sua experiência comigo, permitiu que eu percebesse que os caminhos da vida podem parecer estranhos, mas têm sempre uma motivação.

A Cristo e a todos aqueles que do plano espiritual me auxiliaram e auxiliam.

O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo.

David Le Breton

RESUMO

GONÇALVES, Tatiana Jardim. *Sem dor, sem ganho: uma análise da prática discursiva “motivacional” do fisiculturismo*. 2019.192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Nesta tese, é apresentada uma análise da prática discursiva, denominada motivacional, que transita no mundo do fisiculturismo. Considerando o fato de o corpo ser capturado e objetificado por perspectivas distintas, nosso objetivo é explicitar as regularidades desta prática discursiva e, conseqüentemente, seus efeitos em relação ao modo de conceber o próprio corpo e a vida. Para isso, nos respaldamos em Foucault (2009, 2010, 2014, 2015 e 2016) no que se refere à produção de verdades, de discursos e de sua engrenagem e à biopolítica. Considerando este último fator, que é uma lógica de governo e de gestão de vidas, tecemos explicações relativas à concorrência e ao desempenho com base nas colocações de Ehrenberg (2010). Buscamos respaldo também nas teorizações de Le Breton (2012) no que tange à corporeidade enquanto símbolo de coisas de uma época. O *modus operandi* da prática discursiva analisada se dá por meio de enunciados destacados que conferem à mesma o tom proverbial. Por isso, nos amparamos nas postulações de Maingueneau em relação à prática discursiva (1997, 2008b) e à aforização (2008a, 2010, 2014) para expormos e argumentarmos em relação às questões linguísticas e discursivas. Como a materialidade da prática se dá por meio de textos oriundos de outras esferas, observamos a possibilidade de argumentarmos em relação à intertextualidade e à interdiscursividade, por isso um objetivo subjacente a este trabalho é uma contribuição teórica a partir da ampliação das ideias destes fenômenos cuja positividade discutimos a partir de algumas postulações de Foucault (2016). Discutimos também questões inerentes à produção de subjetividade com base em Foucault (2010, 2014) e Guattari e Rolnik (2013). As análises feitas mostram que estamos diante de uma prática discursiva que forma, com outras de nosso tempo, um bloco de sentido inerente aos microfascismos, aos achatamentos das singularidades. Com este trabalho, pretendemos contribuir ainda mais para a reflexão sobre sentidos de existência orquestrados pela palavra já que a mesma cria, explicita e coloca realidades em movimento.

Palavras-chave: Prática discursiva. Enunciação aforizante. Corpo. Subjetividade.

ABSTRACT

GONÇALVES, Tatiana Jardim. *No pain, no gain: an analysis of bodybuilding's "motivational" discursive practice*. 2019. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This thesis presents an analysis of discursive practice, called motivational, that belongs to the field of bodybuilding. Taking into account that the body is a production, it can be captured and objectified by different perspectives, we are aiming at showing the discursive regularities and, therefore, their effects in relation to the ways of devising the body and ways of production of a certain reality. For that purpose, we have like support of our research in Foucault (2009, 2010, 2014a, 2014b, 2015 and 2016) as what relates to these issues concerns the production of truths, the engagement of discourses and biopolitics. Considering this last factor, it can be said that it refers to the logic of government and a policy of management of lives; so, we have recourse to Ehrenberg (2010) in relation to two strategies that relate to this logic: concurrence and performance. According to this perspective, Le Breton (2012), are the foundations of our reflections about corporeality as a symbol of an age. Having the enunciative Discourse Analysis as the basis, we discuss the linguistic and discursive peculiarities according to Maingueneau's conception (1997, 2008b) about discursive practice and the phenomenon called aphorization (2008a, 2010, 2014) that is the enunciative act of the practice. The *modus operandi* of the analyzed discursive practice is originated from texts that come from other areas, what it gives the possibility for a discussion about issues such as: interdiscourse and intertextuality. As a consequence, an underlying objective of this paper is the discussion about such phenomena which productivity is exposed from Foucault's considerations (2016) about utterance and its rarity. Having in mind that the discourses go in line with the subjects, we present an inherent discussion to the production of subjectivity based on Rolnik and Guattari (2013). The analyses have presented here and supported in the theoretical background allow us to state that this work touches points related to the senses of existences orchestrated by the word, since it creates realities and that put them in movement.

Keywords: Discursive practice. Aphorization enunciation. Body. Subjectivity .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Top Model Adriana Lima	31
Figura 2 – Top Model Lindsay Ellingson	31
Figura 3 – Esse corpo é meu	35
Figura 4 – Todos temos defeitos	35
Figura 5 – Diva não malha	39
Figura 6 – Meu esporte eu carrego no meu corpo	39
Figura 7 – Eugen Sandow	44
Figura 8 – Charles Atlas	44
Figura 9 – Clarence “Clancy” Ross	44
Figura 10 – Descrição da página monstrosbr	79
Figura 11 – Post 1	98
Figura 12 – Post 2	129
Figura 13 – Post 3	131
Figura 14 – Post 4	133
Figura 15 – Post 5	135
Figura 16 – Post 6	137
Figura 17 – Post 7	138
Figura 18 – Post 8	140
Figura 19 – Post 9	141
Figura 20 – Post 10	143
Figura 21 – Post 11	144
Figura 22 – Post 12	146
Figura 23 – Post 13	147
Figura 24 – Post 14	149
Figura 25 – Post 15	150
Figura 26 – Post 16	152
Figura 27 – Post 17	154
Figura 28 – Post 18	155
Figura 29 – Post 19	157
Figura 30 – Post 20	159

Figura 31 – Post 21	160
Figura 32 – Formações discursivas em contato	168
Figura 33 – Comparação	175
Figura 34 – Capitão América	178

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definição de fisiculturismo masculino	32
Quadro 2 – Modalidades masculinas do fisiculturismo	51
Quadro 3 – Modalidades femininas do fisiculturismo	56
Quadro 4 – Enunciações textualizante e aforizante	112

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1	O CORPO.....	24
1.1	O referente corpo.....	24
1.2	Corpo ou corpos?	28
1.2.1	<u>Corpo-objeto.....</u>	28
1.2.2	<u>Corpo-propriedade.....</u>	33
1.2.3	<u>Corpo-troféu</u>	36
2	CASA DE FERREIRO, CORPOS DE FERRO	40
2.1	<i>Bodybuilding</i> ou fisiculturismo?	40
2.2	Um pouco de história	41
2.3	Que prática corporal é esta?.....	45
2.4	Aspectos da prática na contemporaneidade.....	50
3	MEU CORPO, MINHA EMPRESA	56
3.1	Biopolítica: vozes utilitaristas na construção do corpo.....	57
3.2	Performance: entre o uso e o cuidado de si	62
3.3	Fisiculturismo: construção de músculos, atuação empresarial.....	66
4	NO MEIO DO CAMINHO, TINHA UMA PEDRA	71
4.1	Análise de uma prática discursiva: análise de um processo	72
4.2	Caracterização e descrição do corpus.....	74
4.3	Marcas linguísticas.....	80
4.3.1	<u>Vocábulos pertencentes ao campo da conduta.....</u>	81
4.3.2	<u>Verbos no imperativo</u>	82

5	QUEM VÊ MÚSCULO (NÃO) VÊ DISCURSO	84
5.1	Um discurso ... Uma prática discursiva	84
5.2	Um enunciado reitor: sem dor, sem ganho	89
5.2.1	<u>Uma prática discursiva ordinária</u>	92
5.2.2	<u>O objeto da prática</u>	94
5.2.3	<u>Os enunciados da prática</u>	96
5.2.4	<u>Os conceitos da prática</u>	100
5.2.5	<u>As estratégias da prática</u>	104
5.3	Os discursos constituintes	106
5.3.1	<u>A Aforização</u>	109
5.3.2	<u>A Aforização e o (s) outro (s) : interdiscursividade e intertextualidade</u>	115
5.3.3	<u>Uma potente atividade discursiva: redizer</u>	123
5.4	Os fisiculturistas: construtores de corpos e produtores de discursos	126
5.5	Análises	128
5.6	Discussões	161
5.6.1	<u>Enunciado reitor e aforização</u>	162
5.6.2	<u>Modo imperativo e tom proverbial</u>	164
5.6.3	<u>Unidade na diversidade</u>	166
6	SER FRANGO OU SER MONSTRO? EIS UMA QUESTÃO DE SUBJETIVIDADE	170
6.1	Da produção de subjetividade	170
6.2	Homo corpus: um homem performático ou um projeto de herói?	173
6.3	Subjetividade e (in) diferença	178
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
	REFERÊNCIAS	188

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O corpo, certamente, é o mais imponente e representativo símbolo da vida humana. Na odisséia carnal, o corpo é veículo, é instrumento, é objeto. O corpo é desejado, estudado, periciado, cuidado, examinado, subjugado, aprisionado, supliciado. A história narra o corpo. Na Idade Média, os corpos das mulheres que conheciam as forças da natureza eram queimados. Na Revolução Industrial, o corpo deveria servir a padrões de empregabilidade. Bem antes da era cristã, muitos corpos já eram crucificados. Durante séculos, corpos negros foram supliciados pelas engrenagens da escravidão. Poderíamos citar muitas práticas cujo cerne é o corpo, todavia um questionamento é necessário: de que corpos estamos falando? Não é possível admitir que muitas ações dirigidas ao corpo estejam ligadas somente ao fator biológico, ao aspecto tangível. Esses corpos são produzidos no limiar social, são corpos assumidos e concebidos em conjunturas muito específicas. São corpos objetificados.

Os corpos objetificados podem ser alvos de técnicas, de instrumentos, de modificações, de tecnologias, de leis, de teorias. Os corpos são alvos de dispositivos que os forjam e os fazem o que são no âmbito social. Há um dispositivo que talvez seja um dos mais massivos no que se refere à construção do corpo: o discurso. O discurso produz, estabiliza, naturaliza os objetos do mundo. Ao enunciarmos, transformamos o mundo e estabelecemos ordens para o mesmo. Assim, o discurso dá sentido ao corpo, o discurso confere ao corpo um dado status em conformidade com verdades instauradas, o discurso fabrica o corpo, o discurso fabrica corpos.

Há muitas enunciações cujo referente é o corpo. No âmbito estético, são enunciados os corpos saudáveis, os corpos magros, os corpos obesos, os corpos anoréxicos, os corpos reconstruídos. No âmbito das insurgências identitárias, as enunciações contemplam, entre outros, os corpos negros, os corpos indígenas, os corpos LGBTQs, os corpos femininos, os corpos periféricos etc. Assistimos a uma incursão pelo corpo. No que tange aos discursos que ligam o corpo à saúde, à qualidade de vida e à beleza, podemos destacar aqueles que enunciam as variadas maneiras de levar o corpo a atender certos objetivos. E esses discursos são veiculados por uma infinidade de textos. São revistas, programas de televisão,

blogs, vlogs, sites. Todos voltados para a manutenção do corpo saudável ou do corpo perfeito (perfeição atrelada a certa condição de verdade). Trata-se de um conglomerado discursivo que atua estrategicamente, pois “Sobre esse corpo se exercem medidas a respeito de seu volume, forma e superfície na tentativa de disciplinar o desejo de comer e colocar em curso programas de exercícios para movimentá-lo por meio de uma pedagogia da boa forma [...]” (CÉSAR, 2015, p.270).

Um dos eixos desta discursividade diz respeito à transformação do corpo através da prática de musculação. A musculação, em termos gerais, é uma modalidade de exercício em que, através do levantamento de pesos, o indivíduo aumenta e define seus músculos. Todavia, no âmbito do *corpo-discurso*, esta prática é elemento de diferenciação entre indivíduos que a praticam de forma sistemática. A musculação converte-se em uma técnica que transforma e agrega valores subjetivos. É nesta direção que está o interesse pela temática aqui estudada.

Os horizontes de uma pesquisa são traçados por uma rede de relações. Em conformidade com os atravessamentos do sujeito-pesquisador, qualquer sinal do mundo pode gerar afetos e suscitar questionamentos. Deparei-me, em certo momento, com a enunciação de uma fisiculturista que dizia em uma rede social que seus maiores desejos naquele dia da postagem, que antecedia uma competição, eram: uma barra de chocolate, uma bola de sorvete e um copo de água. Considerei extremo o fato de não poder haver consumo de água antes de uma competição no fisiculturismo, já que a água é um elemento fundamental para a vida humana. Ao procurar a motivação para tal abstinência, pude constatar a existência de um universo discursivo ligado ao fisiculturismo que comportava, entre outros, um eixo denominado como motivacional. Constatei, na confissão da fisiculturista e no aparato discursivo relacionado a este universo, um terreno profícuo para investigação no campo da linguagem, pois sempre me inquietaram as enunciações dirigidas ao corpo, as enunciações que, nos seus diferentes eixos, pareciam encaminhar os corpos e suas peculiaridades. Sempre me inquietou o fato de o corpo ser alvo de enunciados que o direcionavam, e este universo discursivo já permitia entrever atravessamentos de outras ordens que não as da saúde e a da motivação.

Ao observar os enunciados “*Fika* grande porra!”, “Em busca do shape inexplicável!”,¹ “Esse esporte é pra forte, literalmente (...) Forte em todas as áreas. Então, faça por você, faça com amor. Você vai ser campeão!”², pertencentes a este eixo discursivo, pude verificar que havia reivindicações diferentes daquelas que estariam ligadas à saúde ou à qualidade de vida, pude captar certa regularidade no que se refere a princípios evocados, pois evidenciou-se um atravessamento de outra ordem. Pude constatar o atravessamento de uma lógica cuja reivindicação era o corpo como demonstração do que um indivíduo é e faz, o corpo como o troféu adquirido com muita luta, com muito sacrifício. Constatei, por fim, a convocação de um ideal relacionado à conquista de um corpo forte, de um corpo grande. Pude observar a existência de um discurso que evocava, entre outras coisas, os ideais de luta, de garra, de força, de superação e de determinação. Este corpo, que representa a vitória, não é de todo praticante da musculação, mas daqueles que se dedicam; este corpo é do fisiculturista ou daqueles que adotam o mesmo estilo de vida. Verifiquei, então, que havia, nos enunciados, uma certa convocação, ou seja, os sujeitos inseridos na prática deveriam abrigar uma determinação ou, como afirmam os próprios adeptos da atividade, deveriam assumir uma filosofia de vida. Logo, compreendi que determinada verdade perpassava esta enunciação.

A investigação preliminar permitiu observar o modo de agir, os discursos, as vestimentas, os hábitos alimentares, os hábitos sociais dos sujeitos que adotavam a prática. Tudo atuava em rede e era trabalhado para mostrar o ideário corporal a ser atingido e mantido. Este corpo musculoso, hipertrofiado perpassado pelo rigor e pela disciplina era exaltado e requisitado por meio de uma produção de textos cuja tônica é denominada pelos enunciadores empíricos da esfera em questão de motivacionais. São vlogs³, blogs, publicidade, páginas variadas, posts e até um segmento musical (o maromba music)⁴.

¹ Enunciados que dão nome às páginas dos fisiculturistas Felipe Franco e Tiago Toguro, respectivamente. Acessíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=tgPRuPJ7j0U> e <https://www.youtube.com/user/shapeinexplicavel>

² Enunciado proferido pelo fisiculturista Bruno Moraes. Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U17wDomFsoc>

³ Vídeos que contêm as gravações da rotina dos bodybuilders. Alguns deles são BMotivation, Motivação Bodybuilder, Diário do Ander entre outros.

⁴ Segmento musical idealizado por LP Maromba (<http://www.youtube.com/user/andreviilar>) destinado a relatar o cotidiano de fisiculturistas e marombeiros bem como a motivá-los na atividade de

Identifiquei, desse modo, um discurso que convocava uma moralidade relacionada a ideais superiores para construção e para manutenção de um corpo grande que diferencia os praticantes dos demais indivíduos. Nesse ponto, refletimos: se há um discurso intitulado motivacional para obtenção de um corpo hipertrofiado, há também algum motivo para quererem tais corpo, ou seja, o corpo não era a única motivação, haveria, explicitamente ou implicitamente, lógicas em disputa neste discurso. Observei, então, que alguns representantes do segmento enunciavam: “Estamos trabalhando para a edificação do fisiculturismo enquanto esporte”, “Carrego o tempo todo meu esporte comigo”, “Meu esporte é solitário”. Conjecturei que este discurso, denominado como motivacional pelos praticantes do esporte, poderia ser um discurso de resistência, pois a prática é alvo de críticas por ser considerada por muitos como abusiva para o corpo e, ainda, por haver um movimento, uma disputa para que o Fisiculturismo tenha mais reconhecimento como esporte. Dessa forma, a motivação para obtenção de um corpo hipertrofiado atuaria como recurso para captar indivíduos que engrossariam o coro de vozes que afirmariam a natureza esportiva do Fisiculturismo.

As leituras dos enunciados, entretanto, iam apontando outros caminhos, outras verdades. Apontavam para a possibilidade de o corpo ser transformado no cerne de um processo ético-estético, apontavam para as implicações sociais, já que os indivíduos, ao estabelecerem certas relações com seus corpos, mudavam suas relações como o outro e com a vida. As leituras começaram a indicar que este discurso comportaria certa dimensão política e certa relação com uma produção subjetividade. Desse modo, certos questionamentos surgiram. Por que estes corpos grandes e hipertrofiados precisam ser mantidos através deste discurso que parece evocar ideais de força? Por que os discursos evocam questões tão caras ao ser humano para manter tais corpos? Que relações a fabricação e a manutenção desses corpos têm com o nosso tempo? Que elementos da nossa conjuntura ensejam a produção de um discurso dito motivacional para obtenção de um determinado perfil de corpo? Interessei-me, então, em compreender o funcionamento deste discurso. Esse interesse, como já citei, tem relação com as inquietações que sempre me causaram as lógicas de imposição e de condução de

musculação. Cabe ressaltar que o segmento foi idealizado pelo representante mencionado, mas há uma série de indivíduos que produzem músicas desta natureza.

vida. Lógicas que se dirigiam (e se dirigem) aos corpos de diferentes formas, nos diferentes eixos das vivências. São lógicas de cerceamento relativas às diferentes estéticas, às ditas deficiências, às diferentes formas de vivenciar a sexualidade, às diferenças inerentes à própria corporeidade humana. São lógicas que se manifestam na escola, no comércio, nas estratégias de captação de clientes. São lógicas que estão nas entrelinhas da vida e que muitas vezes a regem. O cerceamento das diferenças corporais captura os sujeitos, por isso as denominações obeso, magro, bonito, feio, musculoso, sarado, saudável, doente e outras passam a restringir os sujeitos aos seus corpos. Logo, este estudo está atrelado à possibilidade de debater e de refletir sobre o fechamento de sentidos que é dado aos corpos.

Todo discurso é uma produção localizada por ser indissociável do tempo e das verdades instituídas. Não é natural, por exemplo, que os corpos, tão díspares, tão peculiares assumam dadas condições somente por suas individualidades físicas. Trata-se de um processo de discursivização, trata-se de uma produção relativa a um trabalho entre língua e história.

Desse modo, refletir sobre o discurso motivacional para obtenção de um corpo hipertrofiado é, antes de tudo, colocar em pauta as relações que, em nosso tempo, possibilitam sua produção e sua manutenção. O fio deste discurso é aquele que coloca o indivíduo como produtor de si mesmo. Um eixo dos enunciados que são colocados como motivacionais, nesta comunidade discursiva, convocam o sujeito para a autogestão, convocam o sujeito a assumir uma autonomia que não passa pela relação com o outro e com as questões da vida. Tal discurso, que chama o sujeito a empreender esforços para sustentar um modo de vida que configura o determinado perfil de corpo, parece ser também o chamamento para uma corrida, para uma concorrência com os outros e consigo.

Assim, questiono se estamos mesmo diante de um discurso motivacional. Defendo a ideia de que o denominado discurso motivacional é a reverberação da lógica neoliberal. Logo, não estaríamos diante de um discurso produzido para levar o indivíduo somente a ter saúde ou a empreender dado padrão estético, mas diante de um discurso cuja tônica da produção corporal produz também sujeitos e os leva a engrossar o coro das vozes daqueles que buscam o empresariado de si, em diferentes âmbitos, através da concorrência desenfreada e imperiosa. Estaríamos diante de um discurso cujo fio condutor extingue ou desconsidera as relações com o outro e consigo na busca por determinado padrão corporal. Não se trata somente da

produção de textos e de sujeitos, trata-se da produção de textos que dão visibilidade e existência a sujeitos, e os imantam, os identificam. Trata-se, portanto, de uma prática discursiva como concebe Maingueneau (1997, 2008b).

Minha tese, então, é a de que estamos diante de uma prática discursiva que está na via das características dos fascismos contemporâneos, em que há o refinamento dos discursos que cerceiam as liberdades. Conjecturo que, embora a feição material da prática discursiva se apresente como motivadora, há a inserção da mesma em uma rede de práticas de imposição, de silenciamentos e de apagamentos. Acredito que estamos diante de uma prática discursiva que é atravessada por muitas questões inerentes a uma política que rege a vida, a uma política relativa aos corpos dos homens e ao modo como devem ser governados para retroalimentarem determinado modo de existência em que as responsabilidades são única e exclusivamente suas, em que as redes de relações são apagadas e negligenciadas.

O corpo e suas transformações, por meio de diversos dispositivos, tem sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, tais como: Educação física, antropologia, psicologia social, ciências sociais, medicina, comunicação⁵. São áreas que abordam os diferentes impactos e desdobramentos de certas práticas no corpo. Entendemos, porém, que investigar a prática discursiva aqui exposta possibilitará mostrar âmbitos da sociedade e os modos como estes se relacionam e atuam no mundo. Primeiramente porque a língua é uma instância produtora de realidade, uma vez que sua manifestação abarca fatores de diferentes ordens. Desse modo, o aspecto acional da língua estaria produzindo e sustentando realidades inerentes a uma maneira de conceber o corpo que, na verdade, são formas de conceber a realidade. Além disso, sabemos que o discurso é uma rede que abarca relações de ordens distintas. Desse modo, estaríamos diante da possibilidade de explicitar, ou no mínimo de vislumbrar, certos sustentáculos de relações sociais.

Acredito que estudar esta prática discursiva é refletir sobre as relações sociais e seus impactos na contemporaneidade, é refletir sobre os efeitos que provoca nos sujeitos, é analisar as relações que se dão através dos mesmos. Esta pesquisa, portanto, se justifica pelo fato de apresentar a proposta de analisar um discurso que está em exercício e se inclui em um nicho maior: o discurso acerca da saúde e da

⁵ Tal informação foi constatada em <http://bancodeteses.capes.gov.br> e <http://bdtd.ibict.br/>

qualidade de vida. Analisar o que é denominado por fisiculturistas e marombeiros como discurso de motivação é refletir sobre o papel da linguagem na constituição e na veiculação dos discursos, é compreender como certas crenças e certos valores se fazem presentes e se constroem em nossa sociedade, é compreender como o corpo assume sentido e centralidade. Analisar esse discurso é, portanto, discutir sobre quem nos tornamos, sobre as subjetividades que assumimos e sobre a (s) identidade (s) do próprio discurso.

Por fim, o estudo desta prática discursiva relaciona-se também a meu lugar de professora da rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Nos últimos anos, os docentes e os discentes da rede vêm sendo assolados por políticas empresariais. É possível afirmar isso com base na implementação, em 2011, do Sistema de Avaliação da Educação Básica do Rio de Janeiro, o SAERJ. Avaliação, pertencente ao eixo das avaliações em larga escala, que tinha o intuito de avaliar níveis de aprendizagem dos alunos o que, conseqüentemente, gerava impactos nas atividades dos docentes e na rotina escolar. A gestão governamental da época propunha premiações e bonificações para as escolas que atingissem as metas definidas para o exame. Isso provocava competições, isso constrangia a atividade dos educadores, uma vez que a não aceitação de tal lógica por parte de muitos gerava situações de enfrentamento com gestores escolares e com os pares que concebiam o atravessamento desta política no cotidiano escolar.

Desde então, esta lógica que, em alguns momentos é mais explícita e em outros menos, vem se infiltrando e fazendo parte do cotidiano das escolas. Seja através dos projetos internos em que são colocados em destaque os trabalhos de certos docentes, gerando uma competição, seja através das ordens que chegam às escolas, contendo a formulação de estratégias para “aprimorar rendimento dos alunos”, o que está em jogo é a reverberação de uma perspectiva que contempla resultados. Assim, a análise de uma prática discursiva atravessada pela reivindicação de valores que estão em outros lugares relaciona-se ao meu lugar de professora e à minha prática em sala de aula porque sou afetada pela mesma lógica de fechamento, de cerceamento. Minha atuação docente não está apartada da minha atuação como pesquisadora, o vínculo não se estabelece somente pela materialidade com a qual lido, a linguagem, mas, sobretudo, pela necessidade de vislumbrar nas duas frentes horizontes mais livres.

Dessa maneira, minha inquietação com discursos e práticas de fechamento, meu interesse pelas enunciações que intentam dar diretrizes à corporeidade, o estranhamento a um enunciado proferido por uma fisiculturista, meu lugar como professora que, pelo viés discursivo tenta colocar em prática uma educação linguística, constituem a rede de afetos que me impulsionam a empreender esta pesquisa.

O objetivo, portanto, foi compreender o lugar deste discurso na trama social. A análise aqui realizada tencionou empreender uma discussão relativa aos meios de captura das subjetividades, de produção dos desejos e das singularidades, uma vez que as dimensões de uma prática discursiva colocam o homem em um patamar político. No que se refere ao âmbito linguístico, foi apresentada a produtividade do regime enunciativo aforizante e, ainda, argumentos em favor da ampliação das ideias de interdiscursividade e de intertextualidade, visto que a configuração linguística deste discurso se dá através enunciados pertencentes a outras esferas. A inserção desses enunciados permitiu depreender que as referidas ideias estão relacionadas a um modo de operação em que textos possibilitariam que discursos sejam produzidos e ressignificados ao longo do tempo.

Antes de expor o que será trabalhado em cada capítulo, cabe um esclarecimento. Como a prática discursiva que será lida se alicerça em outros textos, resolvi lançar mão deste recurso para produzir os títulos de alguns capítulos. Por isso, cada capítulo será intitulado a partir de apropriações ou de reescritas de outros textos. No preâmbulo de cada capítulo, exponho os motivos pelos quais me apropriado, reproduzo ou reescrevo os textos.

O primeiro capítulo, intitulado *Que corpos são esses?*, trata das questões ligadas à corporeidade a partir de metaforizações que concebemos, já que definir o corpo é contrariar as perspectivas de vida e as perspectivas teóricas com as quais no alinhamos. Recorremos, teoricamente, a Le Breton (2012) e Foucault (2014a, 2014b) para tecermos explicações e argumentações sobre três nuances de corporeidade que podem ser observadas atualmente.

No segundo capítulo, *Casa de ferreiro, corpos de ferro*, faço uma exposição acerca do fisiculturismo. Exponho o histórico da prática, alguns dos atores considerados fundamentais para a propagação do esporte e toda a engrenagem que o compõe. Exponho, ainda, questões relativas à construção dos músculos, pois as reações do organismo aos exercícios com peso nos dão subsídios para refletir sobre

as questões motivacionais advogadas pela comunidade discursiva. Além, disso, apresento aspectos da prática na contemporaneidade.

O terceiro capítulo, *Meu corpo, minha empresa*, traz uma exposição em torno da biopolítica e das relações que esta estabelece com a prática discursiva em questão. Neste capítulo, abordo as questões atinentes ao empresariado de si mesmo e à performance, práticas implantadas pela biopolítica que perpassam a prática discursiva em questão. Para isso, recorro a Foucault (2010) e Ehrenberg (2010).

No quarto capítulo, *No meio do caminho, tinha uma pedra*, a partir da ideia de Cartografia concebida por Deleuze e Guattari como caminho para o pesquisar, apresento os itinerários feitos para acompanhar e fazer a análise da prática discursiva em questão. Recorri às reflexões e às operacionalizações do método feitas por Escóssia e Kastrupp (2005) e por Spink e Frezza (2013).

O quinto capítulo, intitulado *Quem vê músculo (não) vê discurso*, traz uma abordagem sobre as peculiaridades da prática discursiva que nos propomos a analisar. Com base em Foucault (2016) e Maingueneau (1997, 2008b) no que se refere, respectivamente, às noções de formação discursiva e de prática discursiva, lanço o questionamento e debato o fato de os discursos não serem motivacionais. Considerando, ainda, a noção de enunciado reitor, formulada por Foucault (2016), argumento em torno do enunciado *Sem dor, sem ganho*, que é a mola propulsora da prática discursiva em questão. Para tratar da configuração linguística do discurso, do seu *modus operandi*, pauto-me nas teorizações de Maingueneau (2010, 2014, 2015) em torno da aforização. Faço uma exposição sobre o perfil enunciativo da prática discursiva e mostro as regularidades linguísticas presentes na mesma com base em Maingueneau (2008b). No mesmo, capítulo, são apresentadas as análises dos textos. Ainda com base em concepções de Foucault (2016), exponho argumentos em torno das relações entre aforização, interdiscursividade e intertextualidade.

O capítulo seis, *Ser frango ou ser monstro? Eis uma questão de subjetividade*, traz uma abordagem em torno dos sujeitos que produzem esta prática discursiva e que são produzidos pela mesma. Considerando as perspectivas teórico-metodológicas que amparam esta pesquisa, o sujeito não é um elemento *a priori*, não é um elemento anterior, mas uma produção inerente à conjuntura e às suas múltiplas práticas. Portanto, este capítulo trata da subjetividade enquanto produção, processo com base em Foucault (2014), Guattari e Rolnik (2013).

O último capítulo comporta os apontamentos que podem ser feitos sobre alguns pontos a partir deste estudo.

Cabe, por fim, salientar que este estudo não é uma tentativa de desqualificar as questões relativas à saúde e às práticas que almejam o bem-estar. Este trabalho não é uma crítica ao Fisiculturismo, à musculação ou aos sujeitos que adotam tais práticas. Nosso questionamento está na via das apropriações e das capturas que são feitas destas práticas. Sendo o discurso, como afirma Foucault (2009), a reverberação de uma verdade que nasce diante de nossos próprios olhos, acredito que este trabalho toca em pontos que compõem o mosaico das veridicções que em nossa conjuntura, circunscrevem práticas, discursos, modos de transitar no mundo e, com isso, reforçam uma dada hegemonia. Por isso, debruçamo-nos sobre esta temática.

1 O CORPO

Neste capítulo, expomos concepções sobre o corpo que podem ser apreendidas a partir de referenciais teóricos de cunho social e filosófico. Já esboçamos na introdução que o corpo não se resume ao aparato biológico, à sua forma tangível. Não obstante nossas ações sejam por nós compreendidas como resultantes de reações, impulsos ou tendências; nossos corpos são o que são e fazem o que fazem porque significam no âmbito social. É nesta direção que faremos uma exposição em torno do corpo. Considerando as concepções teóricas que norteiam esta tese, não acreditamos na possibilidade de uma definição para o corpo, já que qualquer definição é incompleta e fugidia por não contemplar todas as facetas que atravessam um objeto. Nas próximas linhas, apresentamos reflexões e argumentações sobre o referente corpo enquanto objeto perceptível no âmbito social.

1.1 O referente corpo

O vocábulo corpo é utilizado de formas variadas, em contextos distintos. É, portanto, um vocábulo que aparece em sintagmas formadores de diversos enunciados que fazem remissão a diferentes realidades. Não à toa, enunciamos corpo físico, corpo social, corpo astral, corpo de jurados, corpo docente etc.

E quando produzimos enunciações sobre o corpo humano do que estamos falando? O que dizemos quando usamos este vocábulo? O que é um corpo? Se não fazemos referência somente ao aparato biológico, como mencionado nas linhas iniciais, fazemos referência a quê? Não seria o aparato biológico também um recorte entre muitos? Não seria este aparato uma tentativa de aprisionar as múltiplas faces do corpo no limiar social?

Spinoza (2016) postula que os corpos são afetados. Afirma o filósofo: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (p.98). Partir desta premissa, é assumir a ideia de que o corpo

não se constitui autonomamente, é considerar os atravessamentos de forças que lhes dão consistência e existência, é considerar que o corpo não se constitui por uma essência, mas pelos movimentos que faz a partir das forças com as quais encontra. O corpo humano, então, mesmo que seja considerado na sua vertente biológica, é um organismo múltiplo devido à integração de outros corpos, “O corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto.” (SPINOZA, 2016, p.66)

Nesse sentido, conceber que um corpo é composto por outros corpos, é tratar de atravessamentos de diferentes ordens. Se compreendermos que, no âmbito social, o corpo significa e simboliza, admitimos também que a história atravessa o corpo, que o corpo é o testemunho da história. Logo, ao refletirmos sobre os corpos, refletimos também sobre as histórias nas quais os corpos se transformam e na história que faz do corpo o que ele é em dada conjuntura. Tratar, portanto, do corpo é tratar das teias sociais que o tecem, é “descobrir a parte de história no cotidiano de nossos corpos, forjar os instrumentos que permitem compreendê-la” (COURTINE, 2013, p.9).

Desse modo, o corpo se torna um referente moldável, atualizável. O corpo ganha um histórico gerado pela conjuntura que condensa concepções, lógicas, razões de vida. Assim, o que denominamos corpo, em cada momento, é uma representação das esferas regentes ou uma condensação de princípios de uma época.

Poderíamos, neste início, traçar um itinerário relativo à corporeidade, mas isso traria dois inconvenientes: a trajetória do corpo na sociedade, no mundo, que é extensa e não caberia aqui e, ainda, a incoerência com a nossa proposta e com o aparato teórico em que nos apoiamos. Não queremos apresentar um tratado sobre o corpo, mas algumas *histórias dos corpos*, isto é, queremos apresentar os corpos forjados pelas conjunturas, corpos cuja existência não têm nada de essencial, mas de circunstancial. Para isso, consideramos alguns acontecimentos cruciais que, por reverberarem suas lógicas, fundaram e ainda fundam muitas experiências.

Entre as produções humanas estão as diversas formas de manifestações religiosas. O Cristianismo, sem dúvida, é a mais impactante delas. Foi um momento fundante para a humanidade, pois gerou abalos de diferentes ordens naquilo que, até então, parecia “estabilizado”. Mudanças ocorreram e, sem dúvida, o corpo foi atingido. As razões apregoadas pela doutrina e por seus seguidores atingiram a

mentalidade da época e, conseqüentemente, o modo de vida dos indivíduos. Se fôssemos olhar detidamente para o corpo no Cristianismo, teríamos que citar muitas passagens, o que não faz parte de nossos propósitos aqui. É possível recuperar uma fala de Cristo, transmitida pelos apóstolos, para pensarmos em uma ou outra concepção de corpo. Uma destas falas, contida no Evangelho de Matheus, é: “Por isso vos digo: não andeis preocupados quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?”⁶, permite observarmos duas direções. A primeira revela a primazia do que é imaterial sobre o que é material. A segunda revela a assunção do corpo como elemento de valor. Nesse sentido, não há negação do corpo, mas o apelo pelo equilíbrio no que se refere ao mesmo. O que vemos aqui não é a face subjugadora do Cristianismo, forjada pela apropriação humana para o exercício do poder, mas uma face relativa à temperança, ao equilíbrio.

Não é demais explicitar outra conjuntura que, por meio de práticas, solidificou um estado de sociedade em que a escravidão negra regia os domínios político, econômico e social. O maquinário desta produção vinha das vertentes da ciência, da religião, da economia, da política, o que propiciou a industrialização da escravidão e dos efeitos decorrentes desta. A criação, o recrudescimento e a solidificação deste sistema levaram os corpos à condição de insignificância, de invisibilidade. Mbembe (2018) ressalta:

Seria errôneo pensar que saímos definitivamente desse regime que teve o comércio negreiro e em seguida a colônia de *plantation* ou simplesmente extrativista como cenas originárias. Nessas pias batismas da nossa modernidade, pela primeira vez na história humana, o princípio racial e o sujeito da mesma matriz foram operados sob o signo do capital, e é justamente isso que distingue o tráfico negreiro e suas instituições das formas autóctones de servidão. [...] (p. 32-33) (grifo do autor)

Houve, portanto, uma ressignificação da escravidão. Aliado às questões raciais o ideário econômico transformou o cenário escravocrata, potencializando suas ações no que tange à transformação dos corpos em mercadorias. A visibilidade dada a estes corpos era a do utilitarismo, a do potencial econômico que poderiam representar.

A ciência também exerceu papel substancial no que diz respeito aos alicerces da escravidão. Nas palavras de Foucault (2016, p.219), “[...] Um saber é aquilo que

⁶ Matheus, cap.6, vers.25

podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico [...]”, então um saber diz respeito a condutas que dadas ciências adotam para conceber status científico a dados objetos. As teorizações, por exemplo, acerca das diferenças entre os crânios dos seres humanos negros e os crânios dos seres humanos brancos sedimentaram e justificaram a ideia de que o corpo negro poderia ser vilipendiado, sacrificado, exposto à exaustão para fins econômicos e sexuais. Logo, o corpo do negro foi fabricado para diferentes fins que se materializavam por vias da escravidão. O corpo maltratado do negro era, pois, um corpo sem identidade humana o que gerou efeitos imensuráveis para as relações sociais.

É possível, ainda, vislumbrarmos uma concepção de corpo no âmbito das insurgências identitárias. No panorama atual, existências cujas estéticas até então eram apagadas, silenciadas devido à produção social de negação; estão produzindo seus espaços para existirem de acordo com suas singularidades. É o caso da assunção do cabelo crespo, em que negros e negras assumem sua identidade étnica, desarticulam projetos hegemônicos e criam outras condições de produção de si, dos outros e da sociedade. Entrevemos, aqui, um corpo que não é só livre, mas, sobretudo, um corpo que busca suas próprias possibilidades de existência.

Estas três exposições confirmam que o corpo não pode ser definido. O que podemos fazer com o corpo é compreender sua produção, sua configuração, pois cada instância de produção, cada instância de acontecimentos possui redes que amarram os corpos, os afetam e os produzem de formas distintas, impondo aos mesmos limitações e possibilidades. Obviamente, isso não é estanque, mas há uma regularidade aliada ao que é hegemônico em dados momentos. Os corpos, então, são o que são, ocupam os lugares que ocupam em conformidade com isso. Por isso, perguntamos na seção seguinte sobre a natureza dos corpos e tentamos responder da maneira que consideramos mais condizente.

1.2 Corpo ou corpos?

Responder a tal questão é uma tarefa complexa, pois, se a realidade é moldada e multifacetada, então qualquer objeto do mundo também o é. Assim, compreender o corpo é, antes de tudo, compreender a teia de relações que tecem e produzem aquilo que chamamos de realidade. Desse modo, precisamos delinear o corpo do qual estamos tratando.

Como pontuamos acima, há corpos de naturezas distintas que atuam na formação do corpo enquanto construto social, ou seja, há forças sociais, políticas, econômicas e éticas que propiciam a captura e a modelização do corpo. Nesse sentido, um corpo pode ser compreendido como uma construção social oriunda de tempo e espaço específicos. Quando é enunciado, objetificado ou atingido por qualquer ação, só o é em conformidade com tais fatores. Assim, propomo-nos a explanar e argumentar acerca do corpo a partir de uma divisão. Como a intenção é pensar nas teias que constituem o corpo enquanto construção e produção, apresentamos três subseções e denominamos cada uma em conformidade com a explanação e com a argumentação que queremos tecer. Elegemos, então, três metáforas para delinear certas perspectivas estéticas/éticas que podem compreender o corpo na contemporaneidade. Tais metáforas estão atreladas ao que é possível captar na atualidade em relação aos simbolismos inerentes à corporeidade humana. Outras poderiam ser expostas aqui, no entanto, optamos pelas metáforas que traduzem o corpo enquanto objeto de engrenagens utilitaristas, que gerenciam a vida para fins não são saudáveis para o sujeito ou para a coletividade, e por uma metáfora que diz respeito às insurgências identitárias que assistimos no momento.

1.2.1 Corpo-objeto

Diferentemente do que o título desta seção possa suscitar, um corpo-objeto não é aquele que pode apenas ser usado, não é aquele com o qual se faz o que

quer de forma aleatória. Este corpo é uma superfície na qual são inscritas as marcas de uma época, de uma sociedade.

As teses de Foucault (2012) em *Vigiar e Punir* possibilitam a observação de um esquadramento relativo ao investimento de poder sobre os corpos. É o investimento que modela, talha o corpo e suas atividades. É o investimento dirigido às minúcias dos movimentos corporais, é o investimento do poder disciplinar.

Delinear o corpo sob tal perspectiva, é depreender um empreendimento de forças ligado a uma modelização. Os corpos deveriam estar alinhados a padrões que os tornassem úteis e, ao mesmo tempo, dóceis. Nesse sentido, mecanismos e estratégias extremamente coercitivos e refinados faziam parte do processo. Tais estratégias, colocadas em prática ininterruptamente pelas esferas de poder, eram caracterizadas por “Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder [...]” (FOUCAULT, 2012, p.134).

Assim, o corpo é talhado, moldado, fabricado para fins econômicos e sociais. O corpo, na era Clássica, era efetivamente elevado à condição de objeto uma vez que suas ações eram dirigidas sem sua participação ativa. O corpo, neste panorama, era atravessado pela anatomia do detalhe. Cada gesto, cada ação, cada olhar devia ser milimetricamente submetido a este sistema. O poder disciplinar não negligencia as minudências, pois é por meio do gerenciamento delas que são erguidos certos ideais, certos intentos.

O esquema do poder disciplinar apresenta-se nas instituições pelas quais os indivíduos, necessariamente, passam ou passarão: a escola, o hospital e o quartel. Nestes ambientes, a disciplina organiza os corpos, confere seriação aos mesmos. Na dinâmica do poder disciplinar,

[...] Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimentos, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 2012, p.138)

Tal organização tira do sujeito a possibilidade de se colocar ativamente no ambiente, tira do sujeito a possibilidade de se movimentar politicamente, já que seu corpo fica preso a laços muito apertados que, ao comprimirem e capturarem a estrutura física através do tempo e do espaço, tiram dele a possibilidade de refletir sobre esse fator e de se colocar como sujeito de ações saudáveis.

Tal organização requer vigilância para garantir o enquadramento do indivíduo em seus preceitos. Sendo assim, todos os passos do sujeito são controlados e ditados, ele é impelido a alinhar seus gestos a uma engrenagem metódica, o que define um agir social amarrado à lógica da punição, pois aquele que não cumpre tais preceitos é alvo de penas.

Toda essa mecânica descrita por Foucault é uma engrenagem que visa a docilização os corpos. É uma engrenagem que anestesia a força dos corpos para torná-los aptos a certos fins. Nesta mecânica, há recursos para o adestramento dos corpos: a vigilância, a sanção normalizadora e o exame. Esses recursos atuam concomitantemente na lógica do poder disciplinar e asseguram seu pleno exercício.

Foucault (2012) compreende a vigilância como a técnica do olhar, isto é, o sujeito e seu corpo estão constantemente em observação. Essa observação produz efeitos, pois é o olhar do poder, olhar que indica o que pode e o que deve ser feito para que se enquadre nos padrões. Esses olhos veem, mas não são vistos, sua eficiência consiste exatamente nessa instauração de um poder que não se vê, mas se concebe a existência.

A sanção normalizadora diz respeito às penalidades aplicadas aos corpos, é uma técnica que visa a erradicar o desvio. O poder disciplinar implanta normas muito rígidas para os corpos. Os corpos devem ser ativos para produzir e para obedecer, desse modo aqueles corpos que não seguem tal norma são afetados por penas. O normal, então, é um princípio norteador, e todos os corpos penalizados o são para que voltem ou atinjam o estado de normalidade imposto pelo poder disciplinar.

Nesse sentido, há o exame, técnica que reúne a vigilância e a sanção normalizadora. É a técnica que qualifica, classifica e pune ou, nas palavras de Foucault (2012, p.177), é a técnica que “[...] estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados”. [...]

O panorama do poder disciplinar nos oferece subsídios para pensarmos no corpo-objeto. Podemos compreender que um corpo-objeto é o corpo construído para utilidade. Embora possamos ver, na contemporaneidade, muitos fatores relativos à

corporeidade humana, podemos captar a presença do poder disciplinar em alguns vieses. Observamos, por exemplo, a exposição das medidas que definem os corpos das supermodelos:

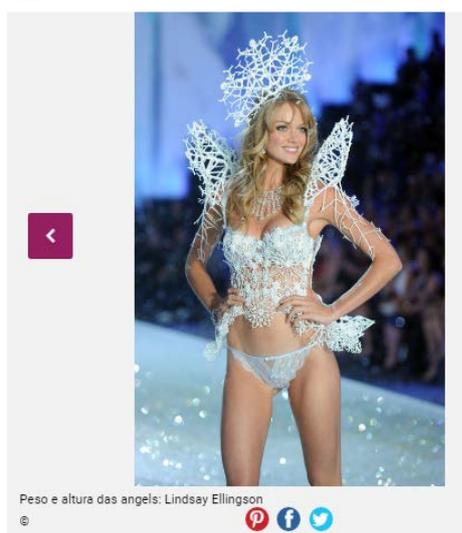
Figura 1 – Top Model Adriana Lima



Adriana Lima
Peso: 55 kg
Altura: 1,77 m

Fonte: taofeminino.com.br

Figura 2 – Top Model Lindsay Ellingson



Lindsay Ellingson
Peso: 53 kg
Altura: 1,79 m

Fonte: taofeminino.com.br

Nas descrições das imagens⁷ acima, são exibidas as medidas das supermodelos que desfilam pela marca Victoria's Secret, famosa por apresentar seus desfiles de lingerie no formato de show em que as modelos dividem a passarela com cantoras ou cantores. As medidas acima apresentadas nos fazem entrever o exame, que, como observa Foucault, foi transformado pelo poder disciplinar em técnica para verificar o enquadramento dos corpos aos objetivos determinados pelo poder. Esse corpo feminino magro, esguio e definido que comporta padrões de beleza semelhantes atende a um requisito imperioso da indústria da moda. Neste universo, não há lugar para os desviantes, para os que não tenham tais medidas, que não tenham tal beleza.

Outra demonstração dos princípios do poder disciplinar aparece no fisiculturismo através das definições corporais indicadas pela IFBB (Federação de

⁷ Imagens retiradas de <http://www.taofeminino.com.br/famosos/album1028169/peso-e-alturas-das-angels-as-medidas-das-super-modelos-da-victoria-s-secret-0.html#p1>

Cultismo e Fitness), instituição que rege e organiza os campeonatos de fisiculturismo no Brasil. Esses campeonatos são divididos por categorias, cada categoria contém definições corporais diferenciadas para homens e mulheres. Observam-se as prescrições de uma dessas categorias:

Quadro 1 – Definição de fisiculturismo

Fisiculturismo CLÁSSICO (masculino)

É uma modalidade do Fisiculturismo competitivo destinada aos atletas do sexo masculino que não desejam desenvolver seus músculos ao extremo, optando por um físico mais “Clássico”.

Com o propósito de criar chances iguais para eles, foi criada uma tabela de adequação onde o peso corporal dos concorrentes é limitado de acordo com sua altura, seguindo uma fórmula especial criada pela IFBB.

Atualmente existem quatro categorias: até e incluindo 168 cm, até e incluindo 171 cm; até e incluindo 175 cm, até e incluindo 180 cm, e mais de 180cm.

Com o volume muscular limitado, é dada especial atenção à qualidade, e principalmente a visão geral do físico, as proporções do corpo e linhas, a forma muscular, e especialmente a condição que o atleta se apresenta no dia da competição (densidade, nível de gordura corporal, definição e detalhes).

Estas qualidades são analisadas durante as rodadas de avaliação do Físico, quando os todos os atletas concorrentes executam as poses obrigatórias, da mesma forma que na categoria Fisiculturismo Sênior.

Os Atletas devem executar as poses e rotinas com os pés descalços, e de sunga

Fonte: <https://ifbbbrasil.com.br/modalidades/>

Estas prescrições indicam formas e medidas para que corpo seja condizente com objetivos do campeonato. Tais normas são a representação do controle, uma vez que participar destes campeonatos demanda um enquadramento por parte dos participantes, e isso não é somente uma questão de adaptação, não se trata somente de um enquadramento técnico. No mundo das competições dos corpos hipertrofiados, os mesmos são alçados à condição de carne. E a “carne é o que se nomeia, a carne é aquilo de que se fala, a carne é o que se diz.” (FOUCAULT, 2012, p.174). A carne assume papel central e passa, então, a ser critério para qualificação do sujeito. Tal qualificação, entretanto, é, automaticamente, o indício da desqualificação, uma vez que não ter atributos inerentes ao padrão estabelecido retira o sujeito dos universos que requerem determinados corpos. Não se trata somente da exclusão do concurso ou da determinação de um não pertencimento ao grupo, mas do fato de o corpo ser alçado, tanto no mundo da moda como no mundo do fisiculturismo, ao estatuto de carne, o que coloca na condição de objeto. Esses

corpos falam durante os exames, os exames falam dos corpos e promovem a exclusão das possibilidades de diferença. Os exames se constituem, pois, como práticas discursivas, pois

(...) não se entra numa idade em que a carne deve ser enfim reduzida ao silêncio, mas numa idade em que a carne aparece como correlativa de um sistema, de um mecanismo de poder que comporta uma discursividade exaustiva e um silêncio ambiente criado em torno dessa confissão obrigatória e permanente. (FOUCAULT, 2012, p.174)

Examinar as formas, esquadrihar medidas, definir volumes são ações que fazem parte de uma rede de produção de corpos que podem ser impelidos à modificação ou ao descarte em conformidade com os objetivos de um poder disciplinar.

O controle impele o sujeito a participar do processo de confecção de si mesmo. Comprime, delimita, limita, mas também solicita que o sujeito aja como produtor de um corpo que esteja alinhado a dadas conjunturas.

Conceber que, em nosso tempo, há o corpo-objeto é compreender que há corpos que são produzidos por mecanismos muito apertados para comporem a engrenagem em que o poder disciplinar dinamiza tudo; mas também é compreender que o sujeito é produtor de si mesmo. Observar a faceta corpo-objeto talvez seja observar uma nuance diferenciada do poder disciplinar que comprime, mas, ao mesmo tempo, dá ao sujeito a ilusão de que o mesmo é dono de si, de que o mesmo está se produzindo e está alinhado com o que lhe faz bem.

1.2.2 Corpo-propriedade

Partir da perspectiva de que o corpo é algo que se tem, de que o corpo é constituído de um dado valor também é uma das nuances da corporeidade em nossa época. Entretanto, compreender esta nuance é admitir também que o corpo que se tem atesta uma possibilidade de triunfo, de estar acima de elementos que determinam a falência ou a exclusão do mesmo.

Partindo de tal premissa, o corpo-propriedade é indicativo de valor. É um corpo indicativo do valor que é dado à vida e dos valores que o sujeito atribui à vida.

Refletir sobre a produção e a representação do corpo enquanto propriedade é salientar as engrenagens em que o sujeito está inserido para produzir e propagar valores inerentes a dados estados de vida. O corpo-propriedade é um bem simbólico no qual o sujeito investe mas, ao mesmo tempo, é um bem que atesta sua inclusão em um determinado grupo. Esta valorização liga-se a objetivos estreitos relacionados a um gerenciamento que visa à produção de vidas que sustentarão os objetivos de uma dada racionalidade.

É possível compreender que a ideia de corpo-propriedade está vinculada a uma espécie de mercado em que os sujeitos fazem transações relativas aos simbolismos e às representações que o corpo assume. Cada corpo, independentemente de suas particularidades físicas, abarca uma possibilidade de ser usado como moeda. Cada perfil corporal, com sua respectiva materialidade e com sua respectiva especificidade, indica um valor, indica uma possibilidade de circulação enquanto moeda de troca nas diversas relações sociais. Tais valores são representações de indivíduo, são representações do que é ser sujeito em dada conjuntura, são representações do que o sujeito deve (ou deveria) ser para se alinhar a dada ordem social, pois “[...] Quando mostramos o que faz o homem, os limites, a relação com a natureza ou com os outros, revelamos o que faz a carne.” (LE BRETON, 2012, p.26).

Logo, um determinado perfil de corpo, com sua tangibilidade, comporta, na verdade, uma concepção de sujeito que pode ou não agir como detentor de uma propriedade e participar de operações que o afirmarão como aliado ou opositor de dado sistema social. Assumir este pressuposto traz uma consequência: o corpo é considerado uma posse, mas, ao mesmo tempo, um índice de valor e um índice de propriedade moral. Nesse sentido, as operações “mercadológicas” que o sujeito faz estão ligadas ao que o sujeito representa enquanto detentor de uma propriedade. Compreendemos, então, que o que estamos chamando de corpo-propriedade, para designar uma das percepções ético-estéticas de corpo na contemporaneidade, é uma metáfora que mescla materialidade corporal e status do sujeito na sociedade. Tal mescla está ligada aos meios de funcionamento erguidos socialmente, pois

[...] desde que é fundamentalmente concebida, a sociedade não é simplesmente uma ‘coisa’, mas uma construção do pensamento. As relações sociais envolvem crenças, valores e expectativas tanto quanto interações no espaço e no tempo. A sociedade é uma entidade provida de sentido e significação. (RODRIGUES, 2006, p.18)

O que denominamos como corpo-propriedade representa, portanto, a posse de atributos produzidos, a posse de um bem imaterial inerente a valores cultivados socialmente. Ter um ou outro perfil corporal possibilita que o sujeito transite na sociedade em conformidade com as verdades existentes ou com aquelas pelas quais se luta para se solidificarem. Interpretar a corporeidade como propriedade é interpretar o modo como as diferentes formas corporais podem ser utilizadas pelo sujeito para disputar sentidos simbólicos.

Os corpos hipertrofiados a que se relaciona a prática discursiva estudada nesta tese disputam força e disciplina nas relações sociais. Esses corpos podem ser considerados propriedade na medida em que o sujeito mostra sua capacidade de transpor tudo que é considerado obstáculo. O corpo hipertrofiado é propriedade porque pode travar as lutas simbólicas relativas ao bem-estar, à autoestima, mas, acima de tudo, as lutas relativas ao que é ser disciplinado, ao que é ser vencedor.

Outra face da metáfora corpo-propriedade está vinculada aos corpos abjetos, isto é, aos corpos que passam pela experiência do apagamento e da exclusão. Temos vivenciado uma conjuntura em que as subjetividades se reestruturam e se afirmam, em que as singularidades são bandeiras de luta. Observamos, por exemplo, os corpos femininos, que não correspondem às verdades soberanas, e suas disputas por sentidos mais saudáveis de existência. São corpos que se colocam como propriedade de subjetividades ativas, pulsantes. Não à toa, encontramos práticas discursivas que negam as verdades que abafam sua existência, como nos exemplos abaixo:

Figura 3 – Esse corpo é meu



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/essecorpoemeu/>

Figura 4 – Todos temos defeitos



Fone:lg @vasepoesia

Os enunciados atestam as disputas simbólicas que os sujeitos travam a partir da sua corporeidade. Os enunciados são inerentes à corporeidade feminina que ainda é capturada pelas verdades praticadas como hegemônicas, os enunciados mostram sujeitos cujo corpo foi efetivamente assumido como propriedade para que sentidos de existências singulares possam ser disputados.

Se concebemos que uma das nuances ligadas ao corpo na atual conjuntura é a da propriedade, consideramos também as possibilidades de os sujeitos empreenderem ações inerentes à existência ou à resistência no campo das relações sociais. Então, não se trata de ter um corpo, não é a posse que está em questão, mas a possibilidade de empreender a vida simbolicamente.

1.2.3 Corpo-troféu

A última metáfora, que acreditamos sintetizar um dos imaginários sobre o corpo, diz respeito à conquista. A partir desta metáfora, o corpo pode ser compreendido como o resultado de uma série de atitudes que levam o sujeito a obter prêmios que atestam quem são e, sobretudo, a moral que têm. O que chamamos de corpo-troféu seria, então, a prova cabal dos processos de constituição moral do sujeito.

A afirmação de que o sujeito, ao mostrar um determinado padrão corporal cuja forma possui um simbolismo social, é detentor de uma dada moral, não diz respeito a uma moralidade intrínseca a ele, mas a uma moralidade produzida nas malhas sociais, desenhada por relações muito tênues. O corpo-troféu, então, não seria somente o objeto erguido depois de uma competição para confirmar a vitória ou o corpo (re) construído após o empreendimento de um cronograma de dieta e exercícios físicos, por exemplo, mas uma conquista de si mesmo que é exibida, mostrada constantemente, que pode ser comprovada através do corpo que o sujeito tem.

Ao problematizar a sexualidade, Foucault (2014a) nos oferece elementos para refletirmos e argumentarmos sobre práticas e condutas corporais do sujeito em

relação a si mesmo. O autor resgata termos gregos para mostrar como a sociedade clássica concebia e gerenciava a relação do homem com o corpo e com a sexualidade. Ao resgatar tais termos e seu histórico, o filósofo mostra aspectos relativos ao prazer para expor seu raciocínio em torno da constituição moral do sujeito. Os *aphrodisia* indicavam os termos, os gestos e os atos que proporcionavam prazer. Os gregos refletiam sobre os *aphrodisia*, considerando a sexualidade e a alimentação. Para eles, o que importava não era a materialidade dos prazeres, mas sua dinâmica, isto é, a maneira como provocam os desejos nos homens. Dessa forma, a problematização da sexualidade estava ligada às engrenagens que levavam os homens ao prazer, o que estava em concorrência não eram os atos em si, mas a capacidade do homem de gerenciar a intensidade dos prazeres, isto é, “a divisão está entre o menos e mais: moderação ou incontinência”. (FOUCAULT, 2014a, p.54)

A atividade sexual e o prazer eram, portanto, encarados a partir de um trabalho imaterial realizado pelo sujeito consigo mesmo. É nesse sentido que entram em campo as questões morais.

O autor estabelece a distinção entre a moral cristã e a moral pagã. A moralidade cristã exigia um trabalho de interioridade sobre si mesmo, ou seja, o sujeito deveria vigiar seus gestos, seu vocabulário, sua conduta em relação às tentações. Já a moralidade pagã se constituía por uma relação de exterioridade, o sujeito também realizaria um trabalho sobre si mesmo, mas deveria adotar atitudes para gerenciar o uso dos prazeres de modo a não sucumbir aos mesmos.

A partir disso, Foucault recorre à distinção entre *enkrateia* e *sophrosune* para abordar a questão da moralidade do sujeito quando realiza um trabalho sobre si mesmo. *Enkrateia* tem relação com a dominação que o homem deve se esforçar para empreender sobre os prazeres. Relaciona-se à luta que deve ser travada pelo homem para se tornar alguém temperante, somente uma atitude de luta leva o sujeito a se orientar moralmente:

A relação com os desejos e com prazeres é concebida como uma relação de batalha: é necessário se colocar, em relação a eles, na posição e no papel do adversário, tanto no modelo de soldado que combate quanto no modelo de lutador num concurso. (FOUCAULT, 2014a, p.80)

Já o termo grego *sōphrosunē* pode ser traduzido como temperança. Aquele que realiza um trabalho sobre si e se volta para valores age, na verdade, com sabedoria, confere aos desejos e aos prazeres seus devidos lugares.

A retomada de Foucault desses termos e de suas respectivas caracterizações na sociedade clássica possibilita uma reflexão sobre a corporeidade compreendida como troféu, como algo que é conquistado a partir do domínio da moral. Aquele que ergue seu corpo-troféu mostra o trabalho que faz consigo mesmo e, acima de tudo, mostra de que forma se alinha às verdades e às práticas:

Esta relação de combate com os adversários é também uma relação agonística consigo mesmo. A batalha a ser travada, a vitória a ser conseguida e a derrota que se corre o risco de sofrer são processos e acontecimentos que ocorrem de si para consigo. Os adversários que o indivíduo deve combater não estão simplesmente nele ou perto dele. São parte dele mesmo. (FOUCAULT, 2014a, p.80-81)

O sujeito que ostenta um padrão corporal e que se alinha a certas verdades sociais mostra as barreiras que precisou transpor para conquistá-lo e afirma tais verdades. O corpo-troféu é o corpo modificado, construído por medicamentos, por procedimentos estéticos, por diferentes atividades físicas. É um corpo erigido, por um lado, por um empreendimento material e por outro, por um empreendimento moral.

As questões relativas às dietas, às cirurgias plásticas, à administração de medicamentos e de substâncias que promovem as mudanças no padrão corporal fazem parte de uma engrenagem em que o sujeito mostra sua capacidade de gerir desejos e prazeres. Os perfis corporais magros ou hipertrofiados, por exemplo, só são alcançados e mantidos se o sujeito lutar contra os desejos de sentir o prazer de comer doces, ingerir bebida alcoólica etc. Além disso, o sujeito precisa encontrar o equilíbrio, a medida para alimentação que o ajuda a manter seu corpo. A manutenção da juventude tão desejada por muitos só é alcançada por quem consegue lutar contra certas exposições, contra o desejo de se expor ao sol, por exemplo, uma vez que os dermocosméticos ou os medicamentos usados terão mais eficácia se tal atitude for adotada. Essas lutas podem ser entrevistadas em enunciados como:

Figura 5 – Diva não malha



Fonte: ig@moldadasaferro

Figura 6 – Meu esporte eu carrego



Fonte: ig@monstrostr

Tais enunciados evocam o universo da disputa pessoal e dos resultados oriundos da mesma. É possível entrevermos que subjazem nos enunciados perspectivas que atestam as abdições exigidas para obtenção dos corpos em questão. São enunciados que mostram a necessidade das disputas, do equilíbrio e das renúncias que o sujeito precisa empreender porque são essenciais para conquista.

O corpo-troféu, então, é o corpo que mostra quem é o indivíduo, é a nuance corporal que atua na sociedade como uma vitrine moral do sujeito. As lutas que trava consigo e a ponderação que aplica em cada ato do seu cotidiano são elementos necessários para o soergimento do troféu. A metáfora corpo-troféu sintetizaria a moral do indivíduo, sintetizaria o desejo.

2 CASA DE FERREIRO, CORPOS DE FERRO

No capítulo anterior, apresentamos o que consideramos mais condizente para este trabalho no que tange aos sentidos simbólicos que podem ser atribuídos à corporeidade em nossa conjuntura. Fizemos uma exposição sobre tais representações e sobre as modulações que conferem aos sujeitos. Há, no entanto, as dimensões materiais desta corporeidade e, no que tange aos corpos aos quais se liga a prática discursiva que analisamos, há um longo processo de produção. Assim, neste capítulo, fazemos uma exposição acerca da expressão física deste perfil corporal. O título do capítulo, uma paródia do ditado popular *Casa de ferreiro, espeto de pau*, relaciona-se ao fato de estes corpos serem produzidos a partir do levantamento de pesos que são constituídos por ferros que, por sua vez, encontram-se em academias (casas). Explanaremos, portanto, sobre a prática do fisiculturismo ou bodybuilding.

Embora este capítulo apresente uma faceta histórica, embora tenhamos que citar datas e nomes de personalidades fundamentais para a prática, não queremos expor somente a cronologia. Queremos tecer as relações entre a prática do fisiculturismo e as conjunturas históricas ou mostrar que não há sucessão de fatos, mas solidificação de práticas em dados momentos.

2.1 *Bodybuilding* ou Fisiculturismo?

Antes de iniciarmos a explanação sobre a prática, cabe um esclarecimento sobre o termo bodybuilding, já que fisiculturismo é uma palavra do nosso idioma que faz referência à mesma prática. Segundo Courtine (1995, p.111), o vocábulo aparece na língua entre 1900-1905 a partir da expressão *to build (up) one's body*. Neste caso, a tradução de bodybuilding seria edificação ou construção do corpo, já que *body* significa corpo e *build*, construção ou edificação. Além disso, a grafia da palavra aparece de formas variadas. Em Courtine (1995, 2013), encontramos a palavra grafada com hífen: *body-building*. No dicionário Collins (2012), também há

ocorrência da mesma grafia. Em textos relativos ao tema, verificamos a grafia *body building*. Nos dicionários Cambridge e Webster, encontramos *bodybuilding*. Como não há regra para o uso de hífen em inglês e como a separação ou a junção das palavras não altera o significado, optamos por utilizar em nosso texto a grafia *bodybuilding*. Tal esclarecimento é necessário porque, embora tenhamos feito a opção de utilizar o vocábulo da nossa língua, fisiculturismo, para fazer referência à prática a que o discurso se filia, o uso do termo *bodybuilding* também aparecerá em muitas passagens pelo fato de ser amplamente utilizado pelos indivíduos que fazem parte da comunidade discursiva e pelos segmentos comerciais que se filiam à atividade.

2.2 Um pouco de história

É impossível falar em fisiculturismo sem citar Arnold Schwarzenegger. Conhecido como o maior bodybuilder de todos os tempos, com a colaboração de Bill Dibbins, escreve a Enciclopédia do Fisiculturismo. Neste documento, cita que do final do século XIX até a década de 30 do século XX, há a implantação das competições de força, há o que podemos compreender como as primeiras formulações do corpo enquanto vitrine de treinamento e de força. A exposição a seguir está baseada nos dados desta enciclopédia.

As primeiras aparições de indivíduos fortes ocorreram nas competições de levantamento de peso, isto é, uma exibição de força empreendida por homens de corpos robustos, grandes. Não havia preocupação com a estética, mas com o volume de massa muscular e com a força desenvolvida para as exhibições. Neste momento, o rigor das dietas e dos treinamentos não era científico.

A prática toma fôlego com homens que exibem força, mas, acima de tudo, exibem físicos esteticamente trabalhados. No lugar de homens corpulentos, cujos corpos tinham muita concentração de gordura e a musculatura era pouco visível, apareceram indivíduos cujo físico apresentava a combinação entre força e estética, o que deu novo tom às competições. Eugen Sandow é o primeiro representante (de que se tem notícia) de uma geração de corpos que demonstrariam e venderiam

força, disciplina, beleza e empreendedorismo. Sandow iniciou um modo de exposição corporal que seria mais tarde a tônica dos campeonatos de fisiculturismo. Seu corpo figurava em feiras de exposições, em espetáculos diversos e era apreciado por multidões que ficavam estarecidas com sua forma e com sua força. Além disso, Sandow edificou uma indústria de vendas de livros e revistas relacionadas a treino. Sua imagem provocou uma ebulição social.

Outro nome que figura entre aqueles que fazem parte da história da cultura física é o de Charles Atlas. Nascido na Prússia, sagrou-se vencedor de um campeonato de culturismo em 1921, em Nova York. Este era o Pseudônimo de Angelo Siciliano e tinha um significado específico. Contribuía para a personificação da força, já que Atlas foi um Titã da mitologia que, por duelar contra os Deuses do Olimpo, foi condenado a carregar o mundo nas costas. É possível compreendermos que a adoção do pseudônimo é simbólica, pois sua adesão à cultura do corpo se deu após um embate que teve em sua adolescência do qual saiu derrotado. Atlas criou um curso por correspondência denominado tensão dinâmica que foi amplamente utilizado por mais de 50 anos.

O editor Bernarr Macfadden também desempenhou papel fundamental na história do fisiculturismo. Fundou a revista *Physical Culture* para promover a ideia de que a fraqueza física deveria ser combatida. Publicava também o jornal *New York Evening Graphic*. O protagonismo de Macfadden no universo dos músculos se dá efetivamente a partir de 1903, quando idealiza e apresenta competições no Madison Square Garden em Nova York para escolher o Homem mais Perfeitamente Desenvolvido do Mundo. Nesta competição, além do título, o vencedor recebia um prêmio de mil dólares.

Estes três personagens têm em comum a relação com os músculos, mas, sobretudo, o que os liga são seus perfis empreendedores. Todos eles promovem o corpo, atestam que o desenvolvimento corporal deveria ser um estilo de vida. Ao fazerem isso, propagam o treinamento com peso como a prática ideal para conquistar e manter a saúde. Embora os conhecimentos sobre as melhores técnicas para tal desenvolvimento fossem limitados, os praticantes dos exercícios com peso ambicionavam o aprimoramento da técnica corporal através da comparação de seus físicos com os físicos dos praticantes das gerações anteriores. Nos anos 20, a aparição de Sigmund Klein mudou o panorama da prática. O físico de Klein era extremamente definido, o nível de gordura era baixíssimo, os músculos eram

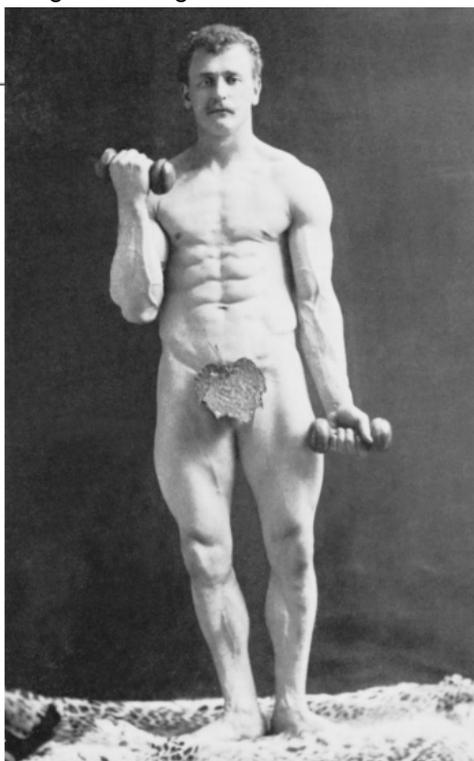
evidentes em sua aparência. A partir de seu padrão corporal, exerce muita influência como proprietário de academia e também como escritor de textos relativos à nutrição e a treinamento.

Apesar dos empreendimentos dessas personalidades e do empenho de outros que os seguiam, o trabalho corporal com pesos ainda não era suficientemente reconhecido e compreendido como esporte. Em 1940, a Amateur Athletic Union – AAU (União de Atletas Amadores) produz o que pode ser considerado como o primeiro evento moderno de fisiculturismo. O Mister América que teve como vencedor John Grimek, que treinava exclusivamente com pesos em uma academia.

Nos anos 40 e 50, o fisiculturismo começa a adquirir os contornos do que se conhece atualmente. Os corpos que aparecem nas competições destas décadas se assemelham em muito ao que é observado nas competições atuais. Na competição intitulada Mister América do ano de 1945, aparece Clarence “Clancy” Ross cujo físico “não pareceria inadequado em qualquer palco de hoje – ombros largos, grande dorsal alargado, cintura fina, boas panturrilhas e abdominais.” (Schwarznegger, 2005, p.13)

É possível dizer que as feições metódicas do fisiculturismo aparecem nas figuras de Clancy Ross, Steve Reeves e John Grimek, pois os mesmos já treinavam de forma mais regrada, calculada. Cada grupo muscular era trabalhado com pesos de forma a adquirirem volume, hipertrofia e, conseqüentemente, um estado estético que propiciava simetria. É possível verificar abaixo a diferença entre os fisiculturistas do início do século XX e os de meados do mesmo século. Tais diferenças físicas não são apenas a comprovação do aprimoramento de técnicas para elaboração do físico, mas a demonstração de mudanças de perspectivas em relação ao mesmo.

Figura 7- Eugen Sandow



Fonte: Enciclopédia do Fisiculturismo

Figura 8- Charles Atlas



Fonte: Enciclopédia do Fisiculturismo

Figura 9- Clarence "Clancy" Ross



Fonte: Enciclopédia do Fisiculturismo

Os corpos de Clarence Ross e de outros de sua época apresentavam um aspecto escultural resultante dos treinos minuciosamente calculados. Esses

fisiculturistas, mesmo sem a alcunha da ciência, começam a conhecer, de forma apurada, o funcionamento do corpo a partir dos estímulos da musculação.

O que se desenrola nos anos 60 e 70 é uma crescente evolução da prática, uma vez que os corpos aparecem nos campeonatos cada vez mais definidos. Cada vez mais os corpos correspondem aos ideais gregos de estética. Nomes como Franco Columbu, Frank Zane, Sergio Oliva e Arnold Schwarzenegger emergem neste cenário como os mais representativos.

Nas décadas que se seguem, 80 e 90, os corpos assumem níveis cada vez mais excepcionais. Aspectos cuja constituição traduz o sentido da palavra fisiculturismo. A personificação da cultura do físico podia ser comprovada nas figuras de Chris Dickerson, Lee Haney, Dorian Yates, Kevin Levrone que atestavam a eficácia das técnicas de treino atreladas às dietas específicas. Os corpos destas décadas mostravam o rigor das técnicas, mas, acima de tudo, já mostravam o aspecto empreendedor que a prática assumiria com todo vigor mais tarde. Erigir um corpo cujos músculos são assimétricos e hipertrofiados, cujo índice de gordura é baixíssimo não é uma tarefa simples, não é uma tarefa corriqueira, é um empreendimento, já que o produto-corpo é construído, é cultivado.

2.3 Que prática corporal é esta?

O corpo humano é estruturado por um esqueleto ósseo coberto por músculos que, segundo Bompa (2000), representam cerca de 40% do peso corporal. Os exercícios com peso propiciam o aumento dos músculos que, conseqüentemente, dirigem sua força aos ossos através dos tendões e possibilitam maior sustentação óssea. Os músculos do corpo humano são compostos por fibras de extensão que variam de centímetros a um metro. Cada fibra possui microfibrilas formadas pelas proteínas denominadas miosina e actina que são essenciais para a contração muscular. Segundo Bompa (2000), um músculo se contrai e produz força em conformidade com o desenho das fibras. Nesse sentido, pode-se afirmar que um treinamento de força, portanto, está ligado a questões funcionais. Um músculo desenvolvido ou tonificado possibilita que o corpo gere força e sustentação para

estrutura óssea, além de permitir que tendões e ligamentos se adaptem a esta nova condição. Assim, a musculação atua nas questões fisiológicas na medida em que condiciona e sustenta a complexidade estrutural do corpo. Nesta perspectiva, a prática gera resultados relacionados à saúde. O treinamento com pesos aumenta a espessura das fibras, o tamanho e a força dos músculos. Então, um corpo hipertrofiado, isto é, que tem volume e massa muscular aumentados, é resultado do recrutamento de músculos. Todavia, a prática da musculação assume outras feições e requer outros princípios quando o indivíduo a exerce para fins competitivos ou para elevar seu físico ao nível de um competidor. Dessa forma, é preciso separar a realização da atividade para obtenção de saúde e/ou beleza da realização da atividade para fins competitivos.

O fisiculturismo pode ser compreendido como uma técnica do corpo, como afirma Mauss (2003)⁸. Tal técnica visa à construção do corpo através do levantamento de pesos, no entanto é preciso expor os aspectos inerentes à produção deste corpo milimetricamente musculoso. Um fisiculturista ou aquele que adota o mesmo estilo de treinamento trabalha grupos musculares de forma metódica e utiliza diferentes aplicações de força para a construção do corpo. Um treinamento de força gera mudanças e adaptações estruturais e fisiológicas no corpo humano, ou seja, o tamanho e a definição muscular indicam o nível de adaptação do corpo à prática. Essas adaptações são proporcionais à demanda imposta ao corpo pelo volume (quantidade), pela frequência e pela intensidade (carga) de treinamento. O treinamento de força, portanto, nada mais é do que a imposição de limites ao corpo, em que o mesmo é levado a níveis de estresse, a partir da requisição do máximo de força e de resistência dos músculos que, com o tempo de treino sofrerão mudanças que se verificarão na hipertrofia.

Um corpo hipertrofiado, então, é aquele que reagiu aos estímulos das cargas e se adaptou. O crescimento e a definição muscular indicam que os músculos se adaptaram às cargas utilizadas pelo indivíduo em seus treinamentos. Isso mostra que o treinamento com pesos obriga o corpo a adotar medidas para suportar as cargas. Nesse sentido, podemos apontar que o treinamento com pesos é invasivo,

⁸ A expressão técnica corporal é usada por Marcel Mauss no livro *Sociologia e Antropologia*. Diz o autor: "Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente." (2003, p.399) Usamos esta expressão devido às concepções de norteiam esta tese.

pois a homeostase (equilíbrio) do corpo é quebrada e o aumento do volume muscular é o efeito. Isso se assemelha a um ferimento ou a uma cirurgia que obrigam o organismo a produzir ou ativar mecanismos para resistir aos fatores invasivos.

Quando o corpo reage aos estímulos dos pesos, ocorre a hipertrofia, ou seja, o aumento do volume muscular. Há, porém, dois tipos de hipertrofia. A aguda, que surge logo após o treinamento, caracterizada por um inchaço que desaparece posteriormente; e a crônica que se constitui por ganhos relevantes e duradouros. O indivíduo que treina periodicamente adquire a hipertrofia crônica, o aspecto do seu corpo é o resultado de uma “luta” contra a invasão das forças dos treinos. O corpo hipertrofiado é, em outras palavras, o produto da aceitação do que foi imposto pelo treinamento.

Para atingir o nível de hipertrofia, o atleta ou quem adota tal estilo de treinamento deve passar por etapas. De acordo com Bompa (2000), o indivíduo precisa adquirir, primeiramente, flexibilidade articular, pois certos exercícios vão necessitar de articulações com muita capacidade de serem flexionadas para não serem lesionadas. Depois, o atleta deve desenvolver e fortalecer os tendões, uma vez que estes estabelecem a ligação entre os músculos e os ossos. Por último, o indivíduo deve desenvolver o tronco, já que é a ligação entre os membros superiores e os membros inferiores que atuam como suporte no trabalho com força máxima para braços e pernas.

Aquele que pratica a musculação com vistas à competição segue uma intensa rotina de treinos. Volume, carga e intensidade dos treinos acarretam diferenças no físico do indivíduo. Para Bompa:

Planejar um programa de treinamento requer do atleta entender a interação de vários conceitos. Estar ciente de como o volume, a carga e a intensidade do treinamento afetam o programa é de fundamental importância. Também é essencial entender quais os fatores que vão determinar as características da carga. Esses fatores são o número de repetições por série, a velocidade do levantamento e o número de séries. O intervalo também é um componente vital do programa de treinamento. Todos os atletas que desejam elaborar o seu próprio programa de treinamento precisam entender todos esses elementos. (2000, p.31)

O indivíduo que pratica o fisiculturismo ou segue a mesma linha de treinamento precisa ser o condutor da sua rotina. Mesmo que tenha apoio de profissionais como preparadores físicos, nutricionistas, médicos e massagistas; o

atleta precisa gerir o pré-treinamento, o treinamento e o pós-treinamento, pois a hipertrofia, para ser mantida, precisa de supervisão e de disciplina.

Um programa voltado para hipertrofia máxima envolve um volume de treinamento que diz respeito ao tipo de trabalho que será realizado para o atleta atingir determinado patamar no que tange ao desenvolvimento de seus músculos. Neste programa, tempo de treinamento, carga a ser utilizada, quantidade de exercícios e número de séries e repetições são considerados, porque a função de cada um desses elementos é viabilizar o crescimento muscular desejado. Quando planeja o volume de treinamento, o atleta deve priorizar os exercícios e as séries correspondentes aos objetivos do momento. Há etapas pelas quais o corpo passa que podem ou não habilitar o indivíduo para competição ou para a obtenção da hipertrofia máxima. Na fase de definição, o atleta deve treinar com um alto volume, assim ocorre a queima de gordura e os músculos ficam mais aparentes. Para ganho de força, o atleta deve se submeter a um volume médio de treinamento, dessa forma, o corpo se ajusta gradualmente à carga imposta.

Outro elemento fundamental no treino de musculação é a intensidade. A intensidade diz respeito ao estímulo nervoso aplicado no treino. A carga utilizada em cada série de exercícios solicita diferentes esforços dos músculos. Isso determina o desenvolvimento dos músculos que pode variar da definição até a hipertrofia máxima. A carga utilizada deverá sempre ter relação com o tipo de força a ser desenvolvida, que, conseqüentemente, propiciará estímulos ao sistema nervoso central, gerará intensidade e o desenvolvimento desejado dos músculos.

O fisiculturismo envolve fases. Por mais que o indivíduo tenha um biotipo inclinado ao desenvolvimento dos músculos, só desenvolverá os músculos se obedecer a uma serialização de treinamento. Se o atleta for iniciante, é preciso moldar a anatomia e a fisiologia do corpo para que ganhos superiores sejam sólidos, o que leva de um a três anos para se estabelecer. Um atleta que esteja na fase de treinamento da hipertrofia treina para fadigar o músculo que aumenta significativamente.

Embora o indivíduo assuma uma rotina de treinos minuciosamente calculados, um corpo hipertrofiado não se desenvolve somente com exercícios. Um elemento essencial na vida de um fisiculturista ou de quem adota tal estilo de vida é a alimentação. A alimentação faz parte do estilo de vida do praticante desta modalidade, pois não se trata somente de ingerir alimentos saudáveis, mas de

ingerir alimentos que propiciem o crescimento dos músculos. Os alimentos consumidos por quem pratica esta atividade não se relacionam somente com a nutrição, os alimentos consumidos pelos praticantes da modalidade são coconstrutores do corpo almejado.

O programa de alimentação do fisiculturista exige disciplina. O atleta é obrigado a ingerir os alimentos em intervalos determinados de tempo para atingir seu objetivo. Um atleta na fase de hipertrofia, ou seja, de aumento de volume muscular, precisa consumir proteínas e carboidratos em quantidade determinada e em períodos regrados. Esses elementos atuam, respectivamente na construção dos músculos e no fornecimento de energia. Isso propicia o desenvolvimento e a durabilidade dos músculos.

Vale destacar que a quantidade de alimentos consumidos equivale ao peso corporal do praticante da modalidade. O consumo não é aleatório. Dependendo do peso corporal e da fase do treinamento de hipertrofia, devem ser consumidas quantidades de proteína, carboidrato e gordura que deem ao organismo a possibilidade de produzir substâncias fundamentais para construção do corpo. Conforme Bompa (2000), um atleta pode consumir diariamente o mínimo de 1.170 calorias e o máximo de 5.710 calorias em conformidade com seu peso, com seus objetivos e com a fase do treinamento.

A combinação de exercícios com alimentação possibilita a construção do corpo, mas requisita também a construção de uma conduta do atleta. Um fisiculturista ou aquele adota este estilo de treinamento necessita agir como um construtor, precisa aceitar as imposições inerentes a esta construção. O praticante de tal modalidade precisa aceitar e trabalhar para erguer o edifício-corpo. Desse modo, o fato de haver a adaptação do corpo aos estímulos da musculação coloca em evidência o imperativo de o indivíduo se sentir estimulado a prosseguir com seu objetivo. Neste ponto, saímos da condição estritamente física e adentramos no campo do que é simbólico, pois, conjugar a relação *musculação-alimentação-disciplina* para hipertrofiar o corpo não é uma tarefa simples, é uma tarefa que envolve valores e coloca em ação elementos de ordem externas ao aparato físico.

Nesse sentido, puxar ferros, alimentar-se de forma adequada à produção de músculos, abster-se de certos alimentos, submeter-se a treinos doloridos tem relação com o a materialidade física, mas também com convocação de outras características do indivíduo. Sustentar tal rotina requer que se estabeleça a relação

entre corpo e um determinado mundo de sentidos, requer que se estabeleça a relação entre corpo e um determinado perfil de sujeito. Esses sentidos precisam ter relação com uma realidade ou com um perfil de mundo que seja considerado sólido e processual, que exija do sujeito um trabalho árduo e constante. Por isso, um fisiculturista ou quem adota tal estilo de vida precisa laborar, precisa ser um ferreiro, um produtor do seu próprio corpo. O sujeito precisa ser um empreendedor porque administra todas as fases da produção do seu corpo, produz forças para seguir os programas de treinamento e manter os resultados que obtiver. O indivíduo tem que adotar uma perspectiva de mundo em que o sucesso ou o fracasso sejam inerentes ao seu desejo, às suas ações. O indivíduo precisa se assumir como responsável pelo erguimento do seu corpo. A lógica que deve imperar na vida desse sujeito deve ter relação com um mundo em que o gestor da vida é ele mesmo.

2.4 Aspectos da prática na contemporaneidade

Na contemporaneidade, os contornos do fisiculturismo mudaram. Não só pelo aparato técnico, que é maior, ou pela expansão da prática, mas pelo fato de sua lógica não estar presente apenas na vida daqueles que efetivamente competem. Há corpos hipertrofiados, em diferentes níveis, em todos os lugares. Este perfil corporal está presente na composição de personagens do cinema, nos brinquedos, em personagens de filmes, em desenhos animados etc.

Além disso, o fisiculturismo passou a ter uma organização ímpar pelo fato de haver uma disputa para solidificar a modalidade no âmbito esportivo e pelo fato de o corpo hipertrofiado ter sido alçado ao patamar de um objeto de desejo e de promoção de subjetividade. Isso enseja a criação de organizações, de comitês que se responsabilizam pelas competições, pela federação dos atletas; gera a organização de outros elementos que fazem da prática uma empreitada empresarial.

Assim, podemos refletir sobre as categorias existentes na prática. É possível afirmar as mesmas não se relacionam somente aos adeptos, isto é, ao perfil corporal hipertrófico que têm para se enquadrarem em uma ou outra categoria; mas, sobretudo, à percepção de que esta corporeidade passou a fazer parte do cotidiano. Este perfil corporal se generalizou, passou a fazer parte do imaginário social, por

isso as categorias do fisiculturismo, principalmente as novas, podem ser compreendidas como um meio de captar mais sujeitos para a adesão à prática, independentemente de competições.

Antes de expormos as categorias, cabe falarmos do aspecto organizacional. O fisiculturismo possui organizações que gerenciam não só os campeonatos, mas os debates sobre o patamar da prática no âmbito esportivo. Entre eles está o órgão superior: A IFBB (International Federation of Bodybuilding and Fitness), criada em 1946 por Joe e Ben Weider, figura entre as principais organizações de credibilidade e prestígio no mundo do esporte. Esta regula as categorias do fisiculturismo, as competições, oferece cursos relacionados ao universo bodybuilder e organiza as competições. O atleta que deseja disputar os campeonatos oficiais precisa se associar a esta instituição, que tem filiações em vários países, entre eles o Brasil.

Exporemos agora as modalidades que, atualmente, compõem o fisiculturismo⁹.

Quadro 2 – Modalidades masculinas do fisiculturismo

MODALIDADES MASCULINAS
FISICULTURISMO MASCULINO
<p>Nesta modalidade, os atletas treinam para desenvolver todas as partes de seu corpo e músculos a fim de obter o tamanho máximo, mas de forma equilibrada e com harmonia. Não deve haver “pontos fracos”, e nem músculos subdesenvolvidos. Aqueles que conseguirem demonstrar maior riqueza de detalhes musculares receberão as maiores pontuações nas competições. E a outra questão fundamental a ser avaliada é a linha, ou seja, a visão geral do físico, que deve ser construído de forma proporcional e simétrica. Esta modalidade está dividida nas seguintes categorias:</p>
<p>SÊNIOR – em que há uma divisão em conformidade com o peso do atleta. São elas: até e incluindo 65 kg; até e incluindo 70 kg; até e incluindo 75 kg; até e incluindo 80 kg; até e incluindo 85 kg; até e incluindo 90 kg; até e incluindo 100 kg e acima de 100 kg.</p>
<p>MÁSTER – Nesta divisão, temos:</p>
<p>Máster I (40-49 anos), com as categorias: até e incluindo 70 kg; até e incluindo 80 kg; até e incluindo 90 kg e acima de 90 kg.</p>
<p>Máster II (50-59 anos): até e incluindo 80 kg e acima de 80 kg;</p>

⁹ Todas as informações foram retiradas do site da IFBBBrasil (<https://ifbbbrasil.com.br/modalidades/>)

Máster III (Acima de 60 anos): Categoria Aberta / Única

FISICULTURISMO CLÁSSICO (MASCULINO) - É uma modalidade do Fisiculturismo competitivo destinada aos atletas que não desejam desenvolver seus músculos ao extremo, optando por um físico mais “Clássico”.

Com o propósito de criar chances iguais para eles, foi criada uma tabela de adequação onde o peso corporal dos concorrentes é limitado de acordo com sua altura, seguindo uma fórmula especial criada pela IFBB.

Atualmente existem quatro categorias: até e incluindo 1,68 cm, até e incluindo 1,71 cm; até e incluindo 1,75 cm, até e incluindo 1,80 cm, e mais de 1,80cm.

MEN'S PHYSIQUE – nova categoria lançada oficialmente em 2012. Demonstrou ser uma categoria muito popular dentro de um curto período de tempo, e por conta disso a IFBB tem aumentado a oferta de subcategorias por divisão de alturas, dando chance a um maior número de atletas. Essa categoria é destinada a homens que realizam o treinamento com pesos a fim de manter a forma, e que praticam uma dieta saudável e equilibrada, mas que preferem desenvolver um físico menos musculoso, com aspecto atlético e esteticamente agradável.

FITNESS Coreográfico - modalidade semelhante ao fitness feminino. O concurso também inclui 2 rodadas de físico e uma rodada coreográfica com a rotina da apresentação artística. Na rodada final, os concorrentes vestem sunga e os árbitros vão avaliar a linha geral do atleta, procurando um físico masculino atlético, talhado pelos duros treinamentos os quais os atletas dessas categorias se submetem.

Na coreográfica o atleta deve incluir força e flexibilidade em seus movimentos, assim como movimentos de ginástica, ou de outras formas de exibição de seu talento e capacidade atlética.

Quadro 3 – Modalidades femininas do fisiculturismo

MODALIDADES FEMININAS

FITNESS Coreográfico - Conceito inserido pela IFBB no início dos anos 80 e oficializado em 1996, em resposta ao aumento da procura de competições para as mulheres que preferem desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável. Nesta categoria, a ênfase está no físico bem torneado e esculpido, e com um visual atlético, que é avaliado através da comparação dos quatro quartos de volta, e a capacidade atlética é avaliada durante rotina de fitness que deve muito atraente e dinâmica. Os árbitros avaliam as competidores por sua silhueta e contornos do corpo, por suas formas anatômicas, pelo nível de gordura corporal, pela firmeza do corpo e tônus muscular, pela apresentação geral palco (auto-confiança, equilíbrio, coordenação de movimentos), bem como pelo cabelo, pela estética facial e pela beleza.

BODYFITNESS - categoria implementada pela IFBB em 2002 para dar chance a um vasto grupo de mulheres que desejavam competir por possuir um físico bem torneado e atlético, mas que não desejavam realizar as apresentações do round coreográfico da categoria Fitness Coreográfico. Esta categoria caiu rapidamente no gosto das atletas e o número de participantes aumenta a cada ano, no entanto, ainda é discutido como criar-lhes a possibilidade de mostrar a sua figura em movimento. Nessa categoria, os árbitros devem avaliar a aparência atlética geral do físico, tendo em conta a figura, o tônus muscular desenvolvido simetricamente, forma feminina e uma baixa quantidade de gordura corporal, assim como o cabelo, a beleza facial e o estilo individual de apresentação fazem toda a diferença, incluindo confiança pessoal, equilíbrio e graça. Esta categoria é amplamente aberta para todas as mulheres que gostam de treinar com pesos e levar um estilo de vida saudável.

BIQUINI FITNESS - categoria reconhecida oficialmente como uma nova disciplina do esporte pelo Conselho Executivo da IFBB e o Congresso Mundial da IFBB, em 07 de novembro de 2010 (Baku, Azerbaijão). As atletas dessa categoria mais se parecem uma modelo Fitness: magras, belas e demonstrando um leve aspecto de treinamento com pesos. Representam aquela figura da atleta que poderia ser contratada tanto para estar com o rosto estampado na capa de uma revista somente pela sua beleza facial, como também desfilarem e fotografar para uma coleção de, como o nome já diz, biquínis, por exibir além da beleza, um corpo treinado, tendendo para o atlético porém esteticamente agradável aos olhares, por enfatizar ainda mais os formatos e as curvas femininas, mas sempre preservando a magreza natural e a linha de cintura. Além da cintura fina, as atletas devem possuir os braços e ombros levemente destacados. Os glúteos devem ser redondos e firmes, e o percentual de gordura deve ser baixo, mas sem aspectos de desidratação.

O julgamento das atletas não ocorre somente pelo físico, mas também pela beleza facial, cabelos, e até mesmo a harmonia da maquiagem em relação ao conjunto corporal, cabelos, cor do biquíni etc.

Além disso, as atletas devem possuir carisma, desenvoltura, e “luz própria” em cima do palco, fator primordial para a composição da nota, e que pode somar ou também diminuir muitos pontos na avaliação inicial da condição física que é feita pelos Árbitros nas rodadas eliminatórias, onde a movimentação e gestual ainda não é permitido, tampouco avaliado durante as comparações iniciais.

A modalidade é dividida por estatura, sendo: até e incluindo 160 cm, até e incluindo 163 cm, até e incluindo 166 cm, até e incluindo 169 cm, até e incluindo 172 e acima de 172 cm;

WOMEN PHYSIQUE - categoria oficialmente reconhecida como uma nova categoria da IFBB Amadora pelo Comitê Executivo da IFBB e Congresso Mundial da IFBB em 11 de Novembro de 2012 (Guayaquil, Equador). É destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina. Desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino, que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos. A Modalidade é dividida por estatura, sendo: até e incluindo 163 cm e acima de 163 cm;

WELNESS FITNESS - A categoria Wellness foi criada pela IFBB Brasil em 2005 com o objetivo de agregar e levar aos palcos uma boa parcela das mulheres brasileiras frequentadoras das academias e salas de ginástica, que tinham o desejo de competir, porém, não se enquadravam em nenhuma das outras categorias existentes na IFBB, por possuírem uma certa desproporção de volume dos membros inferiores (coxas e glúteos) em relação a membros superiores (tronco e braços), e isso ocorre principalmente devido ao fato de boa parte delas treinarem seguindo o próprio padrão de beleza que é naturalmente encontrado e admirado no Brasil inteiro. Dessa forma são atletas que possuem os glúteos e coxas mais volumosos, porém desenvolvidos segundo a forma feminina natural, deixando o físico voluptuoso, mas que em nada lembra as atletas das outras categorias que exibem maior volume, mas, com mais densidade, separação e definição ente os grupos musculares. A categoria se expandiu rapidamente e, atualmente, é observada no cenário internacional, pelas federações afiliadas a IFBB.

Tanto os atletas das categorias masculinas como as atletas das categorias femininas são avaliados em apresentações que envolvem música e a demonstração de sua musculatura através de poses previamente definidas. Estas poses ressaltam os caracteres musculares que devem ser avaliados em cada modalidade.

Considerando as descrições e as subdivisões das modalidades, observamos que as mesmas estão atreladas a demandas. Tais demandas, por sua vez, ligam-se

a conjunturas relativas ao corpo e a conjunturas relativas a uma espécie de mercado em que todos podem ser investidores (fisculturistas). As variações das modalidades e das categorias atendem a imperativos históricos ligados a um momento em que todos podem ser o que quiserem, inclusive fisculturistas, mesmo que as peculiaridades físicas não tenham potencial para um desenvolvimento máximo.

Não é somente o esporte, mas a possibilidade de alçar o músculo à categoria do que é viável e possível. “O músculo se torna um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo e expressão do bem-estar.” (COUTO, 2001, p.51). Tal visibilidade preenche os requisitos de um momento em que mostrar-se e competir a partir do que se exhibe não tem ligação somente com o que visível, mas com o que é passível de ser construído, empreendido. Mostraremos esta relação no próximo capítulo.

3 MEU CORPO, MINHA EMPRESA

No capítulo anterior, fizemos uma exposição relativa ao fisiculturismo no sentido prático. Os processos pelos quais passou (e passa), as personalidades que impulsionaram seus âmbitos material e econômico e a criação de novas categorias para competição mostram não só o desenvolvimento da atividade, mas uma faceta que pode ser debatida sob a perspectiva de um investimento sobre a vida.

Desse modo, neste capítulo, argumentamos em torno do investimento que se dá sobre os corpos a partir de uma política de gerenciamento de vidas. Nosso intuito é expor e relacionar a noção de biopolítica à ideia de corpos em construção, à ideia de corpos que são incessantemente inventariados e produzidos.

Vale lembrar que definir o referente corpo é restringi-lo, conforme defendemos no primeiro capítulo. Qualquer tentativa nesse sentido seria contrariar as perspectivas com as quais trabalhamos e, sobretudo, nossa própria concepção a respeito dos modos de transitar no mundo. Os corpos, metaforizados pelo social são nuanças da corporeidade na conjuntura que experienciamos. Uma delas é o que denominamos como *corpo-troféu* no primeiro capítulo. Esse corpo é o prêmio daqueles que têm temperança, equilíbrio para suportar os reveses e as necessidades inerentes a sua produção. É o prêmio que pertence a quem dribla as adversidades, a quem aposta todas as fichas para adquiri-lo, a quem admite que o sucesso é de sua inteira responsabilidade, que o sucesso independe de uma rede complexa de fatores. Tratamos, neste capítulo, do corpo empreendido a partir do discurso que lemos. Trataremos, portanto, do corpo moldado e compreendido como uma empresa.

Esclarecemos que o título deste capítulo é uma paródia do nome dado ao programa de habitação do governo PT “Minha Casa, minha vida”. Assim como o indivíduo que se filiava ao programa materializava o desejo de aquisição da casa própria, o indivíduo que se “filia” ao desejo de hipertrofiar o corpo e adota preceitos empreendedores adquire um corpo que se assemelha a uma empresa porque deve adotar preceitos inerentes à lógica de mercado.

3.1 Biopolítica: vozes utilitaristas na construção do corpo

A ideia de que o corpo pode ser produzido, modificado, remodelado, fabricado, de que é possível se apropriar do corpo para diversos fins sempre esteve em voga na história. O diferencial, no entanto, está no modo como tal apropriação ocorre, uma vez que cada época abarca seus imperativos, apresenta um fio condutor que determina o caminho para tal apropriação.

Em nossa conjuntura, é possível observar que o corpo está inserido em muitos espaços e, sobretudo, que está presente, direta ou indiretamente, em muitas enunciações. Das dietas passadas nas conversas informais às especialidades médicas voltadas para manutenção de dados estados do corpo, dos conselhos de páginas de redes sociais às instruções de nutricionistas, parece que o corpo assumiu sentido e centralidade. Assistimos, portanto, à produção de discursos, de campos de saber e de práticas cujos objetivos e os objetos finais parecem ser os corpos.

Neste turbilhão de acontecimentos, há um diferencial: a lógica que atravessa os discursos e as práticas. Cada época apresenta seus modos de se apropriar, de conduzir e de produzir realidades. Cada época constitui sua grade de sentidos e de gestão em que o real é colocado e, a partir disso, todas as ações devem seguir parâmetros. A realidade, então, é captada pelos sujeitos da época a partir de uma ou de outra lógica que, de certa forma, rege alguns ou muitos campos da vida.

Assistimos, contemporaneamente, à captação da vida sob a lógica de mercado. Isso diz respeito a um conjunto de normas relativas a um modo de governo¹⁰ que conduz as relações entre os homens. Nesta direção, o pensamento de Foucault acerca de lógica de governo é fundamental.

Foucault (2015) retoma questões dos séculos XVI, XVII e XVIII para postular sua tese sobre a habilidade de governar, para mostrar que um governo, na verdade, implica e representa uma arte de governar. Foucault retoma o fato de que governar não é uma atividade relacionada somente a uma figura de poder, mas às práticas que podem ser exercidas por indivíduos de diversas ordens, inclusive aqueles que são governados por figuras soberanas. O filósofo faz referência a La Perrière e a

¹⁰ O uso desta palavra não diz respeito a poderes estatais ou aos sistemas de governo, mas ao fato de determinadas racionalidades atuarem como reguladoras, como administradoras das relações entre os homens e das relações entre os homens e as coisas.

outros para afirmar que também é possível dizer que se governam uma casa, as almas, as crianças, uma província, um convento, um ordem religiosa, uma família.¹¹ Isso mostra que o poder é capilar, ou seja, é exercido por muitos e por esferas que, muitas vezes consideramos insuspeitas para o seu exercício.

É nessa esteira que Foucault inventaria o termo governamentalidade. Com este termo, o autor refere-se a três coisas, entre elas:

o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber e economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. (2015, p.429)

A partir deste termo, o autor traça uma história da arte de governar, isto é, da instauração de racionalidades que podem ser exercidas nos governos. Foucault lembra que um governo em que o foco de todas as ações estivesse voltado para o soberano teria como único fim a manutenção da posição do mesmo, ou seja, manutenção do poder e do status do soberano seriam as tônicas deste governo. A partir do momento em que a ideia de governo passa a ser observada como uma prática, o foco muda. A atenção não está mais voltada para uma figura, mas para a vastidão que a acompanha: a população.

A arte de governar passa, então, a figurar como arte de gerir a população. É necessário, todavia, compreender que esta gestão populacional não tem relação como a administração dos bens essenciais, com o intuito de ampliar o bem-estar da mesma. A gestão populacional tem relação com a extensão de um estado de poder que a própria população exerce para manter uma situação estatal que se responsabilize por outras coisas.

A arte de governar é a arte de governar coisas, e as coisas governadas têm vida, são os homens. Governar coisas, na perspectiva de um governo não soberano, é assumir o encargo para conduzi-las a um fim conveniente¹²:

¹¹ FOUCAULT, Michel. 2015, p.411

¹² Paráfrase de “Governo é uma correta disposição das coisas de que se assume o encargo para conduzi-las a um fim conveniente” (A governamentalidade, in: Microfísica do Poder, 2015, p. 414)

Essas coisas de que o governo deve se encarregar são os homens, mas em suas relações com coisas que são riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima, seca, fertilidade etc.; os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos as formas de agir ou de pensar etc.; finalmente, os homens em suas relações com outras coisas ainda que sejam os acidentes ou as desgraças como a fome, a epidemia, a morte etc. (FOUCAULT, 2015, p.415)

Governar os homens é, então, nortear suas ações, seus desejos, suas necessidades a fim de que eles mesmos “compreendam” que também precisam gerir e se gerir. Governar os homens é gerir suas relações que mantêm entre si e suas relações com as coisas, já que traçar essas relações é determinar o modo como a sociedade vai se conduzir.

Uma governamentalidade, portanto, não se restringe ao campo político, porque atravessa muitos setores da vida dos homens. É nesse sentido que podemos falar em biopolítica. O termo faz remissão a uma política da vida, mas tal política se manifesta por meios que não abarcam a vida na sua complexidade e na sua singularidade, tal política se manifesta por meio de estratégias que propiciam um governo ostensivo das vidas. Por isso “O governo é definido como uma maneira correta de dispor as coisas para conduzi-las não ao bem comum, como diziam os textos dos juristas, mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas a governar.” (FOUCAULT, 2015, p.417).

Nesta direção, a saúde, a alimentação, a moradia, a segurança, o corpo, a educação e qualquer prática que faça parte das experiências do homem e gere efeitos em sua vida é governado. Tudo que é do homem e que envolve sua vida é direcionado de modo que no fim ele próprio atue como motor desta engrenagem.

Se a finalidade desta lógica de governo não tem mais como objetivo o soberano, mas a vida das pessoas, há, então, a necessidade de que seja implantado um modo de governo, por isso, esta mentalidade se espalha e atua a partir de táticas, de estratégias. Não é mais a figura de um soberano e seu autoritarismo que determinam o modo como as pessoas agirão e farão as coisas; mas meios muito refinados, que passam a fazer parte das vidas dos homens, que os convidam a atuarem neste governo. A população passa a ser o único alvo do governo, é à população que se dirigem todos os objetivos, “a população aparece como sujeito de necessidade, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do

governo; como consciente, ante o governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça.” (FOUCAULT, 2015, p.425-426).

Se a população é objeto e objetivo desta razão de governo que se ocupa de todos os aspectos de sua vida, há, então, formas de se conduzir tudo isso. Tal condução não se daria por ordens expressas, por ordens emanadas de um superior. Nesta razão de estado, a população precisa ser participativa, precisa acreditar que sua vida está sendo dirigida para fins salutares. Por isso, a gestão da vida é realizada por uma série de técnicas, de estratégias que convidam a população a adotar uma postura ativa que mantenha a engrenagem funcionando. Muitas são as estratégias: campanhas, propagandas, programas de televisão, discursos, roupas, medicamentos e toda sorte de dispositivos que possam levar os sujeitos a compreenderem que há uma preocupação com suas vidas, que possam induzi-los a perceber que esses mesmos dispositivos devem ser utilizados, que sua função deve ser propagada, pois o “bem geral” está em jogo.

Essas estratégias não agem por meio do que é genérico, embora os fins sejam, mas por meio dos detalhes. Esta razão governamental usa meios que apontam para as minúcias da vida dos homens, fazem referência à gestão das relações mais ínfimas, mais íntimas ou aparentemente insignificantes que os homens têm com as coisas, com a vida. Se observarmos o cenário atual, no que tange à família, por exemplo, veremos que há uma série de propagandas em que as marcas trazem cenas do cotidiano familiar para falar de seus produtos. Isso quer dizer que a marca almeja vender seu produto, mas, sobretudo, que a marca se alia a uma rede que diz que a família é o instrumento pelo qual certas verdades podem ou devem ser propagadas.

Esta política da vida atravessa a prática a que se liga o discurso que lemos aqui. Os indivíduos que praticam o fisiculturismo advogam os modos de ação atinentes a um governo da vida necessário para aquisição e manutenção de um estado corporal que simboliza um bem que pode fazer parte de um mercado de relações e de produções. Esta política de vida entra em domínios que não abarcam bens materiais, mas bens imateriais, simbólicos. A questão é que, nesta política, o homem é mercantilizado e se mercantilha; é colocado como moeda dentro desta lógica. Por isso, o panorama esmiuçado por Foucault alicerça nossa argumentação em torno do que defendemos neste trabalho e em torno da colocação do corpo enquanto empresa. A explicitação de uma política de vida que atua nos pormenores

das ações humanas e que estrutura modos de praticar as coisas possibilita compreendermos como uma atividade cuja tônica é o físico se torna um campo em que o praticante age como empresário do seu corpo e de sua vida. Além disso, este panorama possibilita mostrarmos como esta lógica se sobrepõe a outros fatores de nossas vidas.

Esta perspectiva utilitarista, presente na produção dos diferentes perfis corporais, se apresenta por meio de diferentes intervenções. Observamos longas explanações midiáticas que contemplam falas de especialistas sobre a saúde dos bebês; sobre alimentos indicados para renovação das células da pele, para a diminuição da ansiedade, para o aumento da concentração. Há programas que se dedicam integralmente a indicar caminhos para que as mulheres alcancem a beleza. Neles, receitas que incluem alimentação, exercícios físicos e suplementação são dadas sob a forma de orientação. Estes são alguns dos muitos dispositivos inerentes a esta forma de governo em que a população é convidada a participar do processo e, ao participar, retroalimenta este sistema.

Se para governar a população nas suas minúcias, é preciso fazê-la assumir uma conduta ativa, é preciso fazê-la agir; a lógica de mercado oferece à população a oportunidade de agir “livremente”, de adotar ações em que pode ver em si mesma e nas coisas com as quais tem relação as possibilidades de troca, de substituição, de produção, de fabricação, de exclusão, de descarte. Uma lógica de mercado possibilita que a população simplifique suas relações com a vida em sua complexidade, e essas relações adquirem status de mercadorias em que os indivíduos agem em conformidade com as diretrizes de uma arte de governo.

Se retomarmos as metáforas discutidas no primeiro capítulo, o corpo, compreendido como troféu ou até como propriedade, em algumas manifestações, é uma reverberação desta lógica. O homem se relaciona com seu corpo como quem se relaciona com uma mercadoria, mas, acima de tudo, age como acionista que, ao mesmo tempo em que investe em seu corpo, produz investimentos para sua vida e para a engrenagem.

O homem que assume o seu corpo, nesta perspectiva, não assume uma responsabilidade por administrar sua liberdade corporal, assume uma liberdade que é necessária para atuar maciçamente como responsável pelo sucesso ou pelo fracasso deste corpo. Se as suas relações estão baseadas em um modelo que tem como fio condutor as trocas e tudo que estas implicam, então a relação do homem

com seu corpo diz respeito a um bem-estar que pode ser adquirido por meio de uma mercantilização da própria vida. As consequências disso dizem respeito ao modo como os homens se relacionam consigo, com o próprio corpo e com seus pares.

3.2 Performance: entre o uso e o cuidado de si

Considerando o fato de o homem ter cedido à razão que prega a economia como elemento regulador de todas as suas relações, considerando o fato de que a lógica mercantil perpassa toda e qualquer atividade dos indivíduos e regula abissalmente o modo de relação entre os homens, cabe explicar sobre as ações que esses homens adotam ou são impulsionados a adotar para atenderem aos impositivos desta arte de governo. É preciso discorrer sobre o *modus operandi* que o homem adota para sua vida quando atende aos imperativos desta racionalidade.

A vida da população, ao ser atravessada pela lógica de mercado, é alvejada por uma série de estratégias que dão aos indivíduos a crença de que estão em posição de escolher e agir de forma a assumir para si e por si mesmos certas responsabilidades. Tais estratégias impõem aos homens a necessidade de se relacionarem consigo e com o outro de forma igualmente impositiva, já que para serem responsáveis por si mesmos e exercitarem esta diretriz precisam adotar atitudes que os façam professar os preceitos desta lógica.

Nesta arte de governo, são implantados mecanismos que fazem do homem um ser atuante. Esta atuação diz respeito às ações que devem ser empreendidas para que a racionalidade mercadológica atue e seja multiplicada, por isso certas ações dos homens são essenciais para a “prosperidade” desta lógica. Desse modo, os homens agem efetivamente como se estivessem em um mercado, os bens que comercializam são aqueles que dizem respeito a esferas da vida que implicam particularidades ou necessidades. Esses bens, por sua vez, são oferecidos ao outro, e a esta oferta liga-se um modo de consumo e de ação que coloca os indivíduos em competição consigo e com outro, por isso o campo em que tais ações se inscrevem é o da concorrência.

A concorrência, diz Foucault (2010), é o essencial do mercado. Na arte liberal de governar, a concorrência compõe todas as malhas da engrenagem, pois é impossível fazer os homens participarem do processo sem que tenham possibilidade de gerar lucros para si, sem que tenham a ideia de que geram coisas. Assim,

[...] A concorrência no seu jogo, nos seus mecanismos e nos seus efeitos positivos que vemos e valorizamos, não é de todo um fenômeno da natureza, não é o resultado de um jogo natural dos apetites, dos instintos, dos comportamentos, etc. Na verdade, a concorrência só deve os seus efeitos à essência que detém, que a caracteriza e que a constitui. A concorrência não deve os seus efeitos benéficos a uma anterioridade natural, a um dado natural que possuiria. Deve-se a um privilégio formal. A concorrência é uma essência. A concorrência é um *eidos*. A concorrência tem uma lógica interna, tem a sua própria estrutura. Os seus efeitos só se produzem na condição de que essa lógica seja respeitada. *É, de certa maneira, um jogo formal entre desigualdades*. Não é um jogo natural entre indivíduos e comportamentos. (FOUCAULT, 2010, p.158) (grifo nosso)

Com isso, podemos compreender que as ações dos homens, nesta lógica de governo, estão fundamentadas em elementos que os tornam oponentes. Mesmo que atuem nas mesmas esferas, mesmo que tenham as mesmas pretensões; suas alianças se fundam na oposição. Se a concorrência se ancora no jogo entre desigualdades, isso significa que as relações entre os homens são constituídas a partir de disputas. Os bens que os homens possuem “são colocados no mercado” de modo a disputarem lugares, espaços e subjetividades em relação ao outro. As desigualdades são primordiais na concorrência, pois sem elas não há competição, não há “luta” para alçar lugares mais altos. É nesta ordem que homens precisam ter atuações cada vez mais arrojadas e eficientes, é nesta ordem que os homens precisam ter performances ideais. O homem performático é aquele que cuida de si, pois precisa atuar; mas também é aquele que faz uso de si para compor o jogo da concorrência.

Embora esteja atada ao universo da concorrência, a performance, guiada por esta mentalidade de governo, se realiza, se processa por meio de ações individuais. O homem cultiva ações cujo foco é ele mesmo, o outro é desqualificado, pois essas ações têm como alvo a concorrência com ele mesmo, em primeiro lugar e, posteriormente com o outro. O alvo deste sistema é sempre o indivíduo. A performance se realiza por meio de uma cultura de si. Uma cultura de si, como argumenta Foucault (2014b), a partir das reflexões de certas práticas da era clássica, diz respeito aos cuidados que se deve ter consigo mesmo, no entanto tais

cuidados estão na direção de uma dedicação, de uma ocupação consigo mesmo. O cuidado de si não é uma atitude isolada ou considerada no âmbito das atividades essenciais para a vida humana. Então,

[...] é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é, em todo caso, um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; *ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu, assim, uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições*; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber. (FOUCAULT, 2014b, p.58) (grifo nosso)

Cuidar de si mesmo se estende por todos os âmbitos da vida do homem, a ideia de cuidar de si mesmo assume todas as vertentes da vida porque é ressignificada. Não se trata mais dos cuidados inerentes à existência, dos cuidados que todos devemos ter com a saúde, com a higiene, com o tempo, com a alimentação. Trata-se de um modo de vida que é desenhado para colocar o homem como elemento que participa da constituição de si, do outro e desta mesma engrenagem.

É nesse sentido que a performance se dá. O homem imerso em uma conjuntura atravessada por relações mercadológicas é convidado a investir em si, é convidado a trabalhar para si e por si. O homem performático é aquele que atende aos apelos de uma lógica que advoga o bem-estar com o corpo, consigo mesmo, com a família, com o ambiente de trabalho, com o cônjuge e com tudo que se relacione a ele. Mas este não é um bem-estar no sentido amplo, pois estas redes não priorizam o homem no sentido integral, estas redes potencializam a capacidade de produção do homem para manter o seu funcionamento. As engrenagens desta lógica geram estratégias para propagar e manter o investimento sobre os corpos. Por isso, discursos referentes ao bem-estar estão cada vez mais sofisticados, cada vez mais refinados no seu conteúdo e na sua forma. Cada vez mais observamos, nestes discursos, a apropriação do que é caro ao ser humano, são discursos que se apropriam dos valores, da intimidade, dos sentimentos para difundir, no fim de tudo, a racionalidade da livre concorrência. Este investimento controla as liberdades, faz com que o homem acredite que está escolhendo o que é melhor para si.

Então, há disseminação dos tipos de dieta, a propagação de receitas saudáveis, de programas, de páginas de redes sociais que se verbalizam o corpo e a saúde, o retorno aos modos de vida da pré-história como forma de saúde entre outras coisas. Tudo isso está na mesma via de uma política social¹³ em que os indivíduos atentam para se proteger dos riscos. Então, podemos depreender que, em nome de tal proteção, os indivíduos adotam práticas em que o corpo se torna o cerne das questões. O corpo não pode perecer, o corpo não pode adoecer, não pode sucumbir diante dos riscos. Proliferam-se, então, os suplementos, as roupas, os alimentos, academias. Em nome da saúde, da vida e dos corpos, os indivíduos adotam tal modo de vida, consomem tudo que se relaciona ao mesmo, e assim se instauram as concorrências entre saudáveis e não saudáveis; atletas e sedentários, monstros e frangos¹⁴. Essas concorrências, por sua vez, induzem às performances que alimentam este sistema de governo.

A concorrência, como combustível do neoliberalismo, incita o corpo social a disputar. Por isso, o sujeito do fisiculturismo é performático, atende aos imperativos de uma lógica em que é preciso investir incessantemente em si mesmo. O corpo hipertrofiado é um edifício erguido com ferros, mas, sua faceta simbólica é erguida em conformidade com a ordem neoliberal. Ordem que propõe uma liberdade útil, uma liberdade inerente ao universo das produções, do trabalho incessante como mola propulsora do sucesso. É nesta direção que está o denominado discurso motivacional do fisiculturista/bodybuilder. Embora a concorrência, no universo fisiculturista, seja entre os que tenham objetivos parecidos, todos apelam para uma pretensa diferença. Não a diferença inerente à vida, mas a diferença do status que se assume nesta lógica de governo, a diferença que os coloca em oposição permanente aos demais e a si mesmos. O denominado discurso motivacional estaria, então, a serviço de um chamamento, uma vez que a racionalidade neoliberal atravessa tal discurso na medida em que clama pela entrada do outro no universo

¹³ Política social aqui não tem relação com as políticas governamentais, mas com toda a engrenagem inerente à razão liberal de governo. Nesta razão, segundo Foucault (2014, p.188), uma política social é aquela em que é dada aos indivíduos a possibilidade de se protegerem dos “riscos”: morte, doenças etc.

¹⁴ Termos usados no universo dos marombeiros, daqueles que adotam práticas do fisiculturismo. Discorreremos detalhadamente sobre estes vocábulos e suas implicações subjetivas e discursivas no capítulo 8.

da concorrência, da competição. O sujeito é chamado a erigir seu corpo de modo que o mesmo seja um empreendimento, o sujeito é chamado a ser empresário do seu próprio corpo. O homem produz e se produz por ser ele mesmo seu gestor, por ser o único responsável pelo seu corpo. Nestes termos, o bodybuilding ou fisiculturismo assume o estatuto de uma atividade empresarial atravessada pela lógica da competição, que exige dos indivíduos a performatividade. Assim, não há só um corpo, mas um corpo-empresa que é alvo de investimentos, de ações e de discursos para sua produção e manutenção. Há um corpo-empresa e, conseqüentemente, um sujeito que é o empresário do seu próprio corpo.

3.3 Fisiculturismo: construção de músculos, atuação empresarial

Sob a regência da razão empresarial, a atuação do indivíduo precisa atingir o ápice. O indivíduo é impelido a agir em consonância com um modo de vida que tem como regra a busca incessante por resultados. Desse modo, o que entra no jogo da concorrência é mais do que a aplicação das habilidades individuais, mas, sobretudo, a adoção de uma maneira de atuar que contemple riscos. As atuações cada vez mais arrojadas dos indivíduos nos diferentes âmbitos de atividade dizem respeito a um universo de vida que não contempla a ruptura, o receio, o medo ou qualquer elemento que trave a marcha, já que no universo empresarial nada cessa. Se defendemos a ideia de que a ótica neoliberal atravessa o fisiculturismo e, conseqüentemente, os discursos inerentes ao mesmo, é lícito afirmar que a racionalidade empresarial também está presente.

Quando tratamos da questão do fisiculturismo, falamos da rotina que o indivíduo que se alia à prática precisa adotar e das categorias criadas para alcançarem uma parcela cada vez maior de participantes. Estes dois aspectos, se analisados, sob a ótica de uma política de gerenciamento de vidas, ligam-se a imposições de uma conjuntura que requer criações, invenções e estratégias que mantenham as pessoas em funcionamento. Este funcionamento não se refere a ações ou a uma preocupação com o movimento dos sujeitos em uma sociedade, mas à manutenção de uma engrenagem. Quanto mais sujeitos tomam para si ações

e programas desta lógica, mais engrossam o corpo de operários de uma fábrica de empresários.

Assim, as dietas rígidas e específicas, os turnos de treinos, a inserção de diferentes perfis musculosos nas competições não são somente necessidades e modificações do esporte, mas requisitos de um maquinário que se espraia pela sociedade, são requisitos de um maquinário adotado por muitos como forma de condução de suas atividades.

O indivíduo, para se manter aliado a esta lógica, age e acredita que exerce uma liberdade plena. O indivíduo se conecta com o mundo por meio do que Ehrenberg (2010) chama de esporte-aventura. Com esta expressão, o autor denomina uma relação estabelecida entre as práticas esportivas e as possibilidades supra-humanas de realização das coisas. Diz o autor:

O casamento do esporte e da aventura é uma resposta à crise da ação pública centralizada. Não é uma participação melhor do cidadão na decisão política que constitui uma referência possível para se sair da sociedade assistencial, mas a formação de um civismo puramente privado, de uma política fora da cidadania, em que cada indivíduo deve assumir as responsabilidades que a ação pública é doravante incapaz de assumir. (EHRENBERG, 2010, p.16)

Afirmar que esporte e aventura se mesclam é conceber que as características de ambos se misturam para conferir às ações dos homens um aspecto performático e, ao mesmo tempo, um aspecto inovador. Não se trata de cuidar da saúde, de cuidar do corpo ou de se arriscar esporadicamente. Trata-se, antes de tudo, da ocupação de um lugar em que o risco deve ser assumido, trata-se da assunção de um modo de vida em que performance e encantamento precisam andar juntos.

Com isso, é possível afirmar que no fisiculturismo transitam as duas faces: esporte e aventura. O esporte está presente no que tange ao aspecto visível e acional da prática, já a aventura está presente nas ações empreendidas para além do necessário, para além do compreendido como inerente ao esporte. É neste ponto que podemos argumentar acerca do aspecto empresarial da prática esportiva.

Um fisiculturista ou qualquer um que decida cuidar do seu corpo nesta perspectiva não adota somente uma prática esportiva com fins de modelação ou de preservação da saúde, adota também um estilo ou uma filosofia de vida. Como já apontamos no capítulo dois e em linhas anteriores, produzir um corpo hipertrofiado

não é uma tarefa simples, pois exige abnegação, restrições e disciplina. Isso não seria problema algum se não fosse elevado a uma potência. Observamos nos discursos ditos motivacionais pertencentes a este eixo que as necessidades relativas à prática deixam de pertencer ao campo material e adquirem um simbolismo que eleva a prática ao nível das produções de massa, das produções que requisitam a mobilização de forças e de atitudes que não pertencem à prática. Assim,

[...] observa-se que o esporte não é mais efetivamente apenas um exercício físico. Ele se torna uma maneira de assumir a responsabilidade por si mesmo diante das carências das políticas públicas do emprego e da incapacidade da administração em manejar os laços eficazes entre oferta e demanda no mercado de trabalho. (EHRENBERG, 2010, p.19)

Desse modo, as performances, que incluem a alimentação restrita e regrada e o treino pesado, não são apenas a comprovação das capacidades dos praticantes, mas a manifestação de suas condutas, ou melhor, das condutas que assumem como sujeitos que se responsabilizam por seu desenvolvimento. O corpo musculoso transforma-se em uma escolha que não está atrelada à estética ou à saúde, mas ao perfil de um indivíduo que se assume como empresário.

Nesta direção, o corpo torna-se uma empresa. O corpo torna-se um empreendimento que não se esgota em si. Não se trata de produzir e manter um corpo hipertrofiado para exibição ou para competição. A produção deste corpo é também e, simultaneamente, a fabricação de uma conduta diante da vida. O que se fabrica não é somente o perfil corporal de um fisiculturista, mas o corpo (simbólico) de um empresário.

É possível afirmar isso com base nas leituras preliminares que fizemos do discurso que se relaciona a este universo. Trata-se de um discurso que convoca elementos que de fato têm a feição de motivação, mas esta motivação não diz respeito aos atos de fala que intentam impulsionar os sujeitos a assumirem posturas de vida mais ativas para alcançarem seus objetivos. A motivação professada neste discurso liga-se a um impulso generalizado, a um aspecto comportamental que deve fazer parte da vida de todos, que deve servir a todos. Liga-se ao sucesso que foi alçado a uma necessidade de vida. O sucesso deixa de ser atributo ou consequência das ações daqueles que fazem coisas especiais para se tornar acessível. Qualquer um pode ter sucesso, basta trabalhar para isso, basta gerir a

sua vida. Nesse sentido, quando encontramos, no fisiculturismo, enunciados como: “Só quem consegue superar a barreira do medo, consegue viver o extraordinário”¹⁵ ou “A dor é apenas meu chamado para o sucesso”¹⁶, constatamos a existência de uma aproximação, de uma possibilidade que está ao alcance de qualquer um, pois “Ser bem-sucedido, hoje, é poder inventar seu próprio modelo, desenhar sua unicidade, ainda que idêntica à de todos os outros.” (EHRENBERG, 2010, p.50).

A percepção desta modelização presente no fisiculturismo é o que nos leva a compreender a prática, quando observamos sob o enquadre da conjuntura liberal, como uma simbologia da empresa, ou melhor, como uma das práticas que reverberam a voz uníssona de uma política de vida que vem ocupando vários âmbitos das vidas e das atividades humanas. O empresariado não está mais restrito à empresa, o empresariado é uma norma que rege, organiza e respalda muitas práticas. Por isso, as práticas necessárias à produção e à manutenção de um corpo hipertrofiado convertem-se em índices de superação de um modelo de vida que parece estático. Fazer oito ou nove refeições diárias cujos elementos principais são carboidrato e proteína, treinar exaustivamente (mais de uma vez ao dia, em muitos casos) e dormir 12 horas por dia transformam-se em passos para o sucesso.

Vale destacar, ainda, que os passos para o sucesso, muitas vezes, necessitam de auxílio, já que sustentar uma postura de sucesso permanente e um produto advindo deste sucesso não são tarefas simples, pois sabemos que, na prática, não há sucesso em tempo integral. Desta forma, podemos falar, sucintamente, dos subterfúgios que potencializam as ações para o sucesso. Um estilo de vida empresarial é complexo, já que o indivíduo é obrigado a abrir mão de sua humanidade, do seu lado falível. Isso torna as atividades, com seu aspecto empresarial, maçantes. Isso, para o indivíduo, é um peso a mais, pois além de precisar manter-se ativo e altivo para alavancar e manter o sucesso, precisa lidar com as dores deste estilo de vida.

Ao tratar da empresarização da vida, Ehrenberg (2010) aborda questões atinentes ao nosso tempo e desencadeadas pela pressão do sucesso. Depressão, insônia, nervosismo, ansiedade, síndrome do pânico são alguns dos distúrbios psíquicos desencadeados por este estilo de vida. Então, a administração de recursos que atenuem estes efeitos é colocada em ação. Tranquilizantes,

¹⁵ Enunciado retirado da página moldadas a ferro. (Instagram)

¹⁶ Enunciado retirado da página Academia Nova Pauliceia. (Instagram)

psicotrópicos, euforizantes caem na rotina das pessoas, são naturalizados e banalizados como se fossem componentes da vida. Estaríamos, pois, diante de uma sociedade dopada para manter o foco no sucesso. Se transferirmos estas colocações para o fisiculturismo, podemos falar dos suplementos. Substâncias como BCAA, que auxilia na produção de energia durante a atividade física e evitam a fadiga; glutamina, que age na recuperação do tecido muscular; albumina, que é retirada da clara do ovo e favorece o ganho de massa muscular; o Whey Protein, que age no desenvolvimento e no crescimento dos músculos; são administradas pelos indivíduos tanto para a potencialização do ganho de massa muscular como para a complementação alimentar, tendo em vista que suas dietas não contemplam todos os nutrientes necessários para o corpo humano. Os competidores de alto nível fazem uso das substâncias ao longo do dia, antes ou depois dos treinos, antes ou depois das refeições ou em intervalos determinados previamente. A administração dos suplementos depende das necessidades e da fase em que os indivíduos se encontram. Assim sendo, podemos afirmar que os suplementos entram no hall dos recursos que propiciam não necessariamente a vitória, mas, acima de tudo, a manutenção da performance.

Por isso, o que está em destaque é um corpo-empresa. Um corpo cuja tangibilidade é a simbologia de uma visibilidade social. Visibilidade esta que não tem relação nenhuma com o físico, mas com uma vida implantada no seio social que advoga a verdadeira vida dos indivíduos. O corpo, na prática, personifica uma vida apartada de uma vida saudável.

Ousamos afirmar que um corpo hipertrofiado é a ostentação de uma maneira de viver que engloba riscos, aventuras, fracassos e sucesso. A estética desses corpos seria o resultado desta busca, uma busca quase religiosa em que os atletas ou adeptos da modalidade cumprem as penitências (os exercícios, as abnegações etc.) e colhem a salvação (o corpo, a evidência, o sucesso).

4 NO MEIO DO CAMINHO, TINHA UMA PEDRA

Talvez cause estranheza a inserção do capítulo metodológico neste ponto da tese, pois até agora não ocorreram análises, discussões ou explicações acerca de questões linguísticas e discursivas presentes nos textos com os quais trabalhamos. A justificativa para isso está na organização do trabalho. Nos capítulos que seguem, apresentaremos os aspectos discursivos presentes em nosso corpus e argumentaremos em torno da prática discursiva em questão. Ao fazermos isso, apresentaremos demonstrações, o que acarretará, mesmo que sucintamente, na elaboração de análises. Desse modo, o capítulo metodológico aparece agora para a apresentação do corpus e dos caminhos que nos conduziram (e nos conduzem) às análises de forma condizente com nossa filiação teórica e com nossas concepções em torno do objeto de estudo. Feitos estes esclarecimentos, é possível prosseguir.

Toda investigação pressupõe um caminho a ser percorrido, um modo de fazê-la. Em nosso campo, todavia, é difícil determinar um percurso para análise, uma trilha fixa, uma vez que os objetos com os quais trabalhamos e os referenciais teóricos que respaldam nossas reflexões não cabem em um método que preestabelece as direções. A metodologia, em nosso campo, não se relaciona a uma visão representacional, já que trabalhamos com concepções de sujeito, de ciência e de verdade que não são estáticos, já que advogamos para nossos objetos de pesquisa, para a pesquisa e para o pesquisador uma feição processual.

Como trabalhamos com práticas discursivas, que são instituídas pela relação entre o social e o textual, há necessidade de mostrarmos os caminhos percorridos antes e durante a leitura dos textos e, ainda, durante a própria pesquisa. Explicitaremos, então, questões metodológicas que, para o campo em que trabalhamos, são caminhos para um pesquisar, são possibilidades para elaborar uma pesquisa em Análise do Discurso e, sobretudo, são experimentação para um pesquisar que se debruça sobre um objeto que é constituído por redes. Isso não significa que escolhamos caminhos aleatoriamente, significa, sobretudo, que um caminho, uma metodologia, em nossa perspectiva, é “a opção refletida a partir de nossos posicionamentos políticos e éticos.” (SPINK, FREZZA, 2013, p.15)

Cabe, por fim, expor que nos apropriamos de um verso de Drummond para intitular este capítulo, porque analisar um discurso é lidar com o naturalizado, com o instituído, com o familiarizado socialmente. Assim, ao analisarmos, não quebramos pedras, encontramos caminhos que permitem mostrar que sua imobilidade é aparente.

4.1 Análise de uma prática discursiva: análise de um processo

Dada a peculiaridade da Análise do Discurso que, para fazermos leituras complexas dos objetos, requer um aparato interdisciplinar, há que se considerar que não há possibilidade de coletar dados. Os dados, obviamente, existem, são os textos, porém não são pinçados por nós, não são escolhidos conforme afinidades teóricas, conforme a vontade do pesquisador. A perspectiva adotada neste trabalho nos coloca em um viés arqueológico. Foucault (2016) trata da arqueologia como procedimento capaz de mostrar os níveis que compõem um discurso, por isso quando lemos e relemos os textos de nosso interesse, captamos o que mais se destaca, o que é mais indicativo dos eixos de sentido de dada prática discursiva, captamos, como sempre afirma Rocha¹⁷, em suas colocações em sala de aula e nas reuniões de orientação, o que é mais “bandeiroso”.

Podemos afirmar, desse modo, que um discurso não é estanque, que um discurso não é um aparecimento fortuito. Um discurso é um acontecimento oriundo de um processo nem inteiramente linguístico, nem inteiramente social. Um discurso é um campo de relações historicamente situadas no qual se manifestam e interagem várias forças. Nesta perspectiva, não é possível que o analista leia um texto e “escolha” os elementos linguísticos com os quais trabalhará, pois o que é lido, o que é analisado em um discurso diz respeito ao que pode confirmar dado projeto discursivo. Um discurso, então, não é linear, um discurso apresenta meandros que

¹⁷ Em nossas reuniões de grupo que, aliás, são também reuniões de orientação coletiva, já que todos, professores e alunos, dividimos nossas experiências, nossos anseios e nossas percepções sobre a pesquisa e o aparato teórico; o professor Décio Rocha nos alerta para atenção que deve ser lançada sobre a materialidade linguística. Sua orientação é a de que, no exercício de leitura e releitura dos textos a serem trabalhados, precisamos estar atentos ao que é recorrente, em termos linguísticos, ao que é mais bandeiroso em dado material. Desse modo, o que é constante na materialidade linguística é parte do funcionamento de dada prática discursiva.

vão requerer uma prática analítica inerente à sua especificidade para que se possa analisá-lo, esquadrinhá-lo e situá-lo na trama social. A cartografia, proposta por Deleuze e Guattari, viabiliza isso. Afirmam Barros e Kastrup (2015, p.57):

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente.

A cartografia é, como o próprio nome indica, a escrita dos processos que formam um território, a escrita dos processos que formam um dado objeto. A cartografia não é um instrumento que dá ao pesquisador a possibilidade de revelar ou descobrir algum plano oculto no território pesquisado. Pelo contrário, a cartografia permite que o pesquisador acompanhe sua formação, seu processo, sua constituição.

Ao analisar um discurso, são observadas as relações entre elementos e planos distintos, heterogêneos. Um discurso é o linguístico, que não aparece no plano textual por “opção” de um sujeito; um discurso é o histórico, já que só é possível dizer o que se diz em dada conjuntura; um discurso é o social, pois na relação com outros discursos se constitui, se institui, se reconstrói, se limita; um discurso é, por fim, praticado por um sujeito que não é, mas se dá, se institui como tal, ocupa uma posição para dizer o que diz, como afirma Foucault (2016). É possível, então, afirmar que um discurso é um campo gravitacional em que várias forças em tensão interagem para afirmar seu funcionamento.

Desse modo, a cartografia é, para o analista do discurso, a possibilidade de escrever sobre esta engrenagem, todavia, essa escrita não tornará o discurso claro, não revelará o oculto, mas mostrará as dimensões linguísticas, históricas e políticas. Um analista do discurso, um investigador de discursos fala do discurso, mostra a engrenagem do discurso, mostra os sujeitos ali presentes, mostra as subjetividades instauradas, mas também se mostra. Nesse ponto, pode-se falar em pesquisa enquanto intervenção, pois o investigador é um sujeito e ser sujeito, como afirmamos acima, é ocupar uma posição para dizer (fazer) o que se diz (faz). O investigador é um sujeito cuja subjetividade não é estanque, a subjetividade também é moldada pelo aparato teórico-filosófico a que se filia, pelas discussões com seu grupo de pesquisa, pelo movimento migratório que talvez tenha feito de um campo

de pesquisa para outro, pelo contato com o discurso com o qual deseja trabalhar, pela heterogeneidade deste próprio discurso. O analista, enquanto sujeito, intervém no discurso a partir deste lugar, o analista interfere no processo do seu objeto de estudo, o analista transforma este objeto, porque, ao pesquisar, ao descrever e ao mostrar os processos de constituição do discurso produz outro (s) discurso (s) e outras possibilidades para que enxerguem este objeto.

Assim, a cartografia permite que acompanhem um processo, em nosso caso, que façamos a análise uma prática discursiva. Tal análise possibilita a descrição, a intervenção e a criação, pois, ao mostrar as forças, desnaturalizamos o discurso, mostramos que não há um estado de criação. A intervenção se dá, porque uma vez que ocorre a descrição dos processos que compõem um discurso, este já não é mais o mesmo, ganha novos contornos e um aspecto de futuridade, pois outras intervenções podem ser feitas. A intervenção orienta uma atitude política tendo em vista o fato de que os caminhos de constituição do discurso descritos pelo pesquisador poderão ensejar atitudes e discursos que, por sua vez, intervirão na sociedade, e assim outras atitudes políticas serão geradas.

Podemos, por fim, conjecturar o método da cartografia como um aporte que propicia um modo de fazer pesquisa em que objeto, pesquisador, teoria, área de saber e sociedade fazem parte de todo o processo de produção de uma pesquisa, pois a cartografia é a escrita, é o esquadramento de objetos produzidos por sujeitos que são/estão em processo de constituição.

Nesta perspectiva, não há coleta de dados, mas produção de dados. Ao fazer as leituras do referencial teórico, ao estabelecer as relações, ao apreender o linguístico inerente à natureza da prática discursiva, produzimos dados, produzimos o que não era visto como um dado de pesquisa, desnaturalizamos o que aparentava ser óbvio. A partir da descrição do corpus, mostraremos os caminhos percorridos para a produção desses dados.

4.2 Caracterização e Descrição do corpus

Uma prática discursiva apresenta regularidades. Uma prática discursiva só é assim definida em virtude dos processos que advoga. O que nos propomos a analisar nesta tese é uma prática que diz respeito à busca e à manutenção de dado

perfil corporal que se enquadra em uma lógica que não é a do corpo. É uma prática discursiva que advoga valores em conformidade com a corporeidade apresentada. Os textos inerentes a esta prática são denominados como motivacionais e se materializam em vlogs, em posts de redes sociais e em músicas (o denominado rap maromba ou música de maromba). Todos circulam em ambiente virtual e apresentam, obviamente, suas especificidades, suas peculiaridades em função da tessitura de suas textualidades.

Em nosso projeto inicial de trabalho, nossa proposta era analisar as músicas, pois considerávamos (e ainda consideramos) intrigante e peculiar o fato de haver uma enunciação materializada em música para motivar pessoas a conquistarem os corpos desejados. Com o retorno aos textos para traçar itinerários, para estabelecer relações com o aporte teórico-metodológico, observamos que a análise dos posts seria mais produtiva no que tange à descrição da prática discursiva. Primeiramente, identificamos que, tanto nas músicas como nos blogs e nos posts, havia um padrão relacionado ao tom. Mais explicitamente ou não, a maioria dos textos apresenta um tom de aconselhamento ou de advertência. Percebemos, então, que analisar as músicas seria, de certa forma, diminuir a potência do modus operandi recorrente do discurso devido à extensão das letras. Assim, optamos por analisar somente os posts por serem mais enxutos e, conseqüentemente, apresentarem maior fluidez no que se refere à propagação do fio discursivo em questão. O encaminhamento para a análise dos posts também está atrelado a outro fator. Como estes são produzidos na relação entre o verbal e o não verbal e, como o verbal não é constituído por textos de autoria da comunidade discursiva, vimos que a junção de texto e imagem formava um conglomerado. Isso nos apresentou a possibilidade de refletir e discutir questões inerentes à linguística, à enunciação e à produção de uma prática discursiva. Por isso, cabe reafirmar que analisar os posts não foi uma decisão aleatória, mas um traço que se definiu no decorrer das leituras, no próprio pesquisar.

Os textos que fazem parte desta tese estão presentes no ambiente virtual e se apresentam como resultado da relação entre o verbal e o não verbal. Esta relação liga-se ao que Maingueneau (2008b) denomina como prática intersemiótica. Para o autor: “O pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos derivados de domínios semióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas.” (p.138). Podemos compreender, então, que as especificidades de uma prática discursiva podem requerer um ou mais

sistemas semióticos que afirmem ou confirmem seu lugar no universo discursivo. É isso que observamos no corpus aqui analisado. Se a prática discursiva advoga valores éticos e morais para obtenção do corpo hipertrofiado, a textualidade tem que estar alinhada a este propósito discursivo.

É necessário, então, descrever o corpus. A natureza do objeto aqui pesquisado e dos suportes teóricos com os quais trabalhamos impõem um desafio no que tange ao modo de pesquisar e também ao modo de conceber e descrever os dados. A textualidade não é unívoca, linear. A textualidade é tecida quase que no mesmo momento da leitura, pois a mesclagem de dois sistemas semióticos impõe o estabelecimento de relações de sentido no ato da leitura. Assim, cabem algumas considerações acerca da relação entre verbal e não verbal em uma perspectiva analítica.

Lagazzi (2009) destaca a noção de recorte como necessária à análise de um discurso. A autora lembra a distinção feita por Orlandi entre segmentar uma frase e recortar um texto e afirma: “O gesto analítico de recortar visa ao funcionamento discursivo, buscando compreender o estabelecimento de relações significativas entre elementos significantes.” (p.67). Nesse sentido, o ato de analisar um discurso diz respeito às relações que podem ser estabelecidas entre as regularidades linguísticas e/ou regularidades não linguísticas. O recorte, nesse sentido, é exatamente a possibilidade de destacar uma dada relação textual que indica a especificidade de um discurso e/o prática discursiva.

Dessa forma, quando trabalhamos com textos cuja composição se dá por diferentes materialidades, não há possibilidade de privilegiarmos uma ou outra. Ambas são responsáveis pelos sentidos manifestos, são inseparáveis, pois intercambiam suas peculiaridades para o cumprimento do projeto de discurso. O recorte, então, contempla a relação entre os diferentes universos semióticos, pois

apresenta as condições necessárias para a prática analítica de objetos simbólicos constituídos por diferentes materialidades significantes. Esse dispositivo permite ao analista mobilizar, na relação teoria-prática, as diferenças materiais, sem que as especificidades de cada materialidade signifiante sejam desconsideradas. (LAGAZZI, 2009, p. 68)

O que temos, então, é um recorte, uma seleção das regularidades verbais e das regularidades não verbais dos textos que funcionam como diretrizes para análise. Os textos, com materialidades distintas, são analisados, considerando-se a relação entre ambas. As peculiaridades de cada uma, em conformidade com o

aparato sócio-histórico, compõem o mosaico de relações de sentidos. Elas não se complementam, mas se “relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais.” (LAGAZZI, 2009, p.68)

Podemos, então, descrever os textos com os quais trabalhamos aqui como um conglomerado de significação alicerçado por um plano verbal constituído por textos oriundos de diferentes esferas discursivas que dizem respeito, em sentido amplo, à motivação e ao aconselhamento; e por um plano não verbal constituído por imagens de indivíduos com corpos hipertrofiados. Esta relação se significa, se retroalimenta. Cada um dos planos atua para ratificar o projeto discursivo, já que o verbal passa a pertencer à comunidade discursiva pela relação que estabelece com o não verbal. O não verbal, por sua vez, passa a pertencer ao universo da motivação pela relação que estabelecer como verbal. Considerando a leituras prévias e os retornos constantes ao textos, é possível afirmarmos que as regularidades do não verbal são as expressões faciais dos praticantes e as próprias posturas adotadas na demonstração da execução dos exercícios. Isso traz o verbal para este universo. O corpo, como massa muscular, tem sua significância, mas a relação com o verbal se dá por meio destes dois aspectos. Já o verbal apresenta como regularidade o vocabulário, mais especificamente: os verbos no imperativo e os vocábulos cuja significância remete ao universo existencial.

Estes enunciados circulam, como mencionamos acima, no ambiente virtual. São difundidos e veiculados através da rede social *Instagram*. Rede que permite a criação de páginas pessoais, profissionais, comerciais, políticas, religiosas, publicitárias e outras pertencentes a vários eixos da atividade humana. Nela, os indivíduos podem expor produtos, marcas, atividades, corpos, posicionamentos, propostas etc. O que diferencia esta rede de outras é o fato de haver o imperativo do elemento não verbal. Como é uma rede on line de compartilhamento de fotos e vídeos, para fazer qualquer publicação, há a obrigatoriedade de anexar, concomitantemente, um elemento não verbal. Até mesmo as publicações que contêm somente a textualidade verbal são uma produção imagética, pois os textos são implantados em uma estrutura própria para imagens, desenhos e fotografias. Trata-se, portanto, de uma rede social cujo imperativo é intersemiótico.

Sobre estes enunciados, é preciso fazermos uma consideração. Ao lermos os mesmos, sentimo-nos desconfortáveis por não conseguirmos enquadrá-los em algum gênero. Como analista que necessita do texto para realizar o trabalho, experimentamos um desconforto com os enunciados que, embora dissessem muito sobre a prática, não tinham uma estabilidade genérica. Assim, foi necessário rever a centralidade do conceito de gênero para o trabalho e o perfil dos textos que se apresentavam.

Sabemos que o advento e a solidificação da internet e das tecnologias de comunicação e de informação modificaram o modo de produzir textos, de colocar a língua em ação. Os textos, nos formatos dos gêneros que conhecemos, se modificaram profundamente. Com isso, as possibilidades de criação de novos gêneros ou enunciados e a mesclagem de esferas semióticas propiciadas por estas tecnologias passaram a ser evidenciadas. Isso impõe um desafio para todos aqueles que trabalham com textos. A estabilidade que conhecíamos foi abalada, pois até mesmo os gêneros mais fixos estão sujeitos a novos percursos de produção e de leitura. Além disso, a multimodalidade se tornou a base de produção de muitos enunciados. Nesse sentido, estamos diante uma nova forma de textualidade: a textualidade navegante. Segundo Maingueneau (2015), esta textualidade é a da *Web*. É um tipo de textualidade que diz respeito a outras relações de leitura, pois é o leitor quem cria percursos, gera certos itinerários para o texto e para o sentido. Nesta textualidade, que não é planejada e sedimentada, o que prevalece “[...] é a cenografia, encenação da informação, que tem o papel chave; ela mobiliza, além disso, maciçamente, os recursos multimodais (imagem fixa ou móvel, som) e as operações hipertextuais.” (MAINGUENEAU, 2015, p.162)

Desse modo, os enunciados que analisamos neste trabalho, pelo meio que circulam, pela forma como são produzidos, se enquadram nestas novas textualidades e recebem o nome de posts (publicações), categorias de enunciados que, segundo Maingueneau (2015) não se enquadram em uma cadeia fechada de interação, pois o ciclo que seguem até seus destinatários (seguidores) não é linear, depende dos movimentos que os mesmos fazem no ambiente virtual. Estas publicações dizem respeito a segmentos que se ligam por meio de um princípio comum: “[...] As postagens, ao mesmo tempo, pressupõem e reforçam as comunidades, favorecendo uma espécie de “tribalização” fundada na comunicação e que não segue os recortes sociais tradicionais.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 172). É

possível, a partir desta passagem, traçar um paralelo com a noção de comunidade discursiva definida pelo próprio autor. Quando o mesmo fala em tribalização está apostando na constituição de textos que evidenciam sujeitos, modos de transitar que se manifestam e se sedimentam nos enunciados, porém no que tange à textualidade navegante, o ambiente difere e permite uma atualização e uma ampliação desta ideia. Assim sendo, as postagens são enunciados alinhados a propósitos discursivos que se sedimentam e circulam, diferentemente dos textos pertencentes aos gêneros, em conglomerados que reúnem enunciadores e coenunciadores que retroalimentam esta relação.

Os enunciados analisados neste trabalho são produzidos e veiculados no perfil *monstrosbr* cuja imagem é a seguinte:

Figura 10



Fonte: <https://www.instagram.com/monstrosbr/?hl=pt-br>

As descrições das páginas da rede social Instagram designam as atividades, os propósitos das mesmas. Assim, os eixos de sentido, a condensação dos propósitos discursivos já são entrevistas. Nesta rede social, as relações estão baseadas na exposição de si e, conseqüentemente do outro, uma vez que, para se enunciar, o sujeito parte da grade de sentido do outro.

A página a qual os textos analisados neste trabalho pertencem faz parte do universo *bodybuilding/* fisiculturismo. Como todas da rede social Instagram, traz a apresentação da atividade a que se vincula, o número de seguidores que possui, o número de publicações, a quantidade de páginas que segue e a data de criação. Os textos que veicula são compostos pelo elemento verbal, que traz os sentidos referentes a universos da existência humana, e pelo elemento não verbal, que são as imagens de corpos hipertrofiados (de atletas e de anônimos). Esta composição

confirma não só o perfil da página, mas o ramo de atividades a que se vincula. Por uma questão de algoritmo, o usuário que seguir esta página recebe sugestões de páginas relacionadas para seguir, recebe sugestões de atletas para seguir, recebe solicitações de pessoas que estejam dentro deste perfil que querem segui-lo. Não se trata somente de uma filiação à página, mas de uma filiação a um ramo de atividade que corresponde a um perfil identitário.

A reunião de dois sistemas semióticos impôs um percurso. Inicialmente, foi necessário apreender como o verbal se aliava ao não verbal, como o não verbal validava ou ressignificava o verbal. Posteriormente, verificamos, a partir do aporte filosófico, quais relações se davam, que elos e pontos de contato ligavam um plano verbal que abarcava sentidos existenciais a um plano não verbal composto por elementos que comportavam força e embrutecimento. A partir, dos exercícios de leitura e de releitura, partimos para observação da recorrência das marcas linguísticas.

4.3 Marcas linguísticas

No próximo capítulo, exporemos o *modus operandi*, a enunciabilidade da prática discursiva que é nosso objeto estudo, mas um trabalho em análise do discurso de base enunciativa diz respeito também às regularidades estruturais, isto é, à materialidade linguística, às marcas linguísticas recorrentes nos textos que circulam por meio da prática discursiva. Portanto, analisar uma prática discursiva é compreender as relações entre língua e história, é compreender como os signos linguísticos coadunam, em conformidade com a história, para a produção de sentidos. Desse modo, cabe explicitarmos quais são as marcas mais recorrentes e, sobretudo, as que convidam o leitor-analista a levantar hipóteses e a estabelecer relações de diferentes ordens.

Como mostraremos no capítulo 5, os enunciados verbais que compõem os textos que leremos são oriundos de diferentes esferas discursivas. Algumas delas fazem parte de um repertório vasto, são parte daqueles discursos que se autorregulam, que regulam outros discursos, outras práticas. Por terem tais características, estes discursos podem transitar em outras esferas, podem ser

utilizados, ressignificados e podem reger várias coisas. O plano verbal dos textos aqui analisados apresenta uma marca recorrente: o vocabulário.

Todo texto, obviamente, comporta um vocabulário. Todavia, na perspectiva da Análise do Discurso, Maingueneau (2008b), ao postular que em um discurso tudo emerge simultaneamente, propõe a semântica global para alicerçar sua tese. Esta semântica abarca elementos que reunidos promovem o funcionamento de um dado discurso. Entre esses elementos está o vocabulário que, para o autor, assume estatuto de pertencimento. Desse modo, o vocabulário não é simplesmente o conjunto de palavras de um texto, o vocabulário é o que as palavras se tornam para cumprir o projeto de discurso oriundo de uma rede de relações em dada formação discursiva.

Assim, os exercícios de análise, de retorno constante aos textos pertencentes à prática discursiva permitiram que captássemos o vocabulário como a marca recorrente, como a entrada que nos permitiria ler e mostrar a prática discursiva. Detectamos, então, que os verbos no modo imperativo e demais vocábulos que convocam vieses semânticos pertencentes ao campo das condutas se reiteravam.

4.3.1 Vocábulos pertencentes ao campo da conduta

Uma palavra não é o que ela pode dizer. Uma palavra não é representação do mundo ou das coisas. Uma palavra é uma ação no mundo. Quando um vocábulo entra no circuito de um dado discurso está ali não só porque é condizente, mas porque dá sustentação às relações inerentes à uma espécie de ecossistema discursivo, ou seja, um discurso se individualiza também a partir de elementos linguísticos que estruturam, que mostram as relações ali estabelecidas.

É possível conjecturar que, na prática discursiva que é objeto deste trabalho, a denominação motivacional só pode ser aceita pelos coenunciadores, só pode transitar se as palavras que comporta forem pertencentes a campos afins, se reunirem semas que invoquem questões desta ordem. É possível observar isso nos enunciados abaixo retirados da página Moldadas a ferro do Instagram.

1. “Prepare-se para novos dias com mais **força, pensamento positivo e novas atitudes.**”
2. “Você tem a **força** exata que **precisa**. Descubra o que te **motiva**”
3. “A **mudança** que você deseja **depende** das suas **atitudes**”

As palavras são semantizadas para produzir uma enunciação inerente à prática discursiva. As palavras são relacionadas às subjetividades, às verdades e à conjuntura; formam um bloco semântico no qual o discurso se sedimenta. Não são as palavras por si mesmas, mas palavras que funcionam na prática discursiva, pois as mesmas palavras, nos mesmos enunciados, apresentariam outros direcionamentos, se estivessem agregadas a uma prática discursiva cujas peculiaridades fossem outras. O funcionamento, portanto, não diz respeito às palavras em si, mas às conjunturas em que estão inseridas e às potencialidades que têm para sustentarem determinados eixos e propósitos discursivos.

4.3.2 Verbos no imperativo

Em sentido lato, os verbos no imperativo cumprem, nos textos, a função de interpelar o coenunciador, o leitor, o ouvinte. É um modo verbal que permite a realização de ações languageiras que estejam atreladas à intencionalidade de modificar comportamentos.

Nos enunciados aqui lidos, a presença dos verbos no imperativo é muito significativa, pois indica mais do que comandos que visam a uma mudança de comportamento do interlocutor. Estes verbos estabelecem uma estreita relação com a lógica que atravessa a prática discursiva. Sendo o neoliberalismo uma lógica que constrange o sujeito a ser responsável por si mesmo, a se desvincular das relações e se intitular como senhor de si, constata-se que há necessidade de incitá-lo, de impor-lhe certos desejos, de impulsioná-lo a ser alguém “livre das amarras”. Observamos enunciados como:

4. “**Malhe, coma** bem, **seja** paciente. Seu corpo irá recompensá-lo”
5. “**Trace** objetivos, e então **supere-os!**”

6. “**Coloca** as desculpas nas costas e **agacha!**”¹⁸

Se um enunciado pode ser usado para reger vidas, significa que sua materialidade precisa comportar, mesmo que minimamente, um viés imperativo, um viés de ordem. Por isso, mais do que palavras de ordenamento, os verbos no imperativo, nesta prática discursiva, atuam como dispositivos atitudinais. Coadunam com a intencionalidade de impelir o coenunciador a se manter em uma posição ativa. Tal atividade não se relaciona da necessidade dos movimentos humanos, mas da necessidade que a engrenagem liberal requer. Trata-se, mais uma vez do funcionamento do vocábulo nestes textos. Não é o imperativo em sentido lato, mas o imperativo em sentido estrito, ou seja, o vocábulo, com suas especificidades relativas à incitação à mudança de comportamentos, atua em consonância com o que é requerido pelo discurso.

¹⁸ Enunciados retirados da página do Instagram @moldadasaferro – 27/12/17.

5 QUEM VÊ MÚSCULO (NÃO) VÊ DISCURSO

O que chamamos de discurso comporta uma dimensão verbal e outra não verbal. Ambas se articulam em conjunturas específicas e perpassam atividades, atravessam as práticas dos sujeitos, se mesclam a outros discursos. O que chamamos de discurso é, na verdade, uma prática que comporta sentidos relativamente sedimentados. Neste capítulo, fazemos uma abordagem sobre a discursividade inerente aos textos que analisaremos, ou seja, expomos as peculiaridades da prática discursiva relacionada à superação e à vitória no âmbito da corporeidade no fisiculturismo.

Neste capítulo, é feito um duplo movimento. Expomos o referencial teórico que ampara as questões discursivas inerentes ao nosso objeto de estudo e, ao mesmo tempo, fazemos exercícios de análise, pois consideramos necessário mostrar o desenrolar da prática discursiva. Desse modo, este capítulo é de natureza teórica, metodológica e analítica.

Cabe, por fim, esclarecer a intitulação do capítulo que é uma paródia. Trabalhamos com a reescrita do ditado popular *Quem vê cara não vê coração* devido à evocação das máscaras, da aparência que o enunciado faz, o que condiz com as peculiaridades da prática discursiva que estudamos.

5.1 Um discurso ... Uma prática discursiva

Na perspectiva teórica adotada neste trabalho, um discurso não é uma produção estanque. Um discurso se institui e circula a partir da articulação entre diferentes instâncias. O que caracteriza um discurso é sua peculiaridade que está atrelada ao fato de o mesmo ser produzido em conjunturas específicas que englobam sujeitos, práticas, textos e articulações distintas. O discurso, portanto, tem uma identidade, ou seja, pode ser identificado por certos traços. O discurso se institui por conta de um trabalho que articula elementos distintos para produção de sentidos. Assim, já não podemos falar em discurso, mas em prática discursiva.

Considerar o discurso como uma prática requer, antes de tudo, que se considere o desenrolar desta prática. Um discurso não é uma prática concernente à escolha de um sujeito, não é uma prática somente porque é reiterado. A ideia de uma prática discursiva se relaciona a coerções, a imposições de diferentes ordens que, de modo minucioso, se articulam para dar-lhe corpo:

[...] Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade.; por isso tratar de prática discursiva requer que seja recuperada a relação com formação discursiva. (FOUCAULT, 2009, p.53)

Nesse sentido, tratar de prática discursiva requer a recuperação da ideia de formação discursiva. Uma formação discursiva não é uma região onde os discursos se formam, não é uma esfera em que sujeitos produzem uma massa de textos com as características semelhantes por uma questão de afinidade ou de escolha. Uma formação discursiva tem relação com estatutos de saber e de poder de determinada época que ascendem e se desenrolam nos textos. A ideia de uma formação discursiva liga-se ao fato de os enunciados adquirirem pertencimento a dado campo de sentidos, mesmo que não tenham semelhanças. Os enunciados, segundo Foucault (2016, p.39), “diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”, ou seja, os enunciados passam a fazer parte de uma formação discursiva quando os objetos a que fazem referência os atravessam com as mesmas particularidades. É como se houvesse uma transposição em que os enunciados, mesmo que pertencentes a outros campos enunciativos, passassem a fazer parte de uma dada formação por conta de certas peculiaridades que têm para referir a dado objeto.

É possível exemplificar o que foi explicitado acima a partir dos textos que compõem o corpus desta tese. Estes pertencem a esferas efetivamente diversas. Há textos da esfera filosófica, da esfera empresarial, da esfera religiosa, da esfera artística, porém todos guardam um aspecto: o efeito de universalidade. O que enunciam aplica-se a muitas situações, por isso, podem fazer parte de uma formação discursiva que advoga a motivação como norte. Assim,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2016, p.47) (grifo do autor)

Então, uma formação discursiva comporta enunciados que se imantam, que se ligam por relações muito estritas. Estes enunciados se encontram e o que os une não são as similitudes estruturais ou enunciativas, mas a história, enquanto produtora de acontecimentos, de sujeitos, de saberes. Estes enunciados apresentam características que asseguram o estatuto de dada formação discursiva, por assumirem o viés das regras inerentes à mesma. O aparecimento e a circulação dos enunciados que se ligam a uma formação discursiva implicam objetos, modos de enunciação, conceitos e estratégias, ou seja, abarcam elementos que são formulados e produzidos no próprio discurso e regulam sua constituição. Nesse sentido, uma formação discursiva apresenta regras de formação que “são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva.” (FOUCAULT, 2016, p.47). Tais regras, portanto, determinam uma formação, fazem dela o que é, compelem a formação dos enunciados, permitem dizer certas coisas e não outras, obrigam a dizer de certo modo e não de outro.

Ao detectar que uma formação discursiva abarca regularidades, Foucault (2016) nos fala dos elementos que entram em jogo quando a mesma é estabelecida. O autor nos fala em formação, porque entende que esses elementos podem não ser os únicos a entrar no jogo do estabelecimento da formação discursiva e, acima de tudo, esses elementos são oriundos de um trabalho feito pela relação entre o linguístico e o não linguístico. Na perspectiva do autor, uma formação discursiva está atrelada a um feixe de relações que, ao serem trabalhadas, estabelecem a orientação dos enunciados que, por sua vez, solidificam o sentido da própria formação discursiva. Esses elementos são: os objetos, as modalidades enunciativas, os conceitos e as estratégias.

Os objetos não aparecem em uma formação discursiva somente como aquilo de que se fala. Os objetos de que fala uma prática discursiva existem na e pela prática. São formados por práticas históricas, são moldados para pertencerem a este ou àquele eixo, são resultado do cruzamento entre o verbal e o extraverbal, os

objetos assumem dado estatuto na prática, por isso, podem ser lidos e ditos dentro de uma determinada formação discursiva.

Já as modalidades enunciativas são formadas pelo trabalho realizado sobre os tipos de enunciado. Os enunciados que habitam uma formação discursiva são parte do trabalho feito para estabilizar a mesma. Nenhuma tipologia enunciativa é gratuita, pois emerge em conjunto com outros elementos que determinam o estatuto de uma formação. Nesta tese, trabalhamos com a prática discursiva denominada motivacional, e encontramos, por exemplo, textos confessionais, motivacionais, narrativos. Isso não é fortuito, isso tem relação com a constituição da formação em que se inscrevem, pois o trabalho que é feito na e pela formação discursiva precisa garantir seu estatuto, e isso passa, necessariamente, pelos enunciados que a compõem. Ocorre, entretanto, que estes enunciados são enquadrados na formação discursiva a partir de determinadas diretrizes. Uma delas é o estatuto do enunciador, que possibilita não só a circulação das modalidades enunciativas, como também sua solidificação já que só enuncia quem está autorizado a tal. Outra diretriz é o lugar institucional que o enunciador ocupa, pois não basta poder falar, mas é fundamental pertencer a instituições reconhecidas pela sociedade. As posições que o sujeito ocupa também fazem parte da solidificação da formação das modalidades enunciativas. Segundo Foucault (2016), o sujeito, dependendo da posição que ocupa, pode ser sujeito que questiona, que afirma, que pergunta, que expõe. Assim, as modalidades enunciativas definem as diferentes posições subjetivas dentro da prática.

Os conceitos dizem respeito ao modo como os enunciados se relacionam para produzir conceitos sobre os objetos de que fala a formação discursiva. Os conceitos não são determinações, não são definições. São, antes de tudo, formulações inerentes ao trabalho feito na formação discursiva. Os conceitos falam dos objetos de uma forma e não de outra.

Por fim, as estratégias dizem respeito às escolhas feitas em uma formação discursiva. As estratégias são os elementos que permitem que o discurso circule e exerça sua função.

Os elementos acima mencionados mostram que uma formação discursiva apresenta uma dada estabilidade, afinal não poderíamos falar em formação discursiva, se não houvesse uma espécie de sedimentação. Mas, tais elementos

mostram também que o estabelecimento de uma formação discursiva é um processo.

Para que uma formação se estabeleça, para que os sentidos inerentes a ela circulem, há uma dinâmica, uma modulação. Assim, há necessidade de pensarmos em práticas constantes que abarcam vários níveis, por isso a ideia de prática discursiva e não somente de discurso.

Uma prática discursiva abarca dimensões que não são apenas da ordem do verbal. Uma prática discursiva supõe o verbal e outros elementos que se agregam à língua para dar corpo a um movimento de constância. Conceber a instituição discursiva como oriunda de um trabalho nos dá condições de observar os diferentes níveis necessários para a formação da mesma, pois uma prática, seja ela qual for, requer uma dada conjugação de elementos para que possa ser regular, já que é a regularidade que caracteriza uma prática.

Um discurso é mais do que a conjugação entre texto e contexto, ou melhor, tal conjugação não é uma relação direta entre as palavras e uma dada situação. Maingueneau (1997) nos fala da necessidade de depreendermos os laços necessários e inerentes às produções languageiras que geram, por conseguinte, o que chamamos de discurso. O autor ressalta que a instituição de uma discursividade se dá por dois componentes indissociáveis: as condições de produção e o texto. No entanto, tais componentes não se articulam de forma automática, estanque, há que se considerar as dinâmicas inerentes a este processo. Por isso, afirma:

[...] falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso. Assim procedendo, reformulamos um termo de Michel Foucault, que o utiliza para referir-se ao sistema que regula a dispersão dos lugares institucionais passíveis de serem ocupados por um sujeito de enunciação. Aqui ver-se-á, de preferência, um processo de organização que estrutura ao mesmo tempo as duas vertentes do discurso. A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, p. 56)

Constata-se, então, que há um trabalho realizado sobre o discurso. Um trabalho que não prevê dissociação entre a linguagem e seu exterior, entre a língua e a história. Não há, portanto, uma relação óbvia entre esses elementos, pois articular diretamente texto e condições de produção seria apagar ou negar a

existência da relação entre sujeito e enunciado, entre discurso e instituição enunciativa, em outras palavras, seria apagar o trabalho de seus produtores, e, conseqüentemente, o modo como o discurso se institui.

A articulação entre discurso e instituição se dá por meio de restrições semânticas. A conjugação de fatores semânticos peculiares, inerentes a dado projeto de dizer determina um dado fio de discurso. Há o que se pode dizer, há o que se deve dizer, há o que se diz de uma forma e não de outra, há quem possa dizer. Tais fatores edificam uma prática discursiva, pois há um movimento incessante de formulação e reformulação dos acontecimentos discursivos.

A imbricação entre restrições semânticas e instituição pressupõe modos distintos de articulação entre linguagem e sujeito, entre linguagem e mundo. Nesta perspectiva, Maingueneau (2008b) assevera que esta articulação ocorre porque os elementos atuam simultaneamente, porque há a emergência de fatores que possibilitam a realização de uma prática discursiva. Assim, a partir dos referenciais aqui expostos, faremos, nas seções seguintes, a descrição da prática discursiva que leremos.

5.2 Um enunciado reitor: *Sem dor, sem ganho*

Os textos pertencentes à prática discursiva com a qual trabalhamos são perpassados pela trivialidade, pelo que é comum. Além disso, os enunciados que a compõem comportam uma universalidade, uma generalização para questões intrínsecas à vida. Tais enunciados, no entanto, estão atrelados ao enunciado *Sem dor, sem ganho*, tradução de *No pain, no gain*, proferido pelos sujeitos que fazem esta prática discursiva circular. Trata-se de um enunciado regulador da prática. É preciso, então, fundamentar tal colocação.

Se uma prática discursiva é a relação entre texto e condições de produções e se está ligada à uma formação discursiva, isso significa que possui traços identificáveis, significa que só pode ser assim denominada por possuir elementos que são reiterados. Nesse sentido, analisar uma prática discursiva é delineá-la em conformidade com dada regularidade, com dada constante, por isso lidar com a discursividade, na perspectiva aqui adotada, é lidar com o que é regular em dada instância enunciativa.

A regularidade de uma prática discursiva liga-se a uma série de elementos que produzem e reproduzem semelhanças semânticas, que formam uma espécie de ecossistema discursivo. No que tange à regularidade discursiva, é preciso ressaltar que “(...) Não se deve opor a regularidade de um enunciado à irregularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados.” (FOUCAULT, 2016, p.176). Isso significa que a regularidade de um enunciado se relaciona a fatores que não são somente da ordem estrutural, mas de ordens que estão acima desses enunciados. Trata-se do que o autor denomina como homogeneidade enunciativa, que não diz respeito às semelhanças linguísticas, mas às semelhanças identitárias concernentes aos enunciados que resultam das relações e das interdependências. Tal homogeneidade diz respeito, então, a um conjunto de regras que regem a estabilização de uma prática discursiva. É nessa direção, especificamente, que podemos tecer relações entre a noção de enunciado reitor e a prática discursiva em estudo nesta tese.

As regras acima mencionadas regem os enunciados em uma formação discursiva, organizam suas peculiaridades, mas, acima de tudo, sustentam uma prática. Desse modo,

[...] Pode-se, assim descrever, uma árvore de derivação enunciativa: em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão. (FOUCAULT, 2016, p.180)

Uma árvore de derivação enunciativa seria o resultado de articulações entre os diferentes feixes discursivos. É nesse sentido que podemos falar em enunciados reitores, que são os enunciados que contêm as regras gerais, são os enunciados que estão na base desta árvore. Foucault (2016) os define como aqueles que servem de base para os demais, pois

[...] se referem à definição das estruturas observáveis e do campo de objetos possíveis, os que prescrevem as formas de descrição e os códigos perceptivos de que ele pode servir-se, os que fazem aparecer as possibilidades mais gerais de caracterização e abrem, assim todo um domínio de conceitos a ser construídos (p.180)

Um enunciado reitor coordena a produção de outros enunciados dentro de um campo enunciativo a partir das características gerais que apresenta em sua raiz semântica. Há, portanto, a formação de um arranjo de similitudes enunciativas, isto é, de características gerais do enunciado reitor que compõem os enunciados gerados. Os enunciados reitores, segundo Foucault (2016), regulam todo um domínio de conceitos a serem constituídos, em razão disso: a) definem estruturas; b) definem campos de objetos possíveis; c) prescrevem formas de descrição; d) prescrevem códigos; e) constituem escolhas estratégicas. Por isso, podemos falar em prática discursiva, por isso podemos trabalhar com a questão das regularidades.

Nessa perspectiva, afirmar que a prática discursiva estudada é norteada pelo um enunciado reitor *Sem dor, sem ganho*, é conceber que os enunciados formulados na mesma apresentam modulações, mas obedecem aos mesmo critérios. Semanticamente, este enunciado denota um universo de ordenação para práticas que precisam transpor obstáculos, diz respeito às altas performances, mas, em conformidade com as condições de produção, comporta, simultaneamente, um eixo semântico flutuante, isto é, há deslizamentos de sentido que variam entre a imposição e outros eixos semânticos. Logo, em conformidade com as leituras e análises preliminares e com a configuração dos enunciados que formam o campo discursivo em questão, consideramos *Sem dor, sem ganho* como um enunciado reitor, como o enunciado que sustenta a produção e a enunciabilidade dos demais que compõem a prática. O enunciado em questão não determina as características dos demais por meio de particularidades estruturais, mas por meio de relações de dependência e de interdependência. Trata-se de uma relação de solidariedade. O que está no bojo de um enunciado reitor não é o que ele significa ou representa, mas sua positividade, sua possibilidade de condensar características tais que agrupem outros enunciados, por mais que pareçam díspares, por mais que pertençam, efetivamente, a domínios distintos. Estaria aí a nossa possibilidade de argumentar em favor da constituição dos enunciados da prática discursiva em estudo. Embora sejam retirados de outras esferas e tenham seus sentidos ressignificados em conformidade com a especificidade da prática, embora não sejam autorais e pareçam distantes do campo, contêm traços inerentes ao enunciado reitor em questão. É isso que nos possibilita agrupá-los como enunciados pertencentes à mesma formação discursiva.

O enunciado reitor sustenta, portanto, uma árvore de derivação enunciativa, isto é:

em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão. (FOUCAULT, 2016, p.180)

Um enunciado reitor, então, direciona a configuração de certa prática discursiva, determina como são construídos os objetos, como são formulados os enunciados, como os temas são tratados. Nesse sentido, as propriedades que estão presentes na enunciação e nos enunciados estão em consonância com estas propriedades “fundadoras”. Por isso, é possível ver, em práticas discursivas que estejam vinculadas a um enunciado reitor, certos gêneros e não outros, certos modos de enunciação, certas citações e não outras. Logo, as propriedades do enunciado *Sem dor, sem ganho* definem a formulação da prática discursiva, definem a forma como os enunciados são articulados para atender ao projeto discursivo e para manter o status enunciativo do campo. Tudo confirma a reiteração, a manutenção e a solidificação do que o enunciado reitor convoca.

É necessário, em última colocação, afirmar que alçamos este enunciado à categoria de reitor a partir de um movimento inverso, ou seja, a partir das leituras dos enunciados que compõem a prática discursiva. A aparente contradição e a aparente falta de concatenação de sentido se resolviam quando fazíamos remissão ao enunciado *Sem dor, sem ganho*. Cada enunciado, por mais distante que parecesse da prática discursiva, aliava-se à mesma por ter uma ou outra característica deste enunciado. Por isso, o caráter de reitor, daquele que permite a produção de novos enunciados com características semelhantes, daquele cujas características semânticas são multiplicadas, reiteradas.

Nas seções seguintes, faremos a descrição da prática discursiva inerente a este enunciado reitor, faremos a descrição dos elementos gerados por esta base.

5.2.1 Uma prática discursiva ordinária

Antes de abordarmos as peculiaridades da prática discursiva que lemos, cabe explicitarmos o eixo em que a mesma se alicerça e os direcionamentos que indica.

Os textos, os discursos que atravessam nossas atividades se apresentam de formas distintas. Alguns se apresentam com configurações quase insuspeitas, por serem familiares e, por isso, não captamos certos fios de sentido, não captamos as engrenagens que os constituem. Assim, adentram em terrenos muito caros, muito íntimos das existências.

Em seu livro intitulado *Aula*, Roland Barthes (2013) faz uma longa explanação sobre a língua. Assevera, entre outras coisas, que a língua é fascista porque nos obriga a dizer as coisas e que a única forma de fugirmos deste cerceamento é trapaceando. Diz o autor:

[...] Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. (p.17) (grifo do autor)

Tal trapaça, a Literatura, comporta a possibilidade de dizer sem dizer, de trazer à baila a verossimilhança. Para que possamos argumentar em defesa de nosso questionamento de pesquisa, o denominado discurso motivacional da comunidade bodybuilder como uma prática discursiva impositiva, vamos nos apropriar desta metáfora de Roland Barthes, com algumas modificações. A palavra trapaça aqui, em referência à prática discursiva que analisamos, está relacionada ao modo de produção e de apresentação do mesmo. Este discurso é uma trapaça não só porque diz sem dizer, mas, sobretudo, porque a perspectiva material pela qual se apresenta não está ligada ao universo em que se insere. Consideramos que este discurso é uma trapaça porque é apresentado a partir de formas familiares. É materializado através de textos cujo fio de sentido é genérico, universal; que parece ou é intrínseco às nossas vidas e às questões das nossas existências. Esses textos, por terem este caráter, têm como tônica a vida humana, suas relações, suas dores, suas ações. Tais formas, já sedimentadas na sociedade, são lidas por nós como formas “naturais” de dizer, no entanto, se estabelecemos as devidas relações históricas, percebemos que o discurso não é o que aparenta. É neste sentido que está o caráter de trapaça desta prática discursiva. É nesta direção que defendemos o caráter de trivialidade desta prática.

Estes textos, que se encontram na ordem do dia, na habitualidade das conversas, nem sempre são de autoria conhecida, mas os pontos nos quais tocam

são essenciais. Entre estes textos estão os provérbios, as máximas, o horóscopo, os aforismos. São textos que tratam das minúcias da vida humana, que abordam pontos cruciais de nossas existências, que trazem em seu bojo colocações relativas a valores, à vida, à morte, à força, à conquista, à convivência, à paciência, ao comportamento perante as dificuldades etc. São textos que elevamos, de certo modo, à condição de “oráculos” que nos servem de guia e se tornam habituais, ordinários. Apresentam-se de forma trivial, pois fazem referência aos nossos universos de sentido perante a vida, ao que estabelecemos como necessidade, como prioridade, como algo inerente ao que é mais corriqueiro em nossas vidas.

Por isso, o caráter de trapaça desta prática, pois seus enunciados são da ordem acima citada, mas a desnaturalização dos mesmos permite verificar outros eixos, outras vertentes de sentido. Por isso, consideramos ordinária a prática discursiva em questão, pois está alicerçada no senso comum. O caráter generalizante dos textos pertencentes a esta prática discursiva permite que sejam colocados na condição de motivadores para obtenção de corpos hipertrofiados, o que caracteriza não só a sua trivialidade, mas o exercício de verdades estabelecidas, o exercício de lógicas que regem e organizam a vida. A trivialidade, nesse sentido, é uma necessidade para a estabilização e a circulação da prática, já que a lógica que a atravessa é agressiva. Assim, a imposição só pode adentrar a vida dos indivíduos se os mesmos reconhecerem uma familiaridade.

Ao compreendermos que o que é intitulado como discurso motivacional se constitui por meio do que é comum, ao argumentarmos que esta prática discursiva se encena pelo habitual, pelo trivial; ao afirmarmos que esta prática discursiva é ordinária, não estamos colocando em voga somente o aspecto do que é legível; mas, acima de tudo, um feixe de relações que produz e aciona esta enunciação com esta especificidade.

Logo, cabe descrevermos como ocorrem estas relações que instituem esta prática como trivial. É o que faremos nas subseções a seguir.

5.2.2 O objeto da prática

Na perspectiva filosófica que ampara as análises que fazemos, as verdades são produções históricas. Portanto, tudo que tem existência em dada conjuntura é

regido por uma dada veridicção. Tudo que se torna objeto de fala está sob o predomínio de uma dada verdade. Ao propor que uma formação discursiva se dá por meio de relações, Foucault (2016) nos fala dos objetos. Esses não existem a priori, são formados pelas práticas discursivas, pois para que os mesmos transitem com dado estatuto e reverberem certos sentidos precisam ser construídos de uma forma e não de outra. Desse modo, “dar status de objeto é definir aquilo de que fala, fazê-lo aparecer, torná-lo nomeável e descritível” (FOUCAULT, 2016, p.51).

Os objetos de uma prática discursiva são aqueles que podem ser alçados a condições de saber, que podem ser enquadrados em certas condições para se estabelecerem e manterem certos status de poder. Em sentido amplo, um objeto só o é em virtude do feixe de relações a que está submetido. Assevera Foucault (2016, p. 53):

Se, em nossa sociedade, em uma época determinada, o delinquente foi psicologizado e patologizado, se a conduta transgressora pôde dar lugar a toda uma série de objetos de saber, deve-se ao fato de que, no discurso psiquiátrico, foi empregado um conjunto de relações determinadas. Relação entre planos de especificação, como as categorias penais e os graus de responsabilidade diminuída, e planos psicológicos de caracterização [...] Relação entre a instância de decisão médica e a instância de decisão judiciária. [...] Relação entre o filtro constituído pela interrogação judiciária, as informações policiais, a investigação e todo o aparelho de informação jurídica, e o filtro constituído pelo questionário médico, os exames clínicos, a pesquisa dos antecedentes e as narrações biográficas. Relação entre as normas familiares, sexuais, penais, do comportamento dos indivíduos, e o quadro dos sintomas patológicos e doenças de que eles são os sinais. Relação entre a restrição terapêutica no meio hospitalar. [...] São essas relações que, atuando no discurso psiquiátrico, permitiram a formação de todo um conjunto de objetos diversos.

Assim, o corpo só é objeto da prática que analisamos porque está igualmente sujeito a um feixe de relações. Vimos que este corpo, na sua peculiaridade física, requer a prática da musculação, mas também a admissão de práticas que complementam a parte física. O praticante se alimenta de forma regrada, ingere suplementos e segue uma intensa rotina de exercícios. Tais práticas são fatigantes, algumas até mesmo agressivas para o organismo. Assim, para que este corpo faça parte do imaginário social, para que ultrapasse a ideia de que é somente produzido pela prática de musculação, para que assuma estatuto simbólico, é moldado discursivamente. É um corpo que adquire status de objeto simbólico para ser enunciado por uma prática, para pertencer ao universo de uma prática que convoca valores.

Se defendemos ideia de que a prática discursiva aqui estudada se configura pela trivialidade, isso significa que o objeto a que se refere é modelado para assumir a mesma forma. No primeiro capítulo, elegemos metáforas para tratar da corporeidade, já que é possível depreender diferentes modos de concepção e de percepção do corpo. Uma delas é *corpo-troféu* que diz respeito ao corpo conquistado, ao corpo que necessita de sacrifícios para ser obtido, mas comporta um viés de possibilidade para qualquer sujeito. É um corpo exposto como um objeto que abarca dimensões acessíveis. O corpo, objeto da prática discursiva do fisiculturismo, é mostrado como um corpo possível, como um corpo que está ao alcance de todos que queiram ou tenham disposição para adquiri-lo. Esse objeto faz parte da prática e é produzido pela própria prática, que violenta as coisas, como afirma Foucault (2009). A prática impõe, institui certos estatutos aos objetos que, por sua vez, mostram os princípios que norteiam esta mesma prática através de regularidades. Isso significa que a prática abarca uma regularidade na medida em que os objetos são formatados para corresponder às mesmas.

O corpo, na prática discursiva que analisamos, é transformado pela enunciação em um objeto acessível, porque a prática precisa se constituir como tal para propagar uma lógica de competição e para interpelar coenunciadores a assumi-la como viável, apesar das dificuldades. O corpo alçado à categoria de objeto comum viabiliza uma enunciação trivial e, sobretudo, uma enunciação que pode circular com ares insuspeitos, o corpo alçado à categoria de objeto trivial se desvincula das questões sacrificiais e leva os coenunciadores a assumirem isso. Há, portanto, um intercâmbio entre a produção do discurso e a produção do corpo. Os enunciados produzem o corpo, transformam-no em um objeto acessível, enunciam-no como elemento que está na ordem do dia; e, na mesma via, o corpo produz o discurso, em outras palavras, permite a viabilização do mesmo.

5.2.3 Os enunciados da prática

Foucault (2016) afirma que uma prática discursiva tem seu regime de enunciação. Isto quer dizer que toda prática discursiva contém enunciados que afirmam seu pertencimento a uma rede histórica de acontecimentos. No capítulo

três, mostramos que as ideias liberais, enquanto lógica de governo, atravessam o discurso do fisiculturismo, argumentamos que as ideias de empreendedorismo e de performance atravessam os textos. Neste capítulo, estamos argumentando que esta lógica constitui a prática discursiva aqui lida pelo viés da trivialidade; os textos pertencentes à prática são a materialização desta enunciabilidade, desta forma de constituição, ou seja, os textos também se apresentam como triviais, pois precisam garantir a evocação de questões comuns e inerentes à existência.

A enunciabilidade de uma prática discursiva está atrelada a ordens, a leis, já que uma prática discursiva diz respeito às regularidades que afirmam uma dada relação entre o linguístico e o não linguístico, entre o linguístico e o histórico, entre o linguístico e o instituído. O linguístico e o histórico, por sua vez, atestam as verdades eleitas em dada conjuntura, por isso, a enunciação de uma prática discursiva está relacionada aos sujeitos e aos lugares institucionais, pois as verdades só circulam porque são enunciadas.

Ao discorrer sobre as modalidades enunciativas de uma prática, Foucault (2016) questiona:

[...] quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dele sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o status dos indivíduos que têm – e apenas eles, - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? [...] (p.61-62)

Na concepção teórica que adotamos, o sujeito de um discurso não é o ser empírico, mas aquele que se constitui na e pela enunciação. Os questionamentos de Foucault possibilitam que sejam feitas reflexões sobre o feixe de relações que fazem com que uma prática seja singular e o sujeito, o articulador dos enunciados. Como a prática discursiva aqui estudada se desenrola e circula por meio de enunciados inerentes a valores éticos e morais, é possível observar, pela tipificação dos textos, que o enunciador se coloca como sujeito investido de certa autoridade, de certo poder superior. Diferentemente do que poderíamos definir como o estatuto do médico, do professor, do juiz, do político; o estatuto do enunciador desta prática é o daquele que não pode ser contestado por ter tal autoridade e, ao mesmo tempo, por poder ser encarnado por qualquer um que adote as verdades inerentes a este universo discursivo. É possível exemplificarmos com o seguinte enunciado:

Figura 11 – Post 1



Fonte: Post da página do instagram @monstrosbr

O verbal do enunciado acima aliado ao não verbal se alinha às verdades liberais em que as ações individualizadas são a máxima, em que o sujeito deve ser autossuficiente. O perfil deste enunciador pode ser adotado por qualquer um que se alinhe à prática discursiva em questão, porque este perfil não é o do construtor de corpos, mas do ser humano que assume este modelo de atitude. Trata-se do que Maingueneau (2008b, p.130) chama de vocação enunciativa, ou seja, “das condições assim postas por uma formação discursiva para que um sujeito nela se inscreva, ou melhor, se sinta “chamado” a inscrever-se nela”. Assim, quem fala nesta prática discursiva é o sujeito que faz parte da coletividade que estaria diante de questões existenciais ou de questões que desafiam suas capacidades, suas limitações.

Considerando esta exemplificação, podemos afirmar que o estatuto do enunciador desta prática se diferencia de outros, não porque os outros tenham um estatuto engessado ou determinado, mas porque nesta prática todos são convidados a fazer parte da produção de seus corpos e, conseqüentemente, de si. O estatuto do enunciador da prática está vinculado a uma expansão que o caracteriza como aquele que enuncia a partir de lugares que são determinados, mas que são, sobretudo, intercambiáveis.

Além do estatuto do sujeito, Foucault (2016) afirma que as modalidades enunciativas, que podem ser depreendidas de uma prática discursiva, não podem

ser observadas sem consideramos os lugares institucionais de onde o discurso é obtido. Este lugar é “onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação (seus objetos específicos e seus instrumentos de verificação)” (p.62). Estes lugares dizem respeito a organizações, no caso de alguns discursos, mas, sobretudo, ao que é instituído como verdadeiro, como legítimo, como autorizado. No que tange à prática discursiva aqui analisada, os lugares não correspondem a organizações, embora passem por muitas. Os lugares a que os sujeitos recorrem para legitimar seus discursos são lugares não setorizados, mas extremamente autorizados, são lugares aos quais a coletividade recorre, são os lugares institucionalizados para falar de questões existenciais do ser humano. Tais lugares podem ser acessados por todos, não apresentam restrições, as relações de poder e de saber desses lugares podem ser exercidas por muitos. Os lugares a que esta prática está vinculada são os dos discursos religiosos, dos discursos da autoajuda, dos discursos que indicam o que o indivíduo deve ou não fazer, dos discursos que mostrariam os direcionamentos para uma possível existência mais feliz, mais sadia. Esses discursos até podem estar setorizados em lugares como a igreja, o consultório do terapeuta, os grupos de ajuda; mas os seus lugares de enunciação estão aqui e além. Podemos, então, afirmar que esses discursos são obtidos em um *arquilugar*, pois o acesso aos mesmos pode ser feito na esteira da própria existência do sujeito que, de forma mais evidente ou não, os encontra e os faz circular.

Não à toa, os enunciados que aparecem na prática estão inseridos, como afirmamos na introdução, em blogs (diários virtuais), vlogs (diários em vídeos), músicas e posts. Nesses suportes, o sujeito enuncia suas práticas, sejam estas relativas ao corpo ou a outro aspecto ou, ainda, enunciam o que o outro deve fazer. Isso remete, inclusive, à confissão, à exposição que os sujeitos fazem de suas práticas corretas ou incorretas. Nesse sentido, cabe citar o que Foucault (2010) retoma a respeito da confissão no século XVIII. O autor menciona que, em sua forma de ser realizada pelo confessor, a confissão foi refinada, passou a ser feita por insinuação, ou seja, o indivíduo não era mais levado a explicitar suas faltas, mas a fazer isso de forma comedida: “[...] É preciso dizer tudo e é preciso dizer o menos possível; ou ainda, dizer o menos possível é o princípio tático numa estratégia geral que manda dizer tudo.” (FOUCAULT, 2010, p.189). Dizer o menos possível não está ligado somente à extensão dos enunciados, mas à explicitação do que se fez, entretanto, sabemos que não dizer também é dizer, por isso, é possível afirmar que

os blogs, os vlogs e os posts são elementos de uma confissão implícita, pois, por mais que o sujeito não confesse o que deixou de fazer em sua rotina de treinos ou confesse a conduta adotada na prática física, a enunciabilidade dos textos supõe.

Por fim, os textos de uma prática ligam-se aos lugares que o sujeito pode ocupar. Os textos de uma prática discursiva são enunciados por figuras que podem ocupar esta ou aquela posição, ou seja, “As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. (FOUCAULT, 2016, p.63). O sujeito, enquanto posição inerente à enunciação de dados objetos pode ser aquele que questiona, que contesta, que silencia, que concorda, que recebe diretrizes. Na prática discursiva em questão, aquele que enuncia é o que dita as regras de forma implícita, é o que supõe as necessidades do interlocutor, é o que indica o que o interlocutor deve ser. Aqui, a posição que o sujeito ocupa tem relação com um saber superior, mas também com uma habitualidade, com uma naturalidade que se dá nas relações entre os homens e as questões da vida ou nas relações entre os homens e as questões da vida de outros homens.

As modalidades enunciativas de uma prática discursiva circulam porque estão relacionadas a um sujeito, mais especificamente, a uma posição que este ocupa. O sujeito que coloca em ação as modalidades enunciativas da prática constituída pela enunciação que, por sua vez, se institui por um feixe de relações que abarcam posições enunciativas e lugares, posições enunciativas e relações históricas. Desse modo, as modalidades enunciativas, os textos desta prática são esses porque contemplam todas as potencialidades que podem ser empregadas para falar, indiretamente, de um individualismo heróico.

5.2.4 Os conceitos da prática

O sentido de um enunciado não está atrelado somente à sua materialidade. O sentido de um enunciado é constituído por meio de relações que não são somente, ou necessariamente, de ordem linguística. Uma prática discursiva, relação entre texto e condições de produção, comporta conceitos. Os enunciados da prática falam

de algo, mas falam por um certo viés. Vimos, por meio da tese foucaultiana, que os objetos de uma prática discursiva não existem preliminarmente, não são dados, mas são formados, produzidos. As modalidades enunciativas, por sua vez, comportam elementos que formam tais objetos. Assim, os conceitos, um dos níveis da análise arqueológica do discurso propostos pelo autor, estão alinhados aos mesmos princípios.

Se uma formação discursiva só pode ser assim definida em virtude de um conjunto de enunciados que contêm traços regulares, então todos os seus traços indicarão não só um pertencimento, mas também os elementos que possibilitam apontar o que determina este pertencimento. Logo, um conceito tem relação com o que é pertinente aos sentidos reivindicados pela formação discursiva, os conceitos de uma prática discursiva só podem ser aqueles que reafirmam dadas condições.

Os enunciados que são analisados nesta tese pertencem a diferentes esferas discursivas, são enunciados que estão vinculados, primariamente, a outros universos de sentido. Logo, são ressignificados ou transferem para a prática em questão suas determinações semânticas. Explanamos que o enunciado reitor da prática evoca as questões sacrificiais. Vimos que este mesmo enunciado se mantém porque fornece à prática elementos que geram outros enunciados com as mesmas propriedades e, ao mesmo tempo, é mantido por conta dos mesmos enunciados. Há, portanto, uma operação de retroalimentação. Desse modo, se a prática se sustenta pelo viés de sentido dos sacrifícios como forma de alcançar dada corporeidade, significa que certos conceitos inerentes a este universo estão presentes na enunciação.

Pode parecer estranha a relação entre enunciados e conceitos advindos de campos de sentido concernentes à existência e corporeidade hipertrófica. É possível que se questione a vinculação de campos semânticos relativos à existência humana à obtenção de corpos. Como, então, a prática discursiva se movimenta usando tais enunciados? Com Bakhtin (2011), sabemos que a linguagem é dialógica, que um mosaico de relações compõe as práticas verbais. Com Foucault (2016), compreendemos que tudo no discurso é relacional, ou seja, nada se concatena ou se aproxima sem que haja algum tipo de ligação possível ou plausível. Se esta prática discursiva lança mão de enunciados e de conceitos pertencentes a campos estranhos à mesma, significa que nesta “estranheza” há pontos de contato. A esse respeito diz Foucault (2016):

[...] Distinto desse campo de presença, podemos descrever um campo de concomitância trata-se, então, dos enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados, seja porque valem como conformação analógica, seja porque valem como princípio geral e como premissa aceitas [...] Finalmente, o campo enunciativo compreende o que se poderia chamar um domínio de memória (trata-se de enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica (p.69)

Se há um domínio de memória que perpassa necessariamente o campo enunciativo, é possível afirmar que os conceitos presentes em dada formação discursiva estão vinculados ao que é conhecido, ao que circula discursivamente, mas também ao que é produtivo no que tange à conjuntura histórica. É necessário, aqui, retomar a distinção que Maingueneau (1997, 2008b) propõe entre universo discursivo, espaço discursivo e campo discursivo. O autor compreende o primeiro como o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, que interagem em um dado momento. Já o campo discursivo diz respeito ao conjunto de formações discursivas que disputam posições enunciativas em uma dada conjuntura. Por fim, o autor entende o espaço discursivo como um subconjunto de formações discursivas colocado em relação pelo analista do discurso em conformidade com seus objetivos. Estas definições permitem justificarmos e compreendermos como enunciados aparentemente desconectados da formação discursiva aqui estudada se concatenam à mesma. As relações que parecem díspares podem ser apreendidas, se entendermos a noção de campo discursivo como determinante na questão de relações semânticas. Maingueneau (2008b) afirma que devemos apreender a ideia de concorrência, disputa entre formações discursivas em um campo de maneira ampla, pois quando formações se chocam, diferentes relações se dão: confronto, aliança, neutralidade aparente, discordância entre outras. Portanto, quando nos deparamos com a presença de enunciados que parecem estranhos à dada formação discursiva ou à dada conjuntura, estamos diante de vinculações que ocorrem consoante condições muito específicas.

É desse modo que observamos a presença dos conceitos de superação, de vitória, de garra, de força, de disciplina, de resiliência nesta prática discursiva. Conceitos que, se forem observados a partir da lógica, serão considerados estranhos à prática discursiva com o qual estamos trabalhando. Como a análise do

discurso é indissociável da conjuntura em que ocorre, é legítimo desenvolvermos o seguinte raciocínio. Se uma das verdades reinantes da nossa época diz respeito à mercantilização das relações e à performance, e a prática discursiva em questão se conduz pela trivialidade, os conceitos têm que ser aqueles que impulsionem o sujeito à mudança de comportamento, que estejam ligados ao que é conhecido no campo da existência e, sobretudo, que mostrem a ideia de amenização e de naturalidade. Os enunciados trazidos de outras esferas discursivas¹⁹ contemplam tais conceitos e, em conformidade com as peculiaridades da formação e com as relações estabelecidas, os tornam pertencentes à mesma.

É interessante, ainda, mencionar os significados desses vocábulos. No dicionário Aurélio, o significado de superar, por exemplo, é tornar-se superior pelo valor, pela intensidade ou alcançar algo pelo fato de estar além do esperado. Então, o conceito de superação, que pode ser captado nas leituras da prática, está atrelado, em parte, ao significado dicionarizado, mas vincula-se a outros sentidos. Não é que não seja mais superação, mas o fato de a perspectiva liberal estar no bojo da enunciação e submeter o sujeito à lógica utilitarista, ressignifica o conceito de superação. Não se trata somente de derrubar obstáculos, se trata, antes de tudo, de um conceito que é formado pelas relações atinentes à prática e que assume nuances diferentes das que são primárias. A formação desse conceito não tem relação com valor, mas com a heroicização e a glamourização relativas ao campo da performance.

Os conceitos, nesta prática discursiva, embora pareçam estranhos e distantes, são alinhados à mesma por um feixe de relações que os ligam e os conectam à cena enunciativa. É o que afirma Foucault (2016):

[...] Mas o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros: a maneira, por exemplo, pela qual a disposição das descrições ou das narrações está ligada às técnicas de reescrita: a maneira pela qual o campo de memória está ligado às formas de hierarquia e de subordinação que regem os enunciados de um texto; a maneira pela qual estão ligados os modos de aproximação e de desenvolvimento dos enunciados e os modos de crítica, de comentários, de interpretação de enunciados já formulados etc. É esse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual. (2016, pp.70-71)

¹⁹ Trataremos destes enunciados na próxima seção.

Não se trata, por conseguinte, de uma questão de obviedade ou de lógica, mas do estabelecimento de contatos muito sutis, de pontos de contato que parecem reger muitas práticas verbais.

5.2.5 As estratégias da prática

Vimos, até o momento, que, em uma prática discursiva, os elementos que a compõem não são dados, não estão prontos; todos são produzidos pelas próprias malhas discursivas. Tal produção se alinha a outra hipótese levantada por Foucault (2016) para tratar da questão: as estratégias. A unidade de um discurso pode ser apreendida e descrita a partir dos temas presentes na prática discursiva, ou mais especificamente, por meio das estratégias que definem estes temas (ou tematizam tudo que diz respeito ao objeto) e que podem ser captadas por meio da configuração do próprio discurso.

A configuração de um discurso, por sua vez, abriga a coexistência de elementos inerentes a ordens distintas, de elementos que, muitas vezes, parecem discordantes e díspares. Estes elementos são inter-relacionados conforme o projeto discursivo que direciona as possibilidades de articulação. Tal articulação gera a temática ou as teorias de uma dada formação discursiva. Não custa lembrar que o autor define uma formação discursiva como um sistema composto por regras anônimas e que este sistema se estrutura a partir de formações bem estritas, como já esboçamos nas subseções anteriores. Estas formações estão ancoradas em regulações requeridas pelo próprio discurso, são o que o autor denomina como estratégias. Por estratégias podemos compreender não as táticas geradas pelas relações inerentes ao próprio discurso, mas o modo como o próprio discurso trata os objetos, define as formas enunciativas, e configura os conceitos.

Na prática discursiva que analisamos, o corpo assume dado status devido à forma como é moldado. As formas enunciativas derivam da necessidade de mostrar aos sujeitos que a possibilidade de acessar um certo lugar social pela corporeidade está ligada a uma maneira correta de assumir certos sentidos de vida que estão presentes no universo semântico destes enunciados. Os conceitos são abordados

por meio da qualificação e da desqualificação, uma vez que fazem referência ao que os sujeitos que adotam a prática esportiva devem preconizar em suas condutas para se manterem incólumes. Assim, as estratégias que amarram todos esses elementos precisam estar atreladas aos mesmos critérios e, acima de tudo, precisam também ser formadas pelo mesmo viés que relaciona estas verdades. As estratégias de uma formação discursiva são tão produzidas quanto os outros elementos que a compõem. As estratégias tematizam, recortam os elementos presentes em uma formação discursiva, pois para falarmos, posteriormente, em prática discursiva, em recorrência de elementos que individualizam um discurso, é preciso haver algo de regular, então, a forma como os elementos são articulados também é produzida pela própria necessidade de “estabilização” da formação discursiva. As escolhas estratégicas são, portanto,

[...] maneiras sistematicamente diferentes de tratar objetos de discurso (de delimitá-los, reagrupá-los ou separá-lo, encadeá-las e fazê-los derivar uns dos outros), de dispor formas de enunciações (de escolhê-las, organizá-las, constituir séries, compô-las em grandes unidades retóricas), de manipular conceitos (de lhes dar regras de utilização, fazê-los entrar em coerências regionais e constituir, assim, arquiteturas conceituais).Essas opções não são germes de discursos (onde estes seriam determinados com antecedência e prefigurados sob uma forma quase microscópica); são maneiras reguladas (e descritíveis como tais) de utilizar possibilidades de discursos. (FOUCAULT, 2016.p.82)

As estratégias são formadas de modo a dar corpo, unidade ao que está disperso. As estratégias reúnem elementos díspares que, muitas vezes, não podem ser imaginados juntos em um discurso. Os enunciados pertencentes à prática discursiva estudada nesta tese advêm de universos de sentido que, a princípio, têm uma relação totalmente incomum com o campo a que passam a pertencer. Por serem enunciados que advogam uma esteira de sentidos que não combina diretamente com os objetos a que fazem referência, são amarrados, delineados e delimitados a partir de feixes de relações deflagrados por estratégias que agrupam similitudes, discordâncias, confluências, divergências. Logo, as estratégias estabelecem os traços e os pontos de contato da dispersão, fazem da dispersão elemento formador de novas enunciações e conferem à mesma regularidade e unidade. Por isso, tratar da prática discursiva do fisiculturismo é pensar nos objetos, nas modalidades enunciativas, nos conceitos e nas estratégias que são formados para que possamos afirmar que há uma prática discursiva em curso e, sobretudo, para que possamos desarticulá-la e mostrar suas relações com o interior e com o exterior.

É necessário, por fim, salientar que os níveis de uma formação discursiva não são estáveis e nem têm a sua configuração tão acertada como possa parecer, como afirma o próprio Foucault. O fato é que esses níveis atuam simultaneamente, se relacionam e emergem ao mesmo tempo para que a prática discursiva funcione, exista, mas, geralmente, um deles sobressai, pois, como afirmamos em alguns pontos deste trabalho, uma prática discursiva tem uma homogeneidade relativa, e isso pode ser captado pela relação entre os níveis, mas também por meio de algo que é gerado por esses níveis no campo da materialidade discursiva. Com isso, queremos dizer que a regularidade da formação discursiva desencadeia algumas regularidades materiais que se mostrarão nos enunciados. Tais regularidades, por sua vez, fazem remissão a um dos níveis inerentes à formação discursiva. Este aparato estratégico, então, se mostra, discursivamente, de alguma forma. Discorreremos na próxima seção e subseções sobre tal manifestação.

5.3 Os discursos constituintes

Nas seções e subseções anteriores, tratamos da noção de prática discursiva e trouxemos a ideia de enunciado reitor, pois esta concepção permite teorizar o enunciado mestre da comunidade discursiva com a qual estamos trabalhando. Tal enunciado abarca características de ordenação e atua como sustentáculo de outros que têm as mesmas propriedades ou propriedades similares e que podem circular na comunidade discursiva em questão. Exporemos, nesta seção, uma teorização relativa a enunciados que podem ser enquadrados como derivados deste que é o reitor. São enunciados que têm relação com uma memória e exatamente por isso podem também ser atualizados e proferidos como motivadores.

Antes, porém, de discorrermos sobre o *modus operandi* da enunciação presente nos textos lidos neste trabalho, cabe mostrar que o mesmo se vincula a discursos que são alçados à condição de autorreguladores.

Foucault (2009), ao tratar dos procedimentos relativos à circulação dos discursos, defende que há uma ordem, isto é, os discursos não circulam de forma

aleatória ou de acordo com a vontade dos sujeitos, pois existem restrições, interdições, possibilidades de circulação dos mesmos. Há, no entanto, aqueles discursos que parecem ter procedimentos diferenciados no que tange à sua circulação. São discursos que apresentam, por sua constituição,

[...] procedimentos internos, visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso. (p.21)

São discursos que apresentam características que os alçam à condição de autogestores. Além de estabelecerem sua própria ordem, estes discursos estão na base de novos atos de linguagem. O que não significa que se trata somente de uma questão de apropriação, trata-se, antes de tudo, de uma questão de produção. São discursos que, “indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.” (FOUCAULT, 2009, p.22)

Tais discursos são denominados por Foucault (2009) como criadores ou fundamentais, pois estão na base de uma série de outras produções verbais e alicerçam dizeres de diferentes ordens. São discursos familiares porque “[...] Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de ‘literários’; em certa medida textos científicos.” (p.22)

Não se trata, portanto, como colocamos antes, de um espelhamento. Os discursos criadores ou fundamentais organizam outros dizeres, outros discursos, conferem aos mesmos um ordenamento, já que suas esferas semânticas abrangem questões consideradas universais, ou melhor, abrangem questões alçadas, por meio de sistemas de verdade, à categoria de universais.

No âmbito da Análise do Discurso, Maingueneau (1995, 2008a, 2010) segue a esteira de Foucault e classifica os discursos fundadores como discursos constituintes. Estes discursos são definidos como aqueles que se autorizam a partir da sua própria enunciação, são aqueles que não reconhecem outra ordem a não ser a sua própria. A partir disso, o autor assinala como constituintes os discursos religioso, filosófico, científico e literário e postula que mais importante do que classificá-los é compreender o modo como se instituem, isto é, que regulações e que relações estes discursos têm para se apresentarem como fundadores, para estarem

no bojo da produção de outros discursos. Assim, Maingueneau (2008a, p.39) afirma que é fundamental pensar em duas dimensões desta constituição:

— a constituição como ação de estabelecer legalmente, como processo pelo qual o discurso se instaura, construindo sua própria emergência no interdiscurso;

— os modos de organização, de coesão discursiva, a *constituição* no sentido de um agenciamento de elementos formador de uma totalidade textual.

Estas dimensões estabelecem a devida relação entre o exterior e o interior do discurso, entre o linguístico e o não linguístico, uma vez que a face textual do discurso estabelece estreita relação com a face não textual. Assim, a constituição dos discursos constituintes, enquanto esfera autorreguladora, autossuficiente e autogestora liga-se a uma série de elementos que propiciam suas formulações textuais e as formulações textuais que podem gerar. Estas dimensões

[...] convergem para a constituição no sentido jurídico-político, o sentido de um texto que serve de norma e garantia aos comportamentos da coletividade. Os discursos constituintes pretendem delimitar, com efeito, o lugar-comum da coletividade, o espaço que engloba a infinidade de “lugares-comuns” que aí circulam. (MAINGUENEAU, 2008a, p.39)

Nesse sentido, os discursos constituintes se ordenam de modo impositivo, pois estão coadunados com regimes de comportamento, como regimes de ações dos sujeitos em uma dada esfera. O jurídico-político desta constituição pode ser compreendido como o sistema que regula e garante comportamentos coletivos oriundos de universais estabelecidos. Esses discursos, então, impõem determinadas condições para a produção e para o sentido de outros discursos. Os discursos gerados a partir dos constituintes apresentam propriedades atinentes às suas esferas discursivas, seguem suas diretrizes, por isso, os textos pertencentes a tais esferas contemplam estas especificidades. Por este motivo, temos contato com uma vasta produção languageira em que observamos as marcas desta constituição.

Por contemplar um viés universalizante, um discurso constituinte pode habitar quaisquer lugares e pode fazer parte de qualquer cena discursiva. Apresenta, pois, a possibilidade de ser ressignificado e atualizado conforme as diferentes conjunturas ou épocas, conforme a modulação das diferentes verdades de uma conjuntura, conforme os propósitos discursivos. Por serem vinculados à memória, são discursos

que podem passar de um campo discursivo a outro, pois seu caráter enunciativo pode contemplar situações distintas.

E por esta perspectiva que este conceito é importante neste trabalho, porque os enunciados aqui lidos são produzidos a partir da captação de outros textos que pertencem aos discursos constituintes ou que, em seu processo de produção ganham um viés inerente aos mesmos. Portanto, expor o conceito de discurso constituinte é estabelecer uma relação necessária com o modo de operação da prática discursiva aqui estudada.

5.3.1 Aforização

Na seção anterior, apresentamos uma abordagem acerca dos discursos de natureza universalizante que são o alicerce dos textos analisados neste trabalho. Faremos, nesta seção, a exposição deste modo enunciativo.

Enunciar é colocar a língua em movimento por um ato individual de utilização, como postula Benveniste (2005). Embora a perspectiva do linguista ainda esteja na esteira estruturalista, é possível nos apropriarmos do teor deste enunciado para refletirmos sobre o discurso. Podemos afirmar que enunciar é realizar um trabalho com a língua para que seja possível cumprir um projeto de discurso. Na perspectiva discursiva, o ato individual de utilização da língua corresponde ao encontro de conjunturas históricas muito específicas, de instâncias subjetivas autorizadas a dizerem o que dizem e de relações que não estão somente na ordem do sistema, se usarmos um termo saussuriano. Nessa perspectiva, a materialidade linguística indica essas condições, os enunciados mostram o processo discursivo que melhor atende aos projetos de dizer.

É possível, então, conceber diferentes formas de mobilizar o aparelho enunciativo. Neste ponto, pode-se pensar nos variados enunciados que circulam na sociedade e nas suas diferentes configurações. Há enunciados cujas existências estão alicerçadas em um texto ou em um gênero do discurso. Em contrapartida, há produções linguísticas que não estão atreladas a textos, pois figuram nas situações de forma autônoma, são enunciados que aparecem em uma espécie de solitude,

parecem se bastar no que diz respeito aos propósitos enunciativos. Inseridas em textos ou não, certas frases têm características que possibilitam que sejam usadas como máximas. Essas frases podem ser destacadas, retiradas de certos contextos e circular em espaços que sequer suporíamos produzi-las.

Maingueneau (2008a, 2010, 2014) elabora e reelabora alguns conceitos relativos ao que chama de frases sem texto, isto é, enunciados que têm o sentido completo, mas não se enquadram em uma lógica textual. Inicialmente, o autor identifica tais enunciados como destacados ou destacáveis e alerta, neste ponto, para existência de dois tipos de destacamento. O destacamento constitutivo, ligado àqueles enunciados que circulam em conformidade com a memória discursiva da comunidade de falantes que são representados pelos provérbios, pelas máximas ou pelas fórmulas sentenciosas que não têm um contexto original e nem uma fonte identificável. Há também o destacamento produzido pela extração de um excerto de um texto quando existe uma lógica de citação. No que se refere a este último tipo de destacamento, Maingueneau (2010) afirma que a atividade não é feita de forma aleatória ou indiferenciada, pelo contrário, certos fragmentos já aparecem nos textos com potencial para destacamento. É possível observar isso no texto abaixo:

Essa é uma oportunidade de uma vida. Sua avó está contando com você pra você fazer a coisa certa. Sua mãe está contando com você. Seu pai, seus primos, seus irmãos e irmãs tão contando com você pra superar essas barreiras e brilhar no topo. *Todo mundo quer ser uma fera até chegar a hora de fazer o que uma fera faz. Um homem de verdade é aquele que no escuro, quando ninguém vê trabalha duro. Um homem de verdade é aquele que no escuro, quando ninguém vê trabalha duro.* (Vlog motivacional do canal Motivação Bodybuilder, 21/02/16, grifos nossos)²⁰

Os enunciados grifados no trecho acima estão inseridos em um dos textos produzidos pela comunidade discursiva cujo discurso é objeto de nossa pesquisa. Nestes textos, a motivação é um dos motes e os locutores gravam vlogs em que motivam os praticantes ou adeptos do estilo de vida *bodybuilder*. Neste texto, especificamente, são elencadas as qualidades que o destinatário tem, mas são elencados também os defeitos que o mesmo tem e o permitem de atingir seus objetivos. Além disso, o enunciador o acusa de não ostentar a força necessária para vencer os obstáculos e conquistar os músculos tão sonhados. O enunciador diz,

²⁰ Parte da transcrição do áudio de um vlog motivacional MOTIVAÇÃO BODYBUILDER. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XuosbTQPcAA>

inclusive, que o outro precisa pagar o preço pelo sucesso. No excerto, as frases finais sobressaem. É possível observar que as mesmas apresentam certa independência em relação ao restante do excerto. Poderiam circular em outros contextos em que fossem fundamentais certos caracteres morais, certas condutas para que certos objetivos fossem atingidos. Essas frases poderiam ser enunciadas, por exemplo, para quem estivesse estudando para um concurso público ou para quem quisesse erigir alguma conquista que requisitasse disciplina, persistência. São frases que apresentam uma generalização, a voz que enuncia parece dizer o que uma grande consciência diria. São frases destacáveis, já que apresentam aspectos diferentes em relação ao restante do texto. Há, portanto, o fenômeno denominado por Maingueneau (2010) como sobreasseveração. A respeito do mesmo o autor diz:

No caso da sobreasseveração, uma modulação da enunciação que formata um fragmento como candidato à destextualização, não é possível falar de “citação”: trata-se somente de uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos: ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de destaque dentro de uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)... (p.11)

Os enunciados em questão apresentam um potencial para o destacamento, são anunciados como passíveis de circulação e inserção em contextos variados. O autor alerta para o fato de os mesmos sofrerem pequenas mudanças quando destacados, há uma acentuação no sentido dos mesmos, os enunciados passam a atuar, passam a agir ou propiciar uma agência. Os enunciados destacados decorrem, segundo o autor, de um regime enunciativo específico denominado aforização.

A enunciação aforizante, enquanto regime enunciativo, diferencia-se da enunciação textualizante no que se refere ao fato de a última implicar a inscrição do texto em um dado gênero do discurso, ao passo que a primeira não se inscreve em uma lógica textual, em uma lógica em que ideias são interdependentes e se encadeiam linguisticamente. Além disso, questões inerentes à instância subjetiva à qual se imputa a responsabilidade pela enunciação também é distinta. Na enunciação textualizante, tal instância é descentrada, pois o ato de enunciar convoca um coenunciador ou outros coenunciadores, há a convocação de outras vozes (discordantes ou não). Já na enunciação aforizante, a instância subjetiva é

unívoca, isto é, não há convocação de coenunciadores, não há coparticipação no ato enunciativo. Há um papel único e fundador que enuncia. Por isso, Maingueneau (2010, p.13) afirma:

Todo gênero de discurso define duas posições correlativas, de produção e de recepção, em interação e especificadas pelas restrições da cena genérica. O que faz com que possamos falar de “papéis”. Poderíamos também dizer que na textualização não nos relacionamos com Sujeitos, mas com facetas, aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade de dizer é negociada e partilhada. Na enunciação aforizante, em contrapartida, não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de “auditório universal” (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária: não há ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo. É o próprio indivíduo que se exprime, além/aquém de todo papel, “ele mesmo”, de alguma forma. Fundamentalmente monológico, a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor.

A distinção exposta por Maingueneau desencadeia outras diferenciações entre os regimes. Se a instância subjetiva é a condensação dos modos de constituição de uma subjetividade em um texto, obviamente, instâncias descentradas, como na enunciação textualizante, ou instâncias centradas, como na enunciação aforizante, são sustentadas ou mantidas por fatores específicos, por enunciados bem circunscritos. Vale observar tais diferenciações no quadro comparativo a seguir.

Quadro 4 - Enunciações textualizante e aforizante

ENUNCIÇÃO TEXTUALIZANTE	ENUNCIÇÃO AFORIZANTE
1. Texto articulado por meio de jogos de linguagem: narrar, argumentar, responder	1. Enunciado que exprime o pensamento de seu locutor, independente de qualquer jogo de linguagem
2. Textos convocam diferentes planos enunciativos: diferentes vozes, diferentes figuras do enunciador	2. Enunciado tende à homogeneidade, sem mudança de planos enunciativos
3. Texto cuja subjetividade varia. Texto cuja subjetividade é instaurada pela constituição do texto	3. Enunciado cuja subjetividade se faz única. É um dizer próximo de uma consciência
4. Texto elabora um quadro por meio de sua maneira de enunciar. Os elementos de um texto, oral ou escrito, formam esse quadro	4. Enunciado contesta a espacialização da memória discursiva construída por textos.
5. Texto cuja apropriação pela memória discursiva nem sempre é possível	5. Enunciado implica uma instância sempre viva, disponível e reatualizável.

(Adaptação de Maingueneau, 2010, p.13-14)

As diferenças acima mostram as especificidades dos dois regimes enunciativos, mas também explicitam as possibilidades enunciativas que cada um oferece. Enunciar através de textos ou através de enunciados destacados não é só uma opção, mas uma possibilidade de atender ou de sedimentar um projeto discursivo. Enunciar através de textos ou através de enunciados destacados é mostrar possibilidades de instâncias subjetivas, é mostrar que o dizer pode ser centralizado ou descentralizado, é mostrar os meandros de um discurso. Se aceitamos o fato de o discurso ser ele mesmo uma instância em que saber e poder se encontram, em que quadros muito específicos interferem em sua constituição e em seu funcionamento, em que alianças são delineadas, em que relações são acolhidas e/ou repelidas; os regimes enunciativos textualizante ou aforizante seriam as vias pelas quais os discursos se mostrariam ao mundo, seriam as vias pelas quais os discursos se colocariam no mundo para se relacionarem com outros discursos que também são mostrados ao mundo por meio de um ou outro regime de enunciação.

É possível, então, explicitar mais uma denominação proposta por Maingueneau, fundamental para este trabalho, no que tange à aforização. Há enunciados que, embora apareçam destacados, não apresentam referência ao texto fonte, não apresentam remissão à fonte que os enunciou. Tal forma de circulação de um enunciado aforizante é denominada por Maingueneau de particitação. O autor utiliza o termo, cuja formação decorre da junção das palavras participação e citação, para fazer referência aos enunciados destacados com a característica acima mencionada. Diferentemente do que ocorre com as aforizações, as particitações se colocam em um nível superior, pois o fato de serem enunciadas sem remissão à fonte que as produziu confere ao momento enunciativo o status de uma enunciação proverbial, sentenciosa. Para Maingueneau (2015, pp.69-70), esses enunciados se caracterizam por:

- i. serem memorizáveis e autônomos, por natureza ou por destacamento de um texto;
- ii. poderem ser reconhecidos como citação pelos destinatários, sem que o citante explicita a fonte ou afirme realizar uma citação ;
- iii. fazerem parte de um repertório (*thesaurus*) de enunciados partilhados por uma comunidade linguística;

A particitação mostra-se, então, como uma das faces da aforização, já que se trata de uma operação que se dá por meio de enunciados destacados ou

destacáveis, mas permite possui uma singularidade. Como o enunciado não apresenta fonte, como não há remissão ao fato de ter sido destacado, através de aspas, de verbos de elocução ou de qualquer outro vestígio gráfico ou fonético; atua como um enunciado autoral, o que confere implicações de ordem semântico-pragmática para o discurso.

Como mencionado anteriormente, uma das características do enunciado particitado é o fato de o mesmo fazer parte de um repertório de enunciados sentenciosos de uma comunidade. Nesse sentido, se o enunciado for reconhecido pelo coenunciador, em conformidade com o contexto e com relações extralinguísticas, o mesmo captará os deslocamentos de sentido, as filiações, as recusas, as possibilidades de inserção, de não inserção. A recuperação do texto fonte possibilita que seja feito um trabalho interpretativo em que posicionamentos são reiterados ou são renovados. Por outro lado, se o texto fonte não é reconhecido, são instaurados outros gestos interpretativos. Se o enunciado é captado como autoral, ocorre uma relação de sentido que é unilateral, isto é, o enunciado é percebido como que emanado de uma fonte única, de uma fonte autorizada a falar de questões inerentes a todos. O enunciado é elevado à altura de uma consciência que estaria autorizada a falar de questões de cunho ético-moral.

O regime enunciativo definido por Maingueneau como aforização, independentemente de ser constitutivo (primário) ou secundário, independentemente de seu uso explicitar ou não sua fonte, diz respeito à presença do outro na linguagem. Este é um ponto fundamental, uma vez que a alteridade é constitutiva de todo texto, de todo discurso. Desse modo, o regime enunciativo denominado por Maingueneau pode ser compreendido como um processo muito específico de citação, de inserção do outro no discurso. Esse ponto nos dá subsídios para debater questões do corpus de nossa tese, questões inerentes ao funcionamento discursivo destes textos. Esse ponto nos dá, ainda, recursos para propormos um debate em torno de questões teóricas relativas ao fenômeno da alteridade na língua. Não se trata de questionar a elaboração teórica, mas de ampliar, a partir deste quadro, a compreensão em torno da intertextualidade e da interdiscursividade. Trata-se de verificar as condições que possibilitam o uso de certos destacamentos e não de outros. Trata-se, por fim, de verificar como se dá o retorno, a reutilização de certos textos e de certos percursos discursivos em novos contextos. Na próxima seção, apresentamos esta discussão.

5.3.2 A aforização e o (s) outro (s): interdiscursividade e intertextualidade

Como anunciamos nas últimas linhas da seção anterior, o regime enunciativo desta prática discursiva possibilita que façamos considerações relativas à presença do outro no discurso. O já-dito, aquilo que não é lembrado quando um enunciado é produzido ou lido, é colocado em destaque por meio da aforização. Se é um regime enunciativo que, em dadas apropriações, se constitui unicamente por meio de outros textos, significa que o heterogêneo é uma necessidade e também uma potencialidade. Assim, nesta seção, fazemos explanações relacionadas a esta heterogeneidade, mas também expomos argumentos acerca da produtividade desta alteridade. Compreendemos, pois, que a teorização de Maingueneau permite que argumentemos sobre as noções de interdiscursividade e intertextualidade como também sobre a operacionalização de ambas. No entanto, antes de apresentarmos as considerações e os argumentos em relação a estes fenômenos, é necessária uma exposição acerca da heterogeneidade na língua.

Para Bakhtin (2014), não há usos linguísticos individuais, toda manifestação linguística é social. A língua é semantizada conforme as trocas sociais, ou seja, os valores atribuídos às coisas neste âmbito atravessam os signos e os transformam em enunciados, em elementos pertencentes a uma dada cadeia discursiva. Por isso, o que chamamos de enunciado não se institui pela unicidade, pelo mesmo, mas pela relação com outros enunciados, com outras vozes que habitam o universo social. Tal postulação diz respeito ao caráter dialógico da linguagem assumido pelo autor como princípio básico da interação verbal. Os discursos que produzimos nunca são somente nossos, são sempre uma produção decorrente de um trabalho feito sobre outros discursos. Desse modo, estamos sempre respondendo, reformulando, ressignificando a língua. A tese de que a língua é dialógica ultrapassa as barreiras estruturais e as concepções de diálogo com interação imediata, pois abrange a cadeia de significados e de sentidos que se dão na história. Mais do que interação face a face, o que é proposto na esteira bakhtiniana é um amplo diálogo no qual há sempre proposições e respostas. Nesta lógica, todo enunciado é, necessariamente e obrigatoriamente, uma resposta a outros enunciados e potencialmente candidato a outras respostas. Todo enunciado “[...] é um elo na cadeia da comunicação

discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 2011, p.300). Este diálogo incessante produz efeitos, permite que sejam ouvidas as vozes daqueles que precederam os enunciados e as vozes daqueles que podem sucedê-los. Tal diálogo atesta o entrecruzamento das vozes dos que produzem o enunciado, dos que produziram e dos que produzirão outros em algum momento. É um diálogo que abarca muitas feições sociais. Falar do outro, nessa perspectiva, é falar da rede de discursos e de vozes que se encontram para formar os vários tecidos discursivos que engendram a sociedade.

Outra concepção que abarca a alteridade é a de Ducrot. O linguista questiona a unicidade do sujeito da linguagem, questiona o fato de haver um único autor responsável por cada enunciado. Partindo dos postulados decorrentes da linguística estrutural que coloca o sujeito como fonte dos atos enunciativos e, ainda, como detentor de todos os subsídios para a constituição do sentido, Ducrot (1987) argumenta que é possível observar representações do sujeito nos enunciados. Isso o leva a elaborar a teoria polifônica da enunciação. Suas postulações partem do princípio de que há distinção entre locutor e enunciador. Por locutor, compreende o ser a quem se imputa a responsabilidade pelo enunciado, mas não o coloca como um ser do mundo e sim como uma figura representativa do discurso. Por enunciador, Ducrot entende as diferentes perspectivas que aparecem no discurso. Diferentemente do locutor, a quem é atribuída a responsabilidade enunciativa, a quem são atribuídas as marcas de primeira pessoa, o enunciador é representado no discurso. Neste ponto, Ducrot dá corpo a fenômenos linguísticos que até então tinham vida no campo da lógica. Podemos citar, por exemplo, a pressuposição, a questão dos implícitos, a modalização, os operadores argumentativos. Tais marcas ou ausência delas, já que alguns desses fenômenos são percebidos através de gestos interpretativos, são elementos que, nos enunciados, possibilitam a identificação de outros pontos de vista. Esses elementos permitem que a voz do outro seja acessada, permitem que a presença do outro seja atestada no discurso. A alteridade, nesta perspectiva, é inerente à própria língua já que a mesma possui marcas que propiciam tal acontecimento.

Authier-Revuz (1982, 1990) também teoriza a presença do outro a partir da distinção de heterogeneidade:

heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada do discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição. (1982, p.32)

Nesta perspectiva, a heterogeneidade constitutiva liga-se às bases do discurso, ao que é inegável à sua constituição, ao passo que a heterogeneidade mostrada relaciona-se à explicitação linguística desta presença. Assim, o discurso contém o fundamento, ou seja, aquilo de que é imprescindível para sua constituição; mas pode conter também índices de tal constituição, ou seja, as marcas desta constituição.

Tais postulados teóricos, embora guardem suas diferentes filiações, já nos colocam no terreno da produção do discurso a partir do outro, nos colocam no terreno do interdiscurso. Tratar do interdiscurso é trazer à tona as relações históricas que possibilitam a produção do discurso. Não se trata de pensarmos nos acontecimentos, mas nas instâncias de produção que viabilizam a formulação e a estabilização de dizeres, trata-se de observar que o sentido atual é oriundo de um trabalho feito sobre o já-dito.

Nesse sentido, podemos contar com duas formulações para interdiscurso. Pechêux (1999) concebe o interdiscurso como memória discursiva, entretanto tal memória nada tem de interior ao indivíduo. Está, antes de tudo, associada aos sentidos “entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.” (p.50). Assim, o que o autor denomina como memória discursiva é um conjunto de já-ditos que sustentam o dito. É um conjunto de ditos sem os quais não poderia haver o dizível, isto é,

Aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (1999, p.52)

Implícito, aqui, não diz respeito ao que pode ser depreendido pelo coenunciador em dada situação enunciativa a partir da elaboração de um raciocínio ou a partir de dadas marcas linguísticas que ancoram um não-dito. O implícito citado por Pêcheux está na ordem do que foi dito e não é mais “lembrado” porque está na ordem do fluxo da discursividade, está na ordem do necessário para elaboração e

para a compreensão das trocas verbais. O implícito, portanto, é a não-evidência, é uma ausência estruturante.

Nesta perspectiva, o interdiscurso diz respeito a um já-lá, mas isso não quer dizer que haja homogeneidade. O interdiscurso não diz respeito ao estável, mas a uma estabilização inerente à ordem requerida pelo discurso. Nesse sentido, o interdiscurso decorre de um trabalho feito sobre as formulações discursivas já feitas e esquecidas.

Já Maingueneau (1997, 2008b) concebe o interdiscurso como a base do discurso. O autor defende a tese do primado do interdiscurso sobre o discurso porque, em sua formulação, o que analisamos é o espaço onde ocorrem as trocas entre o pré-construído e o construído. O autor estabelece a distinção, já citada neste trabalho, entre universo, campo e espaço discursivo. Sucintamente recapitulando, o universo discursivo refere-se ao conjunto finito e inapreensível de diferentes tipos de formações discursivas existentes. O campo discursivo diz respeito a formações discursivas que concorrem, diz respeito aos posicionamentos enunciativos definidos por hipóteses. Por fim, o espaço discursivo diz respeito às ligações existentes entre as formações discursivas que permitem a compreensão dos discursos. Tais ligações, por sua vez, são explicitadas pelo pesquisador em virtude de seus objetivos de pesquisa. É nesta direção que se pode pensar no interdiscurso como espaço de trocas. Mais do que um pré-construído constituindo o construído, o que se evidencia na ideia de interdiscurso defendida pelo autor são as possibilidades de dizer oriundas dos diferentes tipos de relações que ocorrem nesses espaços. Assim,

[...] No espaço discursivo, o Outro não é nem fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa; não é necessário que ele seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. Ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade. (MAINGUENEAU, 2008b, pp.36-37)

Dessa forma, a existência de um discurso vincula-se ao necessário estabelecimento e à necessária reestruturação de diferentes relações que são gerenciadas no interior de cada formação discursiva. Seria impossível detectarmos o funcionamento de um discurso se no construído não houvesse a possibilidade de apreensão de sentidos oriundos de outras esferas. O interdiscurso, então, atua como uma balança, ora suscitando mais ou menos a apreensão do Outro, ora

negando, disfarçando ou até “apagando” tal presença. Mas está sempre condicionado a mesma.

O corpus que analisamos neste trabalho é composto, no âmbito verbal, por textos advindos de outros campos. Tal composição se dá de forma autônoma, sem citação de fonte, como se o texto tivesse sido produzido na formação discursiva em que circula. Mesmo com a ausência de referência ao texto-fonte ou à sua autoria, mesmo com o apagamento da intertextualidade, se considerarmos as relações atinentes à materialidade linguística, é possível falar do outro, pois esta ausência material permite traçar diferentes percursos referentes ao fenômeno. Esta aparente autonomia é o que permite argumentarmos sobre a relação entre aforização, interdiscursividade e intertextualidade. Melhor dizendo, possibilita traçarmos um raciocínio que, além destas relações, contemple também uma teorização sobre esses fenômenos. Os pressupostos teóricos acima nos dão subsídios para tal propósito.

Iniciamos nossa reflexão, propositalmente, pela intertextualidade. Termo cunhado por Julia Kristeva (1974) que, a partir das observações sobre o dialogismo, considera que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (p.64). A intertextualidade, na perspectiva da autora, seria o resultado de operações de diferentes naturezas, um texto resultaria de uma transformação inerente a qualquer produção textual. A intertextualidade, conforme citada acima, estaria relacionada a processos da ordem da materialidade linguística. Logo, é possível depreender que abordar o fenômeno é observar as relações entre os textos, mas também compreender de que maneira os textos do outro são convocados e, ainda, analisar os consequentes desdobramentos disso nos discursos.

É nesta direção que queremos traçar certa teorização no que tange ao fenômeno. Sustentamos a tese de que a intertextualidade é um processo mais amplo do que as próprias relações contidas nas malhas textuais. Seguindo esta lógica, é necessário entender que o que está em jogo não são os textos, mas questões de outra ordem, questões que existem antes e fora dos textos. A intertextualidade seria, então, um fenômeno cuja textualização estaria sustentada por elementos extralinguísticos e, ao mesmo tempo, sustentaria esses mesmos elementos. Assim, podemos convocar novamente Foucault (2016) que elabora um percurso ligado às regularidades discursivas. Tais postulações são potentes para

alicerçar o posicionamento aqui adotado. Em se tratando das amplas relações entre enunciados argumenta que:

Relações entre os enunciados (mesmo que escapem à consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não têm o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam); relações entre grupos de enunciados assim estabelecidos (mesmo que esses grupos não remetam aos mesmos domínios nem a domínios vizinhos; mesmo que não tenham o mesmo nível formal; mesmo que não constituíam o lugar de trocas que podem ser determinadas); relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimento de uma ordem inteiramente diferente (técnica, econômica, social, política) (p.35)

Tal colocação possibilita argumentarmos que a intertextualidade, mesmo em suas manifestações mais explícitas ou óbvias em relação ao texto-fonte, não é, necessariamente, da ordem da língua. A intertextualidade seria a materialização de relações muito estritas, muito singulares. A intertextualidade seria a sofisticação, na materialidade dos enunciados, de uma maneira de produzir enunciados. A convocação de outros textos seria também a convocação das perspectivas em que esses textos foram delineados.

Assim, apresentamos duas hipóteses para defender o ponto de vista de que a intertextualidade é um amplo processo discursivo. Inicialmente, é possível conjecturar que este fenômeno é regido por uma afinidade entre as formações discursivas. Cada formação discursiva apresenta suas regularidades, cada formação discursiva tem formas muito específicas de configuração, então cada texto convocado, parafraseado, parodiado, citado estaria no bojo dessas regras de formação. Haveria uma similitude entre os discursos, isto é, o texto-citante, mesmo contestando, desconstruindo ou tentando apagar a ideia do texto-fonte, só o faz devido a uma afinidade discursiva (mesmo campo, mesmos temas, mesmo espaço, mesmos conceitos).

A outra hipótese diz respeito às possibilidades de enunciação quando se convoca o texto do outro. Sustentamos a hipótese de que a intertextualidade, que aparece em textos ligados a esferas da existência humana, por exemplo, só pode ocorrer a partir da convocação de textos produzidos em esferas autorizadas a dizerem certas coisas relativas aos estados mentais e comportamentais do homem. Essas esferas são aquelas ligadas aos grandes grupos de discursos que parecem se autorizar sem a preexistência de outros discursos. A intertextualidade, vista por este ângulo, estaria atrelada aos discursos constituintes.

Tais hipóteses encontram terreno fértil para argumentação no corpus de nossa pesquisa. Os textos do corpus se constituem a partir de textos oriundos de diferentes autores e diferentes campos cujos enunciados pertencem a diferentes formações discursivas. Quando esses textos são trazidos para a esfera da corporeidade para dizerem o que dizem, ganham outro status, mas não desfazem os laços existentes com os campos em que estavam originalmente, pois

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz. (FOUCAULT, 2016, p.30)

Consideramos, portanto, a intertextualidade como um fenômeno que engloba textos, mas, sobretudo, relações que perpassam os discursos. Nesse caso, a aforização seria uma das formas de convocação do outro, seria uma face muito específica da intertextualidade.

Conceber a intertextualidade como um fenômeno mais amplo do que as próprias relações textuais gera uma consequência: a de que a intertextualidade não está necessariamente atrelada ao intertexto e ao reconhecimento do mesmo. A intertextualidade possibilitaria, então, o povoamento do texto de vozes sociais que o autorizassem a dizer o que diz. Os efeitos desta intertextualidade variam conforme o modo de sua apresentação. Se não há remissão à fonte, o efeito é de uma pretensa autoria, o que propiciaria relações de sentido distintas. Neste caso, a intertextualidade seria um fenômeno cujas malhas de sentido possibilitariam ver os sentidos advindos das relações entre língua e história. A intertextualidade seria, em uma última colocação, um fator de discursividade no sentido de ser um dos elementos que constituiriam a eficácia de um dado discurso.

Estas reflexões permitem que tracemos uma linha de raciocínio relativa à própria noção de interdiscursividade. Concebida como o fundamento da atividade discursiva alude, como já afirmarmos, à inevitável presença do outro na constituição do discurso, aliás, a identidade de um discurso pauta-se nesta presença-ausência. Entretanto, nossa argumentação surge de uma inquietação no que se refere à possibilidade de extensão deste conceito em conformidade com os enunciados analisados nesta tese.

Os textos analisados neste trabalho são um conglomerado erigido por textos oriundos de campos e de formações discursivas distintas. Logo, a ideia de relações discursivas já se impõe. No entanto, o que chama atenção nesse sentido, não são propriamente as relações basilares, mas o jogo de relações que foi estabelecido para que tais textos pudessem ocupar um lugar e fazer sentido em um espaço enunciativo estranho. Assim, a noção de interdiscursividade além de ser um elemento fundante da discursividade, seria também um elemento agregador. Em formações discursivas cujas unidades tópicas são migratórias, a discursividade se sedimentaria e se alicerçaria em princípios. O já-dito estaria lá, mas, na periferia, princípios estariam regendo e permitindo a realização de trabalhos sobre enunciados existentes. Isso possibilitaria que certos enunciados, figurassem em lugares estranhos ao seu semantismo e à sua lógica. A interdiscursividade, então, passaria a figurar como elemento de transformação. Além de conceber a possibilidade do dito, atuaria, em certas situações, em consonância com questões históricas, como uma operação de transformação e de transposição. Mais do que a apropriação de textos ou de propriedades semânticas, a interdiscursividade estaria no âmbito de uma moldagem. Isso pode ser respaldado pela seguinte afirmação de Maingueneau (2008b, p.39):

O discurso primeiro não permite a constituição de discursos segundos sem ser por eles ameaçado em seus próprios fundamentos. Se, como pensamos, os fundamentos semânticos de tais formações discursivas obedecem a muitas restrições e são pouco variados, as transformações interdiscursivas globais que se podem aplicar a eles para constituir novos fundamentos não o são menos.

A interdiscursividade seria, portanto, a apropriação e a transformação de fatores semânticos para a execução de um projeto discursivo que abarcasse uma conjuntura histórica.

A partir daí, e para finalizar, entendemos que a aforização, na forma como é articulada no corpus que estudamos é um refinamento da intertextualidade. Haveria uma explicitação do texto-fonte cujo apagamento da origem seria a afirmação de um posicionamento. Este refinamento, por sua vez, seria a manifestação da interdiscursividade enquanto operação de transformação. O conceito de frases sem texto poderia, portanto, ser concebido, em formações discursivas com as

características como as que são apresentadas aqui, como um amplo acontecimento em que a intertextualidade fosse a face mostrada da interdiscursividade.

O interdiscurso, a falta, a ausência constitutiva e sustentadora do sentido atual é também transformadora. Na formação discursiva aqui trabalhada, a interdiscursividade é, por um lado, a base e, por outro, a articulação dos princípios do outro. Por isso, o regime enunciativo, a aforização, é a presença do outro que, simultaneamente, se ausenta. A aforização é a revelação intertextual e, ao mesmo tempo, a apresentação de princípios que intentam ocultar outros lugares discursivos.

Logo, por todos os argumentos citados, não há somente relações entre aforização, interdiscursividade e intertextualidade. A peculiaridade do corpus deste trabalho atesta um tipo de funcionamento em que um discurso produzido alhures sofre coerções e restrições para se manifestar de modo

que atenda aos imperativos advindos das relações ente língua e história. Em suma, não se trata de uma simples adesão ou mescla, mas de uma transformação basilar e estruturante deste funcionamento discursivo.

5.3.3 Uma potente atividade discursiva: redizer

Diante do que apresentamos acima, é possível depreender não só o percurso dos fenômenos que foram objeto de nossas explicações e argumentações, mas também a produtividade dos mesmos. Desse modo, aforização, interdiscursividade e intertextualidade são resgates de textos anteriores, mas também atividades discursivas que engendram a circulação de sentidos inerentes a constituições históricas e sociais. A apropriação e a transformação de textos existentes são, na verdade, reiterações, transformações ou embates inerentes a um mosaico de relações intersubjetivas e sócio-históricas.

Um enunciado é um acontecimento, isto é, seu aparecimento pauta-se em uma convergência de fatores que o alçam a tal categoria. O enunciado é oriundo de relações de diferentes ordens, é o produto do estabelecimento de fronteiras e de regras que o tornam único. Nesse sentido, estamos no terreno da raridade. Dizer

que um enunciado é raro não é dizer que é único na sua forma, mas único em sua possibilidade de existência. Sobre isso, afirma Foucault (2016):

Essa raridade dos enunciados, a forma lacunar e retalhada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas, em suma, podem ser ditas explicam que os enunciados não sejam, como o ar que respiramos, uma transparência infinita; mas sim coisas que *se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos*; para as quais preparamos circuitos preestabelecidos e às quais damos uma posição dentro da instituição; coisas que são desdobradas não apenas pela cópia ou pela tradução, mas pela exegese, pelo comentário e pela proliferação interna do sentido. Por serem raros os enunciados, recolhemo-los em totalidades que os unificam e multiplicamos os sentidos que habitam cada um deles. (p.147) (grifo nosso)

Assim, um enunciado, independentemente de sua natureza e de constituição, enquadra-se em um dado lugar em virtude das propriedades que tem para exercer dada função enunciativa. Logo, a ideia de conservação, destacada por nós na colocação de Foucault, é importante para o que queremos explicar aqui. Os enunciados analisados nesta pesquisa só podem ser assim chamados porque se agrupam em consonância com leis, com ordens impostas pela própria formação discursiva. Uma dessas ordens é a conservação. Este aspecto diz respeito a uma forma histórica de dizer coisas, forma que sustenta modos de constituição social, que sustenta uma série de questões de uma ordem dita superior. Os enunciados, como já mostramos nesta seção, relacionam-se a esferas que se autogerenciam, por conseguinte, o que estaria no bojo do dito seria a conservação deste aspecto.

A recuperação de textos anteriores traz também os acontecimentos inerentes aos mesmos. Estes acontecimentos são moldados, editados, transformados e passam a fazer sentido em uma nova situação de enunciação, mas conservam os efeitos do passado. O passado que, muitas vezes, é negado ou ignorado age, mesmo na transformação. Esta recuperação é acionada pelas malhas da própria atividade enunciativa, possui um aparato que se ampara, por um lado, em uma interdiscursividade constitutiva e, como compreendida em virtude de nosso corpus, como agregadora de princípios; e, por outro lado, em uma materialidade textual necessária. Esta imbricação liga-se a alguns argumentos de Foucault (2016) acerca da raridade dos enunciados e da análise enunciativa. Para ele, é preciso considerar alguns âmbitos, entre eles a remanência e a recorrência. Um enunciado remanente é aquele cuja conservação está atrelada a um certo número de suportes, de técnicas materiais e de instituições: livros, biblioteca, verdades científicas, religiosas etc. A

remanência de um enunciado não diz respeito à memória, mas à conservação de fatores que podem ser encontrados no próprio enunciado. Já a recorrência diz respeito ao encontro de elementos anteriores e atuais: “[...] Todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. [...]” (FOUCAULT, 2016, p.152). Assim sendo, a recuperação e a reiteração deste antes são elementos que se agregam na formulação do dizer atual. Não se trata de uma junção ou de um trabalho intencional do enunciador para unir presente e passado ou para buscar no passado enunciados já ditos. Não é um trabalho ligado à procura de enunciados concernentes ao que se quer dizer, mas, antes de tudo, um trabalho inerente a uma biblioteca bem mais vasta, que é a dos discursos.

É nisso que reside a potencialidade do redizer. Ao redizer, ao recuperar enunciados de outras esferas, a formação discursiva não estaria reafirmando somente características pertencentes a outros campos, mas também um *modus operandi* relativo a um modo de dizer que, por sua vez, estaria ancorado em modos de existir, de estar no mundo e manifestar isso via linguagem. Redizer, realizar operações interdiscursivas e intertextuais, aforizar seriam operações cuja potencialidade estaria no nível de uma reiteração de modos de conceber o mundo, de modos de vivenciar a realidade. Tais reiterações, nas suas diferentes feições, cumprem o papel de manter certo vínculo com o passado e sustentar, no presente, as transformações do mesmo. A potencialidade de redizer corresponde à própria potencialidade do dizer. Não é o retorno, a repetição, mas a possibilidade de dizer a partir do mesmo.

No potencial de redizer estaria, pois, a potencialidade do dito. O dito do qual nos valem para afirmar as transformações pelas quais passamos e pelas quais passaremos. Redizer, trazer à baila outros lugares, lugares dos quais saímos, mas retornamos para recolher o que ainda é viável e funcional em nossas produções históricas e discursivas. Assim, se processa a eficácia discursiva, pois “[...] o sujeito recorre a elementos elaborados alhures, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência que suscita a adesão do seu auditório.” (BRANDÃO, 2012, p.95). Em síntese, interferimos no real, moldando elementos do passado.

5.4 Os Fisiculturistas: construtores de corpos e produtores de discursos

Uma prática discursiva é a necessária relação entre texto e condições de produção. Esta articulação contempla, necessariamente, os sujeitos, aqueles que, discursivamente sustentam os textos por meio da enunciação. Se nos propomos aqui a estudar uma prática discursiva, impõe-se, então, a necessidade de explicitar nossas justificativas para caracterizar os fisiculturistas, na dimensão verbal, como comunidade discursiva.

Como expomos no segundo capítulo, o fisiculturista pode ser definido como um construtor do corpo. Esta prática esportiva consiste no aumento do volume muscular através do levantamento de pesos. A prática do bodybuilding/ fisiculturismo se mantém através de uma rotina rígida para obtenção e manutenção deste padrão de corpo. Além do treinamento intenso com levantamento de pesos, a dieta é restritiva. Esta é composta, basicamente, por alimentos que contenham os nutrientes fundamentais para o crescimento dos músculos: alta concentração de proteína e baixo teor de carboidratos. Dependendo dos objetivos, as refeições são feitas entre oito e nove vezes ao dia, em quantidades administradas através da balança. Cabe mencionar que, em períodos que antecedem as competições, os atletas deixam de ingerir água para que não ocorra retenção de líquido e os músculos fiquem mais aparentes. Ocorrem também a administração de suplementos alimentares e o controle do sono, já que no período de descanso o hormônio do crescimento (GH) é liberado.

Se recuperamos os argumentos de Foucault (2014a), podemos traçar uma relação entre treino, dieta e textos. Ao tratar do tema, o filósofo recupera os ideais gregos no tocante à dietética. Nesta sociedade, o regime não tinha apenas relação com a saúde, era considerado como parte de uma arte de viver, ou seja, estava ligado a uma estética da existência, consistia em toda uma maneira de se constituir como um sujeito que, ao cuidar do corpo, mostrava uma série de princípios que extrapolavam o físico. O universo do fisiculturismo pode ser observado sob a ótica desta colocação. O cuidado, o preparo das refeições, a pesagem das refeições, a quantidade de refeições, o número de exercícios, as poses no palco, as poses nas redes sociais, os relatos que fazem de suas rotinas; tudo se refere a um cuidado que

atravessa a vida cotidiana e transforma as atividades em demandas do corpo e da moral.

Assim, ao produzirem textos, enunciam a partir deste universo de práticas. Se lançam, então, enquanto sujeitos, transformam suas práticas não verbais em ordens que determinam a enunciação, enunciam de acordo com a coletividade que constituem. Por isso, apresentam as marcas de instituição de uma comunidade no seio social, mostram os valores defendidos pela mesma. Todas as atividades do fisiculturista e daqueles que adotam suas práticas são, na verdade, um mosaico que representa um estilo de vida, um modo de transitar pelo mundo.

Maingueneau (1997, 2008b), ao abordar a questão da prática discursiva, afirma que é preciso levar em consideração o modo de existência dos grupos que gerenciam os discursos. Isso diz respeito à instituição, ou seja, ao modo de organização dos grupos na esfera social que, necessariamente, se reflete nas enunciações do mesmo. Por instituição, portanto, é preciso compreender não a organização física, mas aquilo que é instituído pela enunciação. O que interessa, quando falamos em comunidade discursiva é, nas palavras de Maingueneau (2008b), a articulação entre discurso e instituição, ou seja, a articulação que propicia a formação de uma comunidade.

Assim, o que está em jogo é o conjunto de restrições semânticas que rege o discurso e sua relação com a organização física. A formação discursiva que aqui identificamos, através das especificações feitas neste capítulo, mostram o alinhamento dos elementos que a constituem, mostram uma ordem discursiva que se alinha a uma ordem de mundo, ou melhor, a uma ordem dos sujeitos ao exercerem esta prática no mundo. Os sujeitos desta prática enunciam ideais de força, de disciplina, de resistência e de superação. Afirmam que os “sacrifícios” feitos os levarão a lugares mais altos, defendem uma filosofia de vida. Então, os textos que produzem mostram esse modo de vida. Por isso, discursivamente, constituem uma comunidade, constituem um conglomerado, ou seja, um grupo que gerencia textos em consonância com a formação discursiva que sustentam. É importante ressaltar que uma comunidade discursiva existe na e pela enunciação, isto é, não há, embora existam, obviamente e necessariamente, sujeitos que exerçam ações coletivas; grupos ordenados, reunidos que decidem conscientemente o que vão enunciar. Há ritos genéticos, isto é, “o conjunto de atos realizados por um sujeito em vista de produzir um enunciado.” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 132). A complexidade

da produção e do exercício do discurso está ligada a atos que, por sua vez, têm sua razão de ser na exigência do próprio ato discursivo e não no sujeito. Não se trata de um rito individual, mas de um rito que se conforma às coerções do próprio discurso. Logo, há “ [...]uma harmonização mais ou menos estrita entre as práticas individuais do autor e as representações coletivas na quais ele se reconhece e que comunidades mais ou menos amplas verão, por sua vez, encarnadas nele.” (MAINGUENEAU, 2008b, p.133)

Isso é interessante porque mostra como o discurso é uma instituição que depende de pontos de contato, que depende das verdades inerentes a uma época, que depende de certas práticas para ser elaborado, que depende da coparticipação. A colocação de Maingueneau nos mostra que a enunciação é coletiva, só se institui e se solidifica por meio de fatores que formam grupos, comunidades e permitem que estes se identifiquem e se destaquem diante de outras enunciações. Desse modo, “[...] A organização dos homens aparece como um discurso em ato, enquanto o discurso se desenvolve sobre as próprias categorias que estruturam essa organização.” (MAINGUENEAU, 2008b, p.128). Afirmar que, discursivamente, os fisiculturistas constituem uma comunidade, é compreender que sua atividade verbal acompanha suas práticas, é compreender que seu discurso não pode ser dissociado de sua prática, que seu discurso sustenta sua prática. É compreender que a instituição de uma comunidade é um imperativo da própria enunciação, tendo em vista o fato de que só é possível afirmar que há uma prática discursiva se há um corpo de sujeitos que professem a mesma.

Em últimas palavras, conceber os fisiculturistas, no plano discursivo, como uma comunidade discursiva, é admiti-los como sujeitos que alinham uma prática social a uma prática linguística; que admitem a própria constituição corporal como institucional para respaldar uma produção languageira como prática.

5.5 Análises

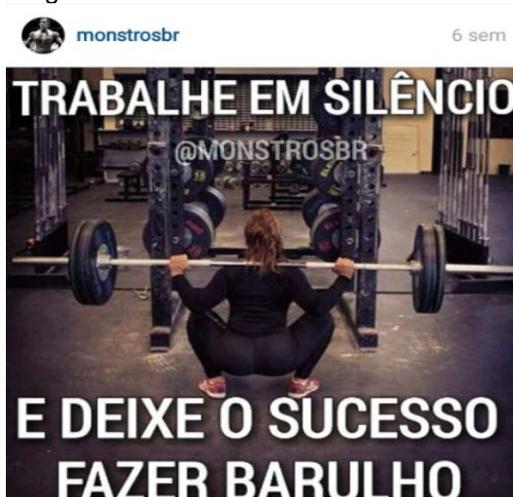
Nesta seção, apresentamos somente as análises dos textos. Se uma prática discursiva se institui pelo arranjo de elementos de ordem sócio-histórica atrelados a

marcas linguísticas, significa que os textos podem ser ressignificados em outras modulações históricas. Desse modo, o que é possível depreender desses textos relaciona-se a espaço e tempo definidos, por isso analisar esta prática discursiva é, acima de tudo, depreender e explicitar o trabalho feito para sua constituição, para sua formulação enquanto tal. A análise aqui realizada não vai pinçar o dito, o dado, mas o que perpassa o aparente.

Serão apresentadas as análises de vinte textos da página *monstrosbr* da rede social Instagram. Como anunciamos no capítulo metodológico, o vocabulário, verbos no imperativo e vocábulos pertencentes ao campo da conduta ou da existência, constitui a regularidade linguística que nos permite fazer as leituras. Dos textos lidos, dez são compostos por textos cujo foco são os verbos no imperativo e os demais são compostos por vocábulos cujo viés semântico faz remissão aos universos existenciais.

TEXTO 1

Figura 12 – Post 2



Fonte: ig @monstrobr - Acesso em: 30/03/16.

O plano verbal do post é uma paráfrase de “Trabalhe duro e em silêncio. Deixe que seu sucesso faça barulho” de Dale Carnegie, orador e escritor norte-americano. Seus livros ficaram conhecidos nos Estados Unidos por se destinarem à melhoria dos relacionamentos pessoais e profissionais, ou seja, esses livros eram de autoajuda ou, ainda, se quisermos pensar na concepção deste livro na contemporaneidade, é possível enquadrá-lo na produção de um *coach*. No plano não verbal, observamos uma mulher executando o exercício denominado agachamento. Tal exercício que, em conformidade com os objetivos do praticante, é

executado com repetições que variam entre 10 e 15 vezes ou mais, é um dos mais indicados e praticados por fisiculturistas e frequentadores de academia, pois condiciona uma série de grupos musculares inferiores, tais como: quadríceps, vasto medial e glúteo máximo. O tipo de agachamento mostrado no post, executado com uma barra sobre os ombros, trabalha, especificamente, um dos grupos musculares mais visados, que são os glúteos, não só pelo seu potencial sustentador do corpo, mas pela estética. Não à toa, é comum ouvir em academias ou ler em revistas destinadas à forma e à beleza os seguintes enunciados como: “10 agachamentos poderosos para malhar pernas e bumbum”, “Projeto bumbum na nuca”.

A enunciação deste post é orientada a partir de verbos no imperativo, típicos das práticas em que se quer direcionar o comportamento do outro. O verbo *trabalhe* é bem significativo, já que remete a um universo de sentido em que o esforço individual gera bons resultados, gera recompensas. Já o verbo *deixe* sugere uma atitude que não requer esforço do sujeito. Ocorre, no entanto, que os verbos funcionam, no enunciado, em aliança com os demais elementos verbais: *em silêncio* e o *sucesso fazer barulho*.

Estes elementos verbais, semanticamente, cumprem a função de sedimentar o perfil das condutas determinadas pelos verbos. A oposição entre os vocábulos *silêncio* e *barulho* fazem referência à forma como os praticantes do esporte devem se movimentar no espaço social e permite observar um embate, pois *silêncio* indica que o adepto da prática não deve ceder aos posicionamentos discordantes de seu estilo de vida, indica que o sujeito deve responder às críticas com a própria prática (o trabalho); já o *barulho* provocado pelo *sucesso* diz respeito aos resultados oriundos da prática, ou seja, um corpo típico de quem tem garra para trabalhar e alcançar os objetivos. Ocorre, desse modo, o fenômeno denominado por Ducrot (1987) de polifonia linguística que, para o linguista, são as diferentes perspectivas, os diferentes enunciadores que podem ser identificados no discurso. O verbo *trabalhar*, por sua vez, é ressignificado, pois assume o viés semântico de ações ininterruptas em busca de um objetivo. A imagem de uma mulher com um glúteo avantajado, realizando determinado exercício (trabalhando) exercício, mostra o barulho do sucesso, isto é, o resultado do esforço, da luta, da disciplina e da obstinação, mostra que o sucesso é uma conquista erigida com trabalho. Verbal e não verbal se integram, se relacionam e se retroalimentam em consonância com as particularidades da formação discursiva.

A aforização, portanto, como regime enunciativo que traz uma única voz como detentora de um saber, ordena, aqui, uma conduta não solidária, apartada das demais presenças. O que confirma as propriedades do enunciado reitor *Sem dor, sem ganho*, que tem como propriedade a rigidez e, ainda, um viés de solitude que não contempla outros sujeitos, outras possibilidades e outros enunciados que digam o contrário. Por fim, em termos foucaultianos, é lícito afirmar que a regularidade deste enunciado liga-se de forma cabal ao enunciado reitor, e sua raridade está no fato de que sua inserção nesta formação discursiva diz respeito à reprodução da lógica impositiva.

TEXTO 2

Figura 13 – Post 3



Fonte: ig @monstrosbr - Acesso em: 11/02/16.

No plano verbal deste texto, o sujeito é convocado a fazer por si mesmo (pelo seu corpo) o que pode e o que deve. É convocado a assumir uma postura ativa (e combativa) independentemente dos embates que possam aparecer ou interferir em sua prática. Tais embates podem ser observados no verbal que traz, como no texto 1, outros pontos de vista. O verbo no imperativo associado aos pronomes por preposições indica, de acordo com o contexto, o motivo (o próprio sujeito) pelo qual o treino deve ser realizado. Com isso, perspectivas diferentes são trazidas para o texto, pois são elas que justificam um olhar sobre si e para si. Trata-se, novamente, de polifonia linguística, isto é, da presença de outras vozes que são trazidas para o

enunciado que alicerçam a própria enunciação relativa à lógica liberal e heroica que atravessa a prática.

Interessa observar também o direcionamento semântico que o vocábulo *resto*, contido na oração “o resto não importa”, atribui ao texto. Se considerarmos sua definição lato sensu, não faz referência a pessoas, mas no texto seu uso abrange pessoas, isto é, ao dizer que o treino deve ser realizado sem considerar a importância do resto, o aforizador inclui coisas, circunstâncias, mas também pessoas que representariam as perspectivas discordantes da prática. O que detona um subentendido: o *resto* (pessoas, doenças, questões financeiras, intercorrências da vida etc.) são empecilhos para uma prática bem-sucedida. Assim, estamos diante do fenômeno denominado como negação polêmica por Ducrot (1987) já que o advérbio não, que integra a oração, combate uma voz que diria: “o resto importa”.

Verbal e não verbal, como afirma Lagazzi (2009), se complementam, interagem e reafirmam o viés de sentido do enunciado reitor. O verbal, taxativo no que tange à conduta que deve ser adotada pelo construtor de músculos, aliado ao não verbal, cuja figura do bodybuilder simboliza o desprezo, associam-se para a formação do enunciado (post) que é uma derivação do enunciado reitor. Em sua totalidade o enunciado personifica o aspecto empresarial dos nossos tempos, ou seja, personifica um perfil de sujeito que ignora os descaminhos relativos à vida, personifica um perfil de sujeito que, literalmente, dá as costas para os desvios da vida. Por fim, é possível afirmar que este enunciado funciona como uma convocação para que o sujeito marche, de forma individualista, em busca do seu empreendimento (corpo) e em busca de uma moral que o enquadre no grupo sem que isso implique em uma relação com o outro e com o mundo.

TEXTO 3

Figura 14 – Post 4



Fonte: ig @monstrosbr - Acesso em: 26/01/16.

Na esfera verbal, o post é composto por um enunciado cujo viés é imperativo. Por sua constituição, é possível afirmarmos que o mesmo se associa ao campo da autoajuda. O não verbal é representado por uma mulher que pratica o denominado abdominal invertido com acréscimo de duas anilhas²¹ para intensificarem o exercício. Isso evoca o ideal de força, já que esta modalidade do exercício apresenta um alto grau de complexidade para ser executado.

A relação entre os verbos no imperativo (*lute-seja-esqueça*) é de chamamento e também de ordenamento. Os dois primeiros verbos, *lute* e *seja*, determinam as ações que o sujeito deve empreender para alcançar o sucesso, para realizar seu projeto de produção corporal. Neste âmbito enunciativo, os vocábulos implicam ações ligadas à adoção de uma postura ativa, de uma postura de recuperação de si mesmo para erguer e manter um corpo que é símbolo de virtude. Interessa observar que o verbo *seja* assume um viés semântico não essencialista, isto é, assume uma força de ação que não lhe é inerente, se observamos as gramáticas e as próprias questões semânticas. Já o verbo *esqueça* atua de outra forma, pois a associação ao pronome indefinido modifica o viés semântico. Observamos, então, uma relação de ordenamento. O sujeito é interpelado por uma ideia que impõe a adoção de uma postura egoica, pois o outro é retirado da cena, já que um presença discordante não é condizente com os princípios norteadores da prática.

²¹ Aro de ferro, cujo peso é variável, usado para diferentes tipos de exercícios de musculação. Há anilhas que pesam 1 quilo e outras que pesam 25 quilos.

Verbal e não verbal “discursam” juntos. O conglomerado discursivo que formam traz a ideia de sacrifício, de força, pois *lutar*, no enunciado, é superar dificuldades que dizem respeito à execução dos exercícios e excluir as diferentes ordens. *Ser* você mesmo não é manifestar somente uma personalidade ou um perfil pessoal, mas em conformidade com a enunciabilidade desta prática discursiva, é adotar o perfil empresarial e também heroico necessário para a edificação e manutenção do corpo e de um dado status de sujeito. A imagem que ancora o verbal nesta prática discursiva mostra isso. Realizar este exercício não é só ultrapassar um limite físico, é também andar em uma via distinta, é andar em uma via em que poucos andam. Logo, e *esquecer* os outros não é desprezar a presença alheia, mas neutralizar suas vozes e desprezar qualquer vínculo que possa existir entre sujeitos.

Por fim, vale destacar que a voz do aforizador repele outra voz que tem uma perspectiva distinta, isto é, que possivelmente critica o estilo de vida ou tipo de exercício praticado. O ideal propagado pela comunidade, o ideal semântico detonado pelo enunciado reitor *sem dor, sem ganho* aparece desta forma. O que se busca ressaltar são as dores que a adoção deste estilo de vida provoca, porém o que está em voga é um estado de espírito em que a assunção de si mesmo é o único elemento norteador na produção do corpo e na produção de um modo de vida. Trata-se do processo de conquista do corpo, se consideramos a natureza desta prática discursiva, mas se trata também de um modo de transitar pelo mundo em que performance e competição sejam as molas propulsoras.

TEXTO 4

Figura 15 – Post 5



Fonte: ig @monstrobr- Acesso em: 22/02/17.

O plano não verbal do texto é composto pela figura do fisiculturista Phil Heath, um dos maiores campeões americanos neste esporte, que venceu a maior e mais prestigiada competição da categoria, o Mr.Olympia, por sete vezes. A postura de enfrentamento, a musculatura exposta e o semblante compenetrado do atleta validam o verbal no universo de sentido em questão.

O verbal, por sua vez, tem seu sentido conduzido pela combinação entre o verbo no imperativo (continue) e os vocábulos que remetem ao individualismo. Uma análise que se pautasse somente nos sentidos explicitados pela autodenominação deste campo discursivo conceituaria este plano como prototípico, já que a materialidade linguística diz respeito à motivação, à evocação da persistência e da força. Mas, ao extrapolarmos o âmbito verbal e o relacionarmos às verdades concernentes à lógica neoliberal, observamos a presença de sentidos impositivos e individualistas. A relação entre o substantivo *única*, a expressão *vale a pena* e o pronome de tratamento *você* convocam as ideias de força e de garra em um âmbito micro, já que a enunciação aponta para o indivíduo e não para uma totalidade. Isso coloca o sujeito em relação consigo e pressupõe a exclusão do outro. Não se trata somente de desprezar a existência do outro ou de se bastar na luta pela obtenção do corpo, mas de desqualificar qualquer subjetividade ligada a outros universos de vida. Os vocábulos, capturados pelas verdades inerentes a este universo, passam a

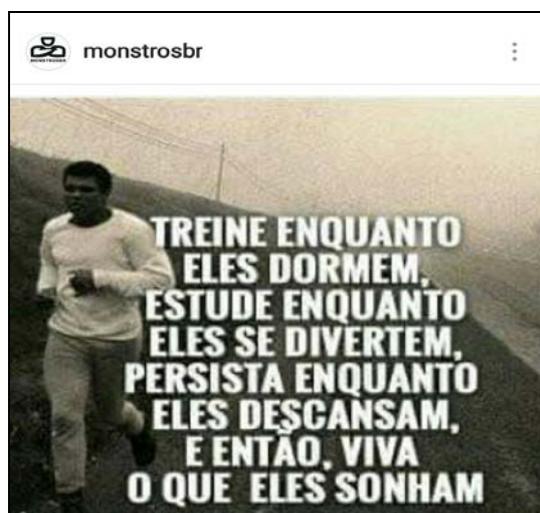
pertencer ao mesmo exatamente pelo fato de terem potencial semântico para veicular verdades excludentes.

Os sistemas semióticos, por fim, se relacionam, se validam, se revalidam e se ressignificam para cumprir um projeto discursivo inerente às verdades do empreendedorismo de si mesmo. As diferentes materialidades, segundo Lagazzi (2009), não se complementam, se relacionam pela contradição, pois cada materialidade tem sua incompletude e sua aparente não relação com a situação enunciativa. A conjugação de ambas forma um conglomerado, mas também um ir e vir discursivo em que o verbal se revalida pelo não verbal e, simultaneamente, o não verbal se revalida, se atualiza pelo verbal. A regularidade do não verbal, que nos textos aqui analisados são expressões corporais e/ou faciais dos indivíduos, traz o verbal para o âmbito discursivo em questão, ao passo que o verbal atualiza e revalida o não verbal. Cada sistema semiótico é impregnado pelas peculiaridades do outro para formar o bloco de sentido relativo à prática discursiva. O enunciado reitor *sem dor, sem ganho* tem aqui sua representação a partir da feição de obstinação do fisiculturista, que aqui vira o personagem de uma cruzada empreendedora; e a partir de um verbal que conclama uma marcha.

Esses sistemas semióticos trabalham em prol de um chamamento. É possível inferir os seguintes enunciados: *“Continue marchando! Continue lutando!”*, *“Esqueça os desqualificados!”*, *“Suas qualidades são únicas. Lute para aprimorá-las!”*. Tal detecção diz respeito ao que Ducrot (1987) chama de subentendido, fenômeno semântico-pragmático que “resulta de uma reflexão do destinatário sobre as circunstâncias de enunciação” (p.25). Ou seja, a circunstância de enunciação é produzida pelas verdades da lógica empresarial que engendram a performance e a responsabilidade do sujeito, única e exclusivamente, sobre si mesmo. Os subentendidos estão, portanto, inegavelmente, subjacentes ao enunciado explícito. Aliás, não há como ser de outra forma, pois o que é literal produz um primeiro efeito relativo à denominação motivacional, mas os conteúdos da formação discursiva e do enunciado reitor colocam em evidência sentidos que dão ao enunciado o aspecto de raridade.

TEXTO 5

Figura 16 – Post 6



Fonte: ig @monstrobr- Acesso em: 07/09/16.

O funcionamento verbal deste enunciado está pautado na interação entre os verbos no modo imperativo, o vocábulo que marca uma relação temporal e os verbos que atuam em oposição semântica aos primeiros. A combinação *treine-estude-persista-viva* forma um bloco semântico relativo a ações. Estão no modo imperativo e advogam não só uma mudança de conduta, mas também separam o sujeito praticante da modalidade daqueles que não a praticam. Já a interação entre os verbos *dormem-divertem-descansam-sonham* forma um bloco relativo a repouso ou a atitudes não performáticas. O advérbio *enquanto* marca uma relação temporal de simultaneidade, entretanto, sua função não se restringe a isso. Tal relação coloca em suspensão ações concomitantes que, na verdade, separam os sujeitos no que se refere às ações e, por conseguinte, ao modo como transitarem no mundo.

No plano não verbal, a figura do pugilista Muhammad Ali correndo em uma estrada sugere a corrida ininterrupta que o sujeito precisa empreender para obter seu corpo hipertrofiado.

Os dois sistemas semióticos interagem pelas similitudes de sentido, mas também pelas diferenças, ou, como afirma Lagazzi (2009), pela incompletude inerente a cada um deles. O movimento do pugilista na imagem pode interagir com qualquer enunciado cujo viés semântico esteja atrelado à obstinação, à conquista de objetivos. Já a materialidade linguística interage com o não verbal na medida em

que sua dimensão simbólica é representada. A imagem de um pugilista para retratar condutas que devem ser adotadas por fisiculturistas, ou por qualquer um que adote tal estilo de vida, simboliza não só um investimento sobre o corpo, mas um investimento ético. Ou seja, as duas materialidades sustentam uma temporalidade que está ancorada na qualificação de uns e na desqualificação de outros.

É possível afirmar que este enunciado funciona como uma resposta ao enunciado reitor *Sem dor, sem ganho*, pois os comandos que são dados a uns e as constatações que são feitas em relação a outros confirmam o viés semântico da máxima, isto é, só quem está disposto a sentir dor (treinar, estudar e persistir) ganhará (viverá) o sonho do corpo hipertrofiado. O tom proverbial, a voz uníssona de um aforizador que incentiva o sujeito, confirma o viés de trivialidade da prática discursiva, mas, acima de tudo, evidencia uma lógica de produtividade que faz do sujeito uma máquina de produzir corpos, coisas e condutas em detrimento de uma produção saudável de si mesmo.

TEXTO 6

Figura 17 – Post 7



Fonte: ig @monstrosbr - Acesso em: 19/03/17.

A interação entre a forma verbal no modo imperativo e a oração que faz referência ao sujeito leva o enunciado para o patamar de um ordenamento de vida.

Não é a ordem do imperativo, é uma ordem de mundo, é a ordem do empreendimento. Interessa observar que os vocábulos *você* e *único* evidenciam as questões individualistas, isto é, não há relação com nada e nem com ninguém.

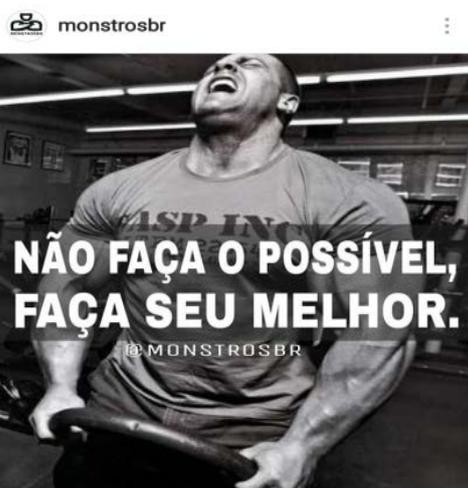
No plano não verbal, a imagem de Dwayne Johnson, ator e ex-jogador de futebol americano universitário, olhando-se fixamente no espelho sugere um sujeito que está encarando seus temores, suas fraquezas.

Estes planos interagem e se organizam em função da relação de enfrentamento. O que se destaca no post é a necessidade de o sujeito enfrentar e extirpar o que não coaduna com sua busca pelo empreendimento (o corpo). Se recuperarmos a ideia de árvore de derivação enunciativa proposta por Foucault (2016, p.180), que diz respeito à formação que condensa enunciados gerados por um dado princípio, podemos confirmar que este enunciado está na esteira do enunciado reitor *sem dor, sem ganho* na medida em que a superação pode ser compreendida como a dor da reforma, a dor da luta contra o que tira o sujeito do foco, da estrada que o leva à obtenção do sucesso. Este enunciado funciona como um acréscimo do enunciado reitor, porque possibilita a dedução do seguinte enunciado: “Supere a dor de ser fraco”, quer dizer, *sem dor* (sem luta para se livrar do que atrasa) *sem ganho* (sem força para ser um campeão de si mesmo). A detecção deste implícito ocorre devido às condições de produção que possibilitam que façamos um percurso para apreendermos o que está implícito, oculto devido ao próprio regime enunciativo que se apresenta de uma forma, mas permite que vejamos outras, pois em uma análise enunciativa é preciso “[...] interrogar a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz [...]” (Foucault, 2016, p.136).

Estamos, portanto, diante de um texto que convoca a esfera da autoajuda. Esfera que, por sua vez, convoca discursos oriundos de lugares enunciativos ligados às questões imateriais da existência humana. Logo, o texto, a partir da ressignificação das ideias e do *modus operandi* desta esfera discursiva, funciona ancorado na trivialidade para propagar princípios que não deveriam fazer parte do habitual.

TEXTO 7

Figura 18 - Post 8



Fonte: ig @monstrobr – Acesso em: 06/09/17.

O plano verbal é ordenado pelas duas formas do modo imperativo: a negativa e a afirmativa. A interação entre estas formas e os vocábulos que se referem à qualidade das ações dos sujeitos coloca o enunciado, em sentido amplo, no patamar do aconselhamento.

Na dimensão não verbal, a imagem de um atleta, executando o exercício denominado elevação frontal com anilha, que trabalha o músculo deltóide, mostra o esforço necessário para a realização do movimento, pois o peso da anilha se intensifica durante a realização da prática o que requer o recrutamento de muita força por parte do indivíduo que o realiza.

As duas materialidades interagem e se transformam em um único texto na medida em que, primeiramente, o não verbal realoca o verbal. O não verbal, que plastifica o sacrifício, a dor e a superação, ancora o verbal, atribui ao mesmo o pertencimento a esta formação discursiva. O verbal, que poderia fazer parte de outras formações discursivas, se enquadra aqui porque abarca o trivial dos aconselhamentos, mas ligado às malhas da lógica que perpassa esta formação discursiva, generaliza a busca incessante pelo corpo.

Já o não verbal se liga ao verbal por evocar (e confirmar) o ideal de sacrifício presente no enunciado reitor. O enunciado (post 8), na árvore de derivação enunciativa, funciona como reforço para o enunciado reitor. O sujeito aqui não é impelido à ação, mas à adoção de uma conduta cujos limites são desconsiderados.

O que está subjacente ao enunciado, portanto, não é uma sugestão. É possível, então, captar um aforizador autoritário, que dirige ao outro uma enunciação unilateral, é uma enunciação que não está no campo da ordem, pois esta pressupõe a participação do outro. O corpo hipertrofiado aparece como uma conquista, pura e simplesmente, oriunda do esforço, o que faz remissão à ideia de meritocracia em que dedicação e esforço são considerados os únicos vetores para o alcance dos lugares desejados. Por fim, estamos diante de um enunciado que apresenta o rastro do cerceamento de possibilidades, pois, aqui, *fazer o melhor* não é potencializar habilidades, mas impelir o sujeito a agir na via da lógica liberal.

TEXTO 8

Figura 19 – Post 9



Fonte: ig@monstrobr – Acesso em: 15/03/16.

O plano verbal do enunciado, de tom proverbial e sentencioso, mescla ordens diretas e advertências. Sua constituição, inclusive, permite compreendê-lo como uma paráfrase do ditado popular: *Diga-me com quem andas e te direi quem és*. Este plano desencadeia alguns subentendidos: “Se o indivíduo anda com quem tem outros objetivos, não atingirá sua meta.”, “Os objetivos do outro podem ser deletérios

ou podem atrasar sua marcha.”, “Os objetivos do outro podem não contemplar uma corrida ininterrupta.”

No que tange ao plano não verbal, vemos dois sujeitos com corpos hipertrofiados e olhares fixos para frente como se estivessem interpelando alguém, ou melhor, cobrando uma atitude de alguém. Este plano é atravessado pela agressividade já que os indivíduos que o compõe apresentam semblantes fechados que parecem exigir uma decisão leitor.

A interação e a complementação entre as materialidades estão atreladas ao fato de que o linguístico, dependendo das condições de produção, pode ou não representar uma imposição, enquanto o não linguístico personifica a imposição. Os semblantes dos sujeitos e os seus corpos grandes, hipertrofiados funcionam como elementos intimidadores, já que ordenam os potenciais relacionamentos que os sujeitos deveriam ter para seguirem na empreitada corporal.

No âmbito linguístico, podemos recuperar novamente a tese de Ducrot (1987) sobre os subentendidos. O linguista afirma que todo enunciado com subentendido possui um “sentido literal”, ou seja, um sentido explícito, captado pela materialidade linguística apresentada. Todavia, quando tratamos de discurso, instância marcada pela relação entre língua e história, não lidamos somente ou necessariamente com o dito. Quando lidamos com uma formação discursiva como esta, que apresenta uma denominação e se apresenta por meio de textos que confirmam tal denominação, os sentidos não se confirmam no dito, mas no não dito. Não queremos com isso dizer que o subentendido é uma estratégia de manipulação, pois “o subentendido permite acrescentar algumas coisas “sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita.” (p.19)

Assim, a propagação de valores neoliberais ocorre no fluxo do implícito que, por sua vez, se dá por meio de uma enunciação familiar. O que demonstra ser uma estratégia de captação. Por fim, reafirmarmos que estamos diante de um enunciado impositivo que mostra, como em outros analisados, um incômodo com a diferença.

TEXTO 9

Figura 20 – Post 10



Fonte: ig @monstrosbr – Acesso em: 15/12/17.

Em sentido amplo, o plano verbal do enunciado abarca o tom de aconselhamento, todavia o verbo no modo imperativo atrelado aos outros elementos verbais confere ao mesmo enunciado um tom impositivo. Há, portanto, um ordenamento indireto. Já o plano não verbal traz a figura de um bodybuilder/ fisiculturista que demonstra incômodo com a comida que lhe é oferecida. Mas cabe, aqui, um adendo. O mesmo parece se encontrar em um restaurante, o que causa estranhamento já que o fast food não faz parte dos gêneros alimentícios consumidos por estes atletas. Possivelmente, a fotografia foi feita no chamado dia do lixo, dia em que os atletas ou aqueles que adotam a prática saem da dieta e comem hambúrgeres, bebem refrigerantes para manterem o equilíbrio do organismo. O fato é que a postura do atleta compõe a cena enunciativa e, conseqüentemente os sentidos pretendidos.

A relação entre o verbal e o não verbal é da ordem da visão. A relação entre o verbo *retira* e o substantivo *cena* atrelada à imagem do atleta cobrindo os olhos coloca o enunciado na ordem simbólica da visão seletiva, oriunda do campo da conduta. Nesse sentido, há uma relação com o que Foucault (2014) trata no segundo volume de *A história da sexualidade*. Ao analisar as restrições e os direcionamentos dados às práticas sexuais entre os gregos, o filósofo ressalta que a austeridade se relacionava, entre outras coisas, à temperança, ou seja, ao equilíbrio que o sujeito deveria ter em relação ao sexo, o equilíbrio pelo qual o indivíduo

deveria lutar para adotar práticas condizentes com um código de conduta. O mesmo se dá neste enunciado. Retirar de cena os alimentos inadequados e cobrir os olhos são atitudes de temperança, de equilíbrio. Ao agir assim, o bodybuilder estaria se submetendo a um princípio de conduta, a um princípio determinado pela prática do fisiculturismo e pela prática discursiva. O enunciado, por fim, apresenta uma proximidade com um trocadilho, se compararmos os vocábulos *retira* e *tira*; guarda ainda semelhança com o ditado popular “O que os olhos não veem o coração não sente”. Isso o ancora no aspecto trivial a que se liga a prática.

O sujeito, portanto, é interpelado a se conduzir. O enunciado contempla, como dissemos em linhas anteriores, uma dimensão prescritiva que impele o sujeito a adotar o equilíbrio que o vinculará ao universo do fisiculturismo. A forma trivial pela qual o sujeito é chamado mostra a natureza da prática discursiva e, conseqüentemente, uma concepção de produção de corpo e de sujeito, isto é, ter um corpo hipertrofiado e ser um sujeito equilibrado (nesta prática discursiva, um sujeito que faz tudo para professar um certo heroísmo) está ao alcance de todos.

TEXTO 10

Figura 21 - Post 11



Fonte: ig @monstrosbr – Acesso em: 24/01/17.

A dimensão verbal do enunciado é uma paráfrase de “Todos nós devemos sofrer uma dessas duas dores: a dor da disciplina ou a do arrependimento. A

diferença é que a da disciplina pesa gramas, enquanto o arrependimento pesa toneladas.” Este enunciado é atribuído a Emanuel James “Jim” Rohn, empresário americano e palestrante motivacional. Os verbos no imperativo não atuam sozinhos. Seus efeitos de sentido são atravessados pelos vocábulos *disciplina* e *arrependimento* e, ainda, pelo operador argumentativo *ou*.

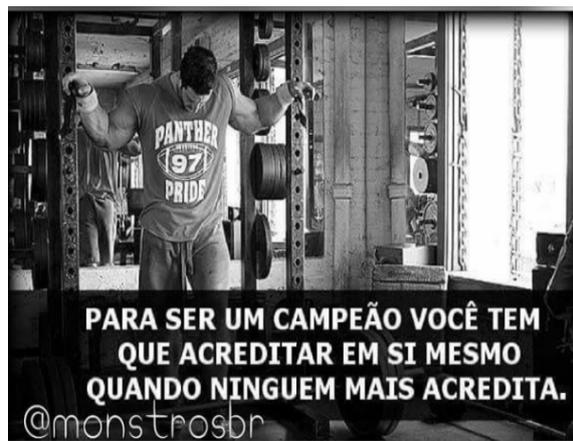
Na dimensão não verbal, a imagem de uma mulher musculosa de pé, sustentando a cabeça com as mãos mostra, na verdade, a imagem de alguém que se apoia em si mesmo em um momento de angústia, em um momento de decisão iminente etc.

O não verbal ancora o verbal na prática discursiva em questão e o verbal inclui o não verbal nas regularidades desta prática. As duas materialidades se conjugam para interpelar subjetividades, pois os vocábulos *disciplina* e *arrependimento* assumem um direcionamento semântico que, em conformidade com os princípios norteadores desta prática discursiva, colocam os sujeitos confrontados em disputa com suas próprias características. Isso significa que escolher a dor da disciplina é escolher o caminho da assunção dos valores que levarão às recompensas (obtenção do corpo hipertrofiado e de uma moral condizente com a perspectiva heroica) e escolher sofrer a dor do arrependimento não é necessariamente uma escolha, mas a consequência de não ter seguido o caminho prescrito para a edificação do corpo-empresa e da moral do herói.

Esta interação permite-nos ligar o enunciado ao discurso religioso. Há um rastro deste discurso constituinte que coloca o sujeito em uma situação de penitência, mesmo antes de ter feito escolhas. A conjugação de imagem e palavra não comportam motivação, mas ameaça a partir dos ecos de um campo discursivo que, historicamente, foi e é capturado por esferas de poder para nortear vidas e prescrever ações. A interdiscursividade, aqui, não só atravessa o enunciado como também atua como um princípio.

Texto 11

Figura 22 – Post 12



Fonte: ig @montrosbr - Acesso em: 28/10/16.

O verbal é exposto por uma frase atribuída ao boxeador Sugar Ray Robinson. Como não encontramos um texto a que este enunciado se vinculasse, consideramos que é possível afirmar que se trata de uma aforização primária como afirma Maingueneau (2010, 2014). O enunciado assume sentido, no universo bodybuilder, devido ao não verbal, que exhibe um indivíduo musculoso cuja postura nos leva a captar o cansaço do mesmo antes ou após a realização de algum exercício. Isso ressignifica o verbal, ou seja, confere ao mesmo o pertencimento a esta comunidade discursiva.

Uma primeira análise poderia nos levar a admitir que este enunciado é motivador, pois a conjugação entre o não verbal que mostra o cansaço de um indivíduo, que não é só físico, e o verbal que direciona o indivíduo se mostram como complementares. No entanto, é necessário observarmos a interação existente em todo o enunciado. Os vocábulos *acreditar* e *acredita* conduziriam uma primeira leitura para o nível do aconselhamento, da motivação, mas os mesmos não atuam isoladamente no enunciado. Quando Maingueneau (2008b) trata da semântica global, assevera que o vocabulário assume estatuto de pertencimento, isto é, a palavra significa em conformidade com a formação discursiva em que aparece, agrega-se às restrições semânticas vigentes. Aqui, os vocábulos citados anteriormente passam a pertencer à comunidade devido ao não verbal que o resgata, mas também devido à relação que estabelecem com o “entorno” enunciativo. O vocábulo *campeão* dá a tônica do objetivo a ser atingido. Isso mostra

que o desejo do sujeito não se equipara ao que é considerado incomum ou extraordinário. Já a expressão *tem que*, um modalizador deôntico, leva o enunciado para outro patamar, uma vez que deôntico (do grego *deo* - conduta) direciona o que deve ser feito, o que, necessariamente ou obrigatoriamente, precisa ser feito para que o sujeito atinja o objetivo pretendido.

Está aí a marca que ancora o enunciado em uma dimensão impositiva. Há o atravessamento da perspectiva neoliberal que incita o sujeito a ser um empreendedor de sua crença. Aqui não só o corpo, mas a moral do sujeito é alvo de uma ordem de mundo. Estamos, por conseguinte, diante de um enunciado em que o verbal dita a ética ideal que levará o indivíduo a adquirir o corpo desejado (hipertrofiado) e o não verbal comporta uma postura (o cansaço), que faz parte da trajetória do ser humano, mas que não é contemplada por esta prática discursiva que se alicerça em um ideal de vida performático.

Como o enunciado reitor, este que analisamos também é categórico. O aforizador se coloca como um legislador de voz inquestionável que aponta para o sujeito um caminho que admite somente a corrida incessante e as ações que o qualificam como herói.

TEXTO 12

Figura 23 – Post 13



Fonte: ig @monstrosbr - Acesso em: 18/04/16.

A perspectiva trazida pelo post se liga à oposição entre força e fraqueza. No âmbito verbal, isso se dá por meio de uma aforização que consideramos primária, por não termos encontrado um texto-fonte a que o enunciado estivesse vinculado. No âmbito não verbal, a imagem de um homem que exhibe as costas e parte dos

braços hipertrofiados e sustenta a face inclinada para frente é o indicativo de uma postura de enfrentamento.

Outra voz é trazida para o enunciado por meio dos vocábulos *obcecado* e *fracos*. A voz dos que possivelmente discordam ou criticam da prática são usadas para sustentar um posicionamento de quem está disposto a seguir todos os passos, a correr todos os riscos para obtenção de um corpo hipertrofiado. O enunciado é sustentado pelo embate entre fraqueza e fortaleza, entre fraqueza e disciplina, pois uma perspectiva distinta da prática discursiva é trazida para o texto para afirmar a posição do aforizador. A presença do vocábulo *fracos* também representa outra perspectiva, ou melhor, a concepção do aforizador acerca do outro. Afinal, o que significa ser fraco na perspectiva de quem adota tal prática esportiva? A fraqueza é necessariamente a ausência de músculos? A presença deste vocábulo realça a voz do aforizador e deixa implícita a informação relativa à ausência de força, de garra e de foco para alcançar o corpo desejado. Tal vocábulo, portanto, atua como elemento de desqualificação do outro. Convocar os *fracos*, neste enunciado, é convocar uma conduta considerada reprovável para sedimentar a voz do aforizador. A polifonia linguística aqui se dá por meio dos vocábulos que indicam condutas e assumem o semantismo inerente à formação discursiva da qual o enunciado faz parte.

Verbal e não verbal se conjugam na medida em que um e outro comportam características semânticas similares. O não verbal não é uma representação do verbal, mas um elemento que o contextualiza. Ao mesmo tempo o não verbal é reconduzido pelo verbal para o universo dos valores que devem ser cultivados a partir do enunciado reitor *sem dor, sem ganho*. Sem a dor do enfrentamento ético, não há como prosseguir no soerguimento e na manutenção do corpo. Há, portanto, uma retroalimentação entre verbal e não verbal, vocábulos e imagem se entrecruzam e personificam a voz de um aforizador cujo tom é sentencioso. O verbal diz e o não verbal ratifica o dito.

TEXTO 13

Figura 24 – Post 14



Fonte: ig @monstrobr - Acesso em: 05/04/16.

O verbal do texto é uma paráfrase de “*Treino não só por um objetivo. É meu estilo de vida*” atribuída a Sergi Constance, famoso bodybuilder e modelo espanhol. Pelo fato de não termos encontrado nenhuma vinculação do enunciado a textos, é possível caracterizá-lo como uma aforização primária. Já o não verbal traz um bodybuilder que executa exercícios na cadeira extensora para trabalhar os quadríceps e apresenta um semblante de dor, de sacrifício. Esta dimensão alicerça o verbal prática discursiva em questão.

O verbal soa como uma resposta taxativa a uma voz que parece criticar ou definir a conduta do praticante da modalidade de forma negativa. Esta voz, indicada pelo advérbio *não*, traz o fenômeno da negação polêmica definido por Ducrot (1987), que se dá, como explicamos em linhas anteriores, quando um enunciador se opõe a outro que não aparece explicitamente na cena enunciativa, mas é captado por meio de índices linguísticos. O que observamos no post lido é uma voz que parece afirmar a obrigatoriedade do treinamento ou a submissão por parte do sujeito praticante da modalidade. Nesse sentido, ao asseverar que o sofrimento faz parte de uma forma particular de transitar pela vida e, ainda, que é uma escolha, são colocados em cena, através da resposta que aparece por meio da aforização, o ponto de vista do aforizador e o ponto de vista antagônico. Tal resposta mostra o que faz do bodybuilder um integrante de uma comunidade discursiva que advoga e milita pela força, pela persistência, já que esses produzem textos que estão atrelados a um modo de existência.

Na relação entre verbal e não verbal, há uma similitude, já que o vocábulo *obrigação* e a expressão *meu estilo de vida* estão aliados à imagem em que a expressão de força e de persistência predomina. Todavia, a relação não é só de semelhança entre os sistemas semióticos, mas de reforço, pois a imagem não só ratifica como também valida o dito. Não há somente uma contextualização do verbal pelo não verbal; há, acima de tudo, um encadeamento que se dá entre ambos para reafirmar o rigor do enunciador reitor. Ou seja, a dor, neste enunciado, é um elemento natural deste estilo de vida que ocasiona ganhos.

Por fim, interação entre o ponto de vista concernente ao eixo da prática discursiva e um ponto de vista distinto volta-se para a constituição de um sujeito que se intitula dotado de um estilo de vida que o qualifica e, simultaneamente, desqualifica o outro, aquele que, possivelmente emite julgamentos relativos à prática ou não pertence ao mesmo universo de práticas e de sentidos.

TEXTO 14

Figura 25 – Post 15



Fonte: @monstrosbr - Acesso em: 18/03/16.

O plano verbal do texto é composto pelo verso da canção denominada *Sereníssima* de composição de Renato Russo. Na canção, este enunciado interage com outros para tratar do término de um relacionamento. Assim, como define

Maingueneau (2008a, 2014), temos um aforização secundária, isto é, uma aforização decorrente de um destacamento. Interessa salientar que os vocábulos que sustentam o sentido do enunciado formam um bloco, mas podem ser analisados em pares, pois comportam um viés opositivo.

Os verbos *sonhava* e *durmo* dizem respeito à perspectiva acional convocada pelo enunciador. O viés semântico dos verbos está aliado ao sentido conotativo da linguagem, visto que o trecho pertence ao gênero canção cujo viés é poético. As ações que o aforizador expõe são inerentes à mudança de perspectiva. É mais do que mudar de atitude para alcançar o corpo desejado, é mudar de perspectiva de vida, é passar da projeção para a ação, para o trabalho incessante que propicia o alcance do objetivo. Os advérbios *antes* e *agora* também atuam como marcadores desta mudança de perspectiva, sustentam uma ideia de tempo que não é cronológico, mas enunciativo. Esta temporalidade indica a mudança que o sujeito empreendeu em sua conduta. Estes vocábulos funcionam com o mesmo viés de sentido do ANTES E DEPOIS usados nas transformações evocadas para mostrar as mudanças de visual, as mudanças ocasionadas pelas cirurgias plásticas, pelas dietas para emagrecimento etc.

O sentido conotativo dos verbos sustentado pela ideia de mudança trazida pelos advérbios *antes* e *agora* leva o enunciado para um universo quase onírico, em que o enunciador narra, implicitamente, sua trajetória, sua epopeia em busca do ideal, o corpo hipertrofiado. Considerando, então, o tipo de destacamento, o texto-fonte a que pertence o enunciado e o viés semântico dos vocábulos, é possível afirmar que o enunciado verbal forma um conglomerado semântico que faz remissão à esfera literária. Desse modo, um fio de discurso constituinte, nas palavras de Maingueneau (2008a) ou, ainda, de discurso fundamental, criador, nas palavras de Foucault (2009) está presente na enunciação, o fio de uma enunciação que se dá como autogestora, que alicerça um viés de sentido do trabalho incessante, do trabalho por si mesmo e para si mesmo como a única fonte de sucesso. É importante, ainda, observar que o enunciado, por ter um potencial para o destacamento, foi transposto para a prática discursiva, porém sua reconfiguração não diz respeito somente à entrada em outra esfera discursiva, mas ao próprio enunciado que tem um potencial semântico produtivo, por isso a “recontextualização ativa potencialidades semânticas incontrolláveis” (Maingueneau, 2014, p.31). Isso

quer dizer que uma aforização pode produzir sentidos distintos em conformidade com as condições de enunciação.

Estas peculiaridades do verbal se dão em consonância com o não verbal. No plano imagético, um homem musculoso, preparando-se para realizar o exercício denominado supino reto e exibindo sua musculatura ressignifica o verbal, mas o que se relaciona exclusivamente ao verbal é o rosto, ou melhor, o apagamento do mesmo. Isso é significativo, neste contexto, pois é indício de que qualquer sujeito pode adotar a perspectiva performática e “trabalhar” em prol do corpo desejado. Não é incoerente, inclusive, afirmar que o apagamento deste rosto faz remissão às massas que são capturadas pelas políticas de vida, já que as massas é que mantêm esta engrenagem em funcionamento.

Assim, estamos diante de um enunciado que, na árvore de derivação enunciativa, se relaciona com o enunciado reitor através do mesmo viés sentencioso. Estamos, então, diante de um aforizador que relata sua experiência de transformação, de saída do casulo. Estaríamos diante de um aforizador que diz: “Sem a dor da transformação não há ganhos”.

TEXTO 15

Figura 26 – Post 16



Fonte:ig @monstrosbr – Acesso em: 18/04/17.

O plano verbal do post traz um enunciado atribuído ao empresário e escritor Emanuel James "Jim" Rohn ou simplesmente Jim Rohn cujos livros relacionavam-se

ao desenvolvimento pessoal. Já o não verbal insere o verbal na prática discursiva ao trazer a imagem de um sujeito musculoso.

O sentido suscitado pela relação entre o verbal e o imagético está ancorado na advertência, ou melhor, na repreensão. No campo vocabular, o par *disposto a arriscar* e *disposto a uma vida comum* indicam o fio condutor do sentido global do enunciado na medida em que o primeiro elemento verbal do par é colocado como condição e o segundo como consequência do descumprimento da mesma. O vocábulo *disposto* coaduna com o campo discursivo convocado pois assume dois sentidos. No primeiro enunciado, o sentido é de inclinado e no segundo, de preparado. Depreende-se, então, um aforizador que aponta o dedo para o sujeito. Não à toa, a imagem traz um sujeito que, embora musculoso, sustenta a postura de quem ouve, contrariado ou submisso, uma repreensão. Expressão corporal e palavra se integram para formar o bloco de uma enunciação aforizante que comporta o eixo semântico contundente do enunciado reitor, isto é, os sentidos estão na composição entre a imagem e a palavra, como afirma Lagazzi (2009).

Cabe, por fim, destacarmos o papel do vocábulo *comum*. Como as palavras não têm uma significação a priori em Análise do discurso, mas um sentido que se conforma à formação discursiva a que se liga, este vocábulo traz à baila questões ligadas ao modo de vida empresarial, uma vez que ter uma vida comum, nesta condição de produção, é ter uma vida não alinhada a princípios arrojados. O sujeito que tem uma vida dita comum não vive o extraordinário do universo existencial em que o desempenho e o risco dizem quem ele é.

Em conclusão, é possível depreender uma ordem que se expressa através do enunciado “Arrisque-se”. O subentendido, vinculado à lógica que atravessa a prática discursiva, permite que a verdade que perpassa a prática seja enunciada de forma teatralizada.

TEXTO 16

Figura 27 – Post 17



Fonte: ig @monstrosbr Acesso em: 04/03/16.

O enunciado é composto, no plano verbal, por uma aforização secundária cujo texto-fonte não pôde ser confirmado. Em pesquisas realizadas, encontramos uma indicação de que teria sido escrita pelo jornalista Caio Fernando Abreu, mas não tivemos êxito na confirmação. O fato é que a aforização está no nível do cotidiano. O verbal, pelo modo como é constituído, traz à tona as aforizações proferidas nas circunstâncias mais corriqueiras de nosso intercâmbio social. Se pensarmos no pertencimento dos vocábulos, temos que considerar o par *dá um jeito* e *arranja uma desculpa*. Se consideramos as coerções semânticas que circundam a prática discursiva, *dar um jeito* está no âmbito das resoluções arranjadas, liga-se às resoluções de qualquer adversidade. Por isso, assume o estatuto relativo à trivialidade que a prática advoga. A oração *Arranja uma desculpa* assume o estatuto de recriminação, pois arrancar uma desculpa, na conceituação desta formação discursiva, é não se alinhar à lógica que propaga a comunidade discursiva. Logo, há uma oposição implícita entre as condutas adotadas por sujeitos. O aforizador enaltece quem quer e recrimina quem não quer.

O plano não verbal traz dois sujeitos que exibem músculos e praticam a musculação. Observamos que os homens estão em um ambiente com poucos recursos, tanto que a aparelhagem é improvisada. Assim, o verbal é inserido na formação discursiva por este sistema semiótico que propicia uma enunciação ligada à meritocracia. Enquanto o verbal impõe um modo de vida, o não verbal mostra que,

para vivenciar este modo de vida, ligado à vitória, o sujeito tem que desconsiderar os impeditivos.

O enunciado faz parte da árvore de derivação enunciativa na medida em que é atravessado pelo conceito de trivialidade. *Dar um jeito* de ter um corpo hipertrofiado ou *arranjar desculpa* para não tê-lo seriam ações corriqueiras. O enunciado reitor aparece aqui na forma de uma acusação, o que afasta a ideia de motivação que etiqueta esta prática discursiva.

TEXTO 17

Figura 28 – Post 18



Fonte: ig @monstrosbr - Acesso em: 02/03/17.

Aqui, o vocábulo *dor* conduz o sentido do plano verbal. Este vocábulo captaria sujeitos por se adequarem à proposta da prática discursiva, que é a motivação. Ocorre, no entanto, que o vocábulo é qualificado a partir das orações *que te machuca* e *que te faz mudar*. Tal qualificação já encaminha para dadas concepções, pois, lado a lado, os pares detonam outro enunciado. É como se o aforizador dissesse: “Escolha sofrer sem motivo ou escolha sofrer para crescer”. Há, portanto, o fenômeno do subentendido que, de acordo com Ducrot (1987), é a detecção de uma informação que não é assumida pelo locutor, aqui aforizador, como já explicado

antes. O subentendido é interpretado, ainda segundo o linguista, conforme leis que, aqui, podemos compreender como as coerções impostas pelo próprio discurso.

Aliando-se a este plano, há o não verbal que insere o verbal no universo do bodybuilding, mas também compõe o enunciado (post). Este plano material traz um homem musculoso cuja relação entre sua expressão facial atenta e sua musculatura definida complementa e interage com o verbal. A expressão facial sugere a atenção ao dito e a musculatura, a opção a ser feita: o crescimento.

Assim, o enunciado conforma-se ao enunciado reitor *Sem dor, sem ganho* por abarcar um viés taxativo. O aforizador mostra-se como um repressor que coloca o sujeito contra a parede para que escolha. Além disso, tal escolha não indica somente o que irá ser feito, mas também a conduta dos sujeitos. A dor escolhida indicará se o sujeito pertence ao grupo dos que empreendem a si mesmos ou ao grupo dos que vivem uma vida dita comum. Está subentendido também o fato de que o sujeito precisa captar a potência da dor para alavancar seu caminho. O objeto da prática aparece como fruto de uma simples opção e o sujeito como alguém que simplesmente escolhe como se não houvesse outras relações envolvidas no processo.

TEXTO 18

Figura 29 – Post 19



Fonte: ig @monstrosbr Acesso: 08/11/16.

O post, no âmbito verbal, é composto por um enunciado proferido pelo personagem Vito Corleone (Don Corleone), chefe da máfia no filme *O poderoso chefão*. O vocábulo *grande* norteia o sentido do plano verbal do enunciado devido à repetição e ao viés semântico que cada uma delas desencadeia.

No âmbito não verbal, há o destaque nas costas de um indivíduo cuja musculatura é hipertrofiada. O mesmo está executando o exercício denominado puxada na polia alta que trabalha exatamente parte deste grupo muscular.

No primeiro bloco da esfera verbal, o vocábulo *grande* é afetado pelo modalizador avaliativo *realmente* que, discursivamente, desencadeia o fenômeno da polifonia, pois rebate o ponto de vista de um enunciador que teria afirmado a grandeza do corpo ou da conduta, o vocábulo *grande* aparece em uma oração que nega o *a priori*, nega, na verdade, um antes em que o sujeito teria um corpo grande (hipertrofiado) e uma conduta grandiosa. No terceiro bloco, a presença da forma verbal *tornam-se*, indicadora de mudança de estado, insere o fenômeno da pressuposição, outra forma de veiculação de informações implícitas definida por Ducrot (1987). Esta marca explícita (põe) a informação relativa à grandeza do sujeito e subjaz (pressupõe) uma grandeza que não existia o que confere ao vocábulo *grande* um aspecto processual. Nas três ocorrências, o sentido do vocábulo oscila entre o padrão físico e o padrão de caráter, oscila entre um antes e um depois. Há uma dêixis enunciativa que supõe mudanças de cunho físico e de cunho ético, um antes e um depois que mostram o físico e a conduta.

A interação entre as materialidades segue, inicialmente, o fluxo das outras leituras que fizemos. O não verbal atualiza o verbal na prática discursiva em questão. Já o verbal produz uma espécie de narrativa para o não verbal. Os dois sistemas semióticos convocam a grandeza, mas, simultaneamente, intercambiam o patamar desta grandeza, há a coexistência entre *grandeza física* x *grandeza moral*.

O enunciado (post) apresenta, portanto, uma enunciação inerente ao processo que é o da produção, da construção e do investimento incessante sobre o corpo e sobre a conduta. Destacamos, finalmente, que o potencial universalizante do enunciado o enquadra na perspectiva desta formação discursiva. É possível afirmarmos, ainda, que o tom de grandiloquência do enunciado permite que o mesmo seja aliado ao discurso filosófico, considerado como discurso criador ou fundamental por Foucault (2009) ou como discurso constituinte por Maingueneau (1995, 2008a, 2010), pois permite que a enunciabilidade da prática se dê em conformidade com questões que pairam acima de todos, que parecem ser comuns a todos. Portanto, é possível afirmar que o aforizador age como um filósofo que, ao proferir sua máxima, ameniza a rigidez do enunciado reitor e apela para a reflexão que o outro pode realizar. O sujeito, então, é interpelado pela conduta e não pela força.

TEXTO 19

Figura 30 – Post 20



Fonte: ig @monstrobr - Acesso:26/01/17.

O sentido da dimensão verbal do enunciado é orientado pelos vocábulos *sorte*, *raça* e *constância*. Esta tríade sustenta um embate que se manifesta através da relação entre negação e afirmação. A polifonia é desencadeada no enunciado pelo vocábulo *não* que coloca em cena uma voz cujo ponto de vista sustenta a ideia de que o corpo hipertrofiado é fruto do acaso ou de alguma particularidade que certos indivíduos têm e outros não. A resposta, trazida pelos vocábulos *raça* e *constância*, rebate tal posicionamento, já que coloca em evidência qualidades do sujeito que empreende o corpo. Os vocábulos assumem estatuto de pertencimento a esta formação discursiva não só porque convocam valores inerentes à pretensa motivação, mas, sobretudo, porque convocam um dado perfil de sujeito que é fundamental para movimentá-la.

A dimensão não verbal apresenta um homem que traz um cinturão, acrescido de uma anilha, preso à cintura. O mesmo encontra-se em pé, mas apoiado no equipamento denominado barra paralela, o que indica descanso ou preparo para a realização do exercício para os bíceps. O homem exhibe sua musculatura, o que traz o verbal para o universo discursivo em questão. Além disso, o semblante do indivíduo, em conformidade com o verbal, não abarca somente a seriedade, mas também contestação.

A relação entre as duas dimensões se dá no sentido em que o verbal, ao se apresentar como resposta, é respaldado pela postura do fisiculturista que é a do

embate, da contestação, das respostas rígidas diante de falas que colocam em dúvida uma conduta. O verbal, se observamos separadamente, requer uma contextualização para fazer sentido, ao passo que o não verbal é acrescido por um direcionamento semântico pelo verbal. Os dois sistemas semióticos se complementam e se integram para a produção do enunciado.

A aforização, que pode ser caracterizada como primária, pelo fato de não termos encontrado autoria, funciona, na árvore de derivação enunciativa gerada pelo enunciado reitor *sem dor, sem ganho*, como um enunciado que corporifica uma conduta. Há, portanto, um status reivindicado pela formação discursiva, isto é, *raça* e *constância* são qualificações dos indivíduos, mas, acima de tudo, são princípios fundamentais para a formação discursiva. Para pertencer à comunidade, é necessário adotá-los.

TEXTO 20

Figura 31 – Post 21



Fonte: ig @monstrosbr - Acesso: 08/09/16.

Os vocábulos *dor* e *desistir* (*desistência*), no plano verbal, encaminham o sentido macro do enunciado. Todavia, como já apontamos ao longo das análises, os vocábulos, embora assumam estatuto de pertencimento consoante às coerções semânticas da formação discursiva, funcionam em integração com os demais. Podemos destacar o adjetivo *temporária* e a locução adverbial *para sempre* que, no

âmbito enunciativo, respectivamente, qualificam e delimitam a temporalidade inerente às opções empreendidas pelo sujeito. O encaminhamento para a ideia de escolha deve-se à elipse do operador argumentativo *mas* que coloca *dor* e *desistência* (desistir) em uma balança. A relação discursiva não é de oposição ou de contraexpectativa, a orientação argumentativa presente no enunciado diz respeito a uma escolha que o bodybuilder ou candidato a tal deve fazer. Ele precisa pesar as consequências das opções que fizer. A presença deste operador argumentativo detona os subentendidos: “Pense bem! Se for desistir, terá que conviver com as consequências desta opção.” Ou ainda: “Faça a sua escolha. Escolha sentir dor por um tempo ou desistir, mas saiba que cada escolha tem uma consequência.”

Na dimensão não verbal, um fisiculturista, expondo sua musculatura hipertrofiada e escondendo o rosto com as mãos, sugere um cansaço que, considerando as malhas desta formação discursiva, não é de ordem física, mas de ordem ética, é um cansaço relativo às caminhadas da vida. A interação entre imagem e texto verbal indica um aforizador censurador, pois a enunciação, se recuperarmos os subentendidos, está baseada na repressão e até mesmo em uma certa ameaça.

Cabe, por fim, ressaltar que, no enunciado, *dor* e *desistir* (desistência) aparecem como elementos estanques. É como se, ao fazer uma das opções, o coenunciador não tivesse mais chances de voltar atrás ou, ainda, é como se ao fazer uma das escolhas, o sujeito estivesse optando por um estado e não por um momento. É, portanto, um enunciado cabal, como o reitor, é um enunciado que elimina possibilidades e direciona as escolhas, pois já diz ao sujeito quem ele será ao optar por um ou outro caminho. É um enunciado que coaduna com aqueles que neutralizam os sujeitos e os impelem a fazer escolhas que nem sempre contemplam suas singularidades.

5.6 Discussões

No início deste capítulo, fizemos uma exposição acerca das questões discursivas que perpassam os enunciados do corpus. Apostamos nas concepções

de enunciado reitor, defendida por Foucault (2016), e de aforização, teorizada por Maingueneau (2008a, 2010, 2014) para desenvolvermos nossas argumentações. É necessário, então, estabelecermos as devidas relações entre estas teorizações e os enunciados analisados.

5.6.1 Enunciado reitor e aforização

Não custa lembrar que, em uma análise arqueológica, o objetivo não é definir ou representar o que esteja oculto, mas depreender os próprios discursos como práticas que estão sujeitas a regras. Logo, só é possível fazer referência a discurso, se considerarmos as regularidades que apresenta. Assim, uma análise que esteja no itinerário da constituição de uma prática discursiva prioriza “o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa” (FOUCAULT, 2016, p.176). O que é constante, então, em dada prática discursiva é o que indica a identidade da mesma.

Dessa maneira, a ideia de enunciado reitor, isto é, de um enunciado que atua como a base para a produção de outros, de um enunciado que apresenta características às quais se vinculem os demais pertencentes à dada formação discursiva pode ser comprovada mediante as leituras feitas. O enunciado *Sem dor, sem ganho*, pertencente à comunidade discursiva em questão, evoca um universo semântico coercitivo, que não oferece saídas para o coenunciador, não deixa alternativas para o mesmo em relação às suas práticas. Logo, os enunciados que estão sob sua regência seguem a mesma trilha, apresentam as mesmas ordens, as mesmas características impositivas. O diferencial está no modo como se apresentam. É este ponto que permite a relação com a aforização. Mostramos que a aforização é um regime enunciativo cujos enunciados não se manifestam por meio de gêneros, são enunciados que apresentam um potencial de destaque que pode colocá-los em distintas circunstâncias de enunciação, são frases, excertos destacados ou destacáveis. Assim, quando lemos enunciados de universos que fazem referência a questões da existência humana, atuando em uma formação discursiva que evoca força, garra, superação, competitividade, vitória e outras coisas, assistimos a uma transposição. Estes enunciados passam a compor a

constelação enunciativa desta formação, passam a exercer funções determinadas que o enunciado reitor, isoladamente, não poderia exercer.

Assim, é possível concebermos um enunciado reitor como um multiplicador, pois este enunciado não tem condições de atuar sozinho. Não que sua materialidade e seu perfil semântico não permitam, mas exatamente porque isso o tornam extremamente marcado. Considerando, então, as condições de produção com a qual trabalhamos e as análises que fizemos, é lícito afirmar que, em termos de produção discursiva, um enunciado reitor, embora seja gerador, não é suficiente no que tange ao prolongamento da enunciação a que se propõe. Logo, o que está em voga é uma produtividade, um enunciado reitor, necessariamente, enseja a produção de outros enunciados. É exatamente neste ponto que se dá a relação entre enunciado reitor e aforização. Um enunciado reitor comporta a ideia de regência, de comando; já o regime de enunciação aforizante comporta a possibilidade de enunciar a partir do outro, a partir do que é semanticamente cabal em dos enunciados. Se observarmos a regência do enunciado reitor *Sem dor, sem ganho* na prática discursiva com a qual trabalhamos e a conjuntura em que se insere, concluímos que o caráter terminal desta relação não poderia ser feita de forma direta, mas através de uma enunciação menos marcada, ligada a uma memória sócio-histórica e discursiva dos sujeitos. A prática discursiva não poderia se materializar no mesmo formato que o enunciado reitor, mas por meio de um modelo linguístico comum a muitos, com uma carga enunciativa mais branda e mais trivial.

Dessa forma, enunciado reitor e a aforização se relacionam, se agregam por uma questão de manutenção de um *status quo*. Na conjuntura em que a retórica neoliberal perpassa os âmbitos macro e micro da sociedade, a enunciação requer um nível de intimidade, de conhecimento, a enunciação precisa partir do conhecido ou ser conhecida para formar um bloco, uma unidade e captar potenciais produtores e multiplicadores do mesmo discurso.

Interessa, neste momento, afirmar e confirmar que os enunciados desta prática fazem parte de um projeto de dizer regularmente sedimentado e incessantemente trabalhado em outros âmbitos sociais devido às relações históricas que o perpassam. A enunciação aforizante, *modus operandi* desta prática discursiva, comporta características enunciativas que coadunam com o enunciado basilar da mesma que, por sua vez, insere-se na conjuntura de ordens e de comandos das vidas dos homens. A ordem de mundo tecida pelo neoliberalismo gerencia muitas

condutas, muitos modos de estar no mundo, então uma enunciação que explicitasse isso não teria êxito. Afirmar que não há ganhos, se não houver dor é, neste contexto, apresentar ou lembrar ao outro que existem universos de sentido que se aplicam à construção do corpo e à manutenção da conduta. Por isso, incitar o coenunciador por meio de enunciados como os que analisamos é dizer-lhe que precisa assumir um desses universos para sua vida para que alcance o objetivo.

5.6.2 Modo imperativo e tom proverbial

É preciso tratar da atuação do modo imperativo no corpus desta pesquisa. Antes, porém, é necessário expor, sucintamente, algumas concepções acerca do mesmo. O modo imperativo é associado às enunciações cuja tônica seja a ordenação do outro. Em Bechara (2004), por exemplo, encontramos a afirmação de que o modo imperativo indica a posição do falante em relação a um ato de exigência. Rocha Lima (2013) faz uma vaga referência a este modo, ao afirmar que caracteriza a maneira sob a qual a pessoa que fala encara a significação contida no verbo e ao dizer que o mesmo tem apenas um tempo, que é o presente. Já Cunha e Lindley (2008) apresentam a seguinte reflexão acerca do modo imperativo:

Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* “comandar”, não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos ao intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem. (p.491) (grifo dos autores)

As primeiras concepções ligadas ao modo imperativo não contemplam outros horizontes a não ser o da estrutura e o da regularidade linguística. Ao passo que a terceira abordagem traz uma reflexão que contempla a realidade linguística, ou melhor, o uso. Esta última colocação reconhece, implicitamente, as condições enunciativas, reconhece que os vocábulos, em uma língua, são mobilizados de acordo com particularidades que não são de ordem estrutural, que não obedecem à função canônica.

Nos enunciados analisados, a recorrência do modo imperativo se distingue da ideia canônica de ordem. Esta prática discursiva se apresenta com tom determinante, mas o modo de fazê-lo, como vimos, não é, uma vez que sua configuração e circulação se dão no âmbito de uma enunciação familiar. Todavia, nossas análises, que consideram diferentes fatores de constituição do discurso, permitem que observemos um dado funcionamento do modo imperativo. A inegável incitação a mudanças de comportamento está presente nos enunciados, porém o valor não é de ordem, pelo menos, ordem no sentido literal. Trata-se, antes de tudo, de uma ordem em que há coparticipação dos que são convocados. Não se trata de um sistema de ordenação unilateral em que haveria a figura de um comandante e a figura de um comandado, mas de um sistema cujo funcionamento propõe alianças. É o que observamos, por exemplo, nos enunciados: “Você é seu único adversário. Supere-se!”²²; “Não faça o possível, faça o seu melhor.”²³

Estes enunciados possibilitam percebermos que não estamos nem mesmo no campo dos conselhos, dos alertas ou das exortações, embora possamos entrevê-los, mas no campo das parcerias, ou seja, dos funcionamentos discursivos que se ancoram nos funcionamentos sociais do momento em que vivenciamos. Funcionamentos que não estão ligados a ganhos de ambas as partes, mas a ganhos de natureza material, econômica e, sobretudo, a ganhos que mantêm um estatuto social de produtividade incessante. O funcionamento do modo imperativo, portanto, nestes enunciados não só comunga com o projeto neoliberal como também é uma das maneiras de circulação do mesmo nos âmbitos de atividade social.

Nesse sentido, podemos afirmar que o tom proverbial assumido pelos enunciados no corpus tem relação com os princípios desta perspectiva. O tom proverbial é um perfil enunciativo familiar que é reconfigurado na prática discursiva para afirmar uma relação entre uma ordem de mundo e um modo de ação que mantenha tal ordem em funcionamento. O tom proverbial se assemelha aos provérbios das culturas, mas é acrescido de uma relação não linguística, não cultural. É acrescido de uma relação circunstancial que faz o material linguístico e cultural assumir contornos de outras ordens. Verifica-se, mais uma vez, um

²² Texto 6, figura 17.

²³ Texto 7, figura 18.

fenômeno de produtividade que se dá na fronteira entre o linguístico e o não linguístico.

5.6.3 Unidade na diversidade

A fim de finalizarmos este capítulo, consideramos necessário expor uma argumentação em torno do que estamos denominando aqui como formação discursiva. Ao longo das análises, mencionamos o termo, mas não o caracterizamos, não apresentamos uma denominação para o mesmo. Isto porque consideramos complexo e até mesmo arriscado dar nome a uma formação que se institui pela diversidade. O que está em questão não são somente os atravessamentos ou o âmbito do interdiscurso, mas do intradiscurso que, além de trazer os fios da esfera discursiva em que se insere, torna a prática um tanto quanto complexa. Desse modo, o que faremos neste momento é uma descrição do que estamos chamando de formação discursiva e uma explicitação das formações discursivas que perpassam os enunciados.

Considerando o fato de que uma formação discursiva é, como define Foucault (2016), um conjunto de regras anônimas que regem a atividade discursiva e formam os elementos que dão estatuto à mesma, é lícito recapitular que estamos lidando com regularidades. Porém, devido ao nosso propósito aqui, além das recorrências, precisamos também considerar as forças que estão no jogo da produção do que chamamos de formação discursiva. Para isso, retomamos o desenvolvimento de certas ideias em torno da cartografia enquanto caminho de pesquisa.

A ideia de força liga-se à noção de coletivo. Tal noção não está restrita a uma dicotomia com o individual, mas à tensão, ao entrecruzamento de elementos que atuam na produção de tudo que conhecemos. Nesse sentido, Escóssia e Kastrupp (2015) ressignificam a ideia de coletivo e a compreendem “como plano de co-engendramento e de criação” (p.296). Segundo as autoras, conceber o coletivo desta forma é permitir que uma lógica relativa aos processos esteja em evidência. Logo, as forças envolvidas na formação de qualquer objeto e de qualquer sujeito só atuam em conformidade com esta lógica processual. Nesta direção, Escóssia e Tedesco (2015), ao indicarem o coletivo de forças como uma das pistas do método

da cartografia, explicitam “a gênese constante das formas empíricas [...]. Ao lado dos contornos estáveis do que denominamos formas, objetos ou sujeitos, coexiste o plano das forças que os produzem.” (p.92).

Dessa forma, quando mencionamos que além das regularidades, precisamos considerar as forças que interferem na constituição de uma formação discursiva, referimo-nos exatamente a esta noção de coletivo. Referimo-nos à possibilidade de o mesmo ser transposto para o âmbito discursivo para que possamos argumentar em torno da formação discursiva aqui presente. As forças atinentes a uma formação discursiva são de ordem intra e extralinguística. Isso porque a língua não se dissocia da história, da conjuntura em que se insere, e a história, por sua vez, se manifesta pelo linguístico. Então, o coletivo relaciona-se à junção de elementos que, em sua singularidade, coexistem e atuam na e para a produção dos objetos e das realidades.

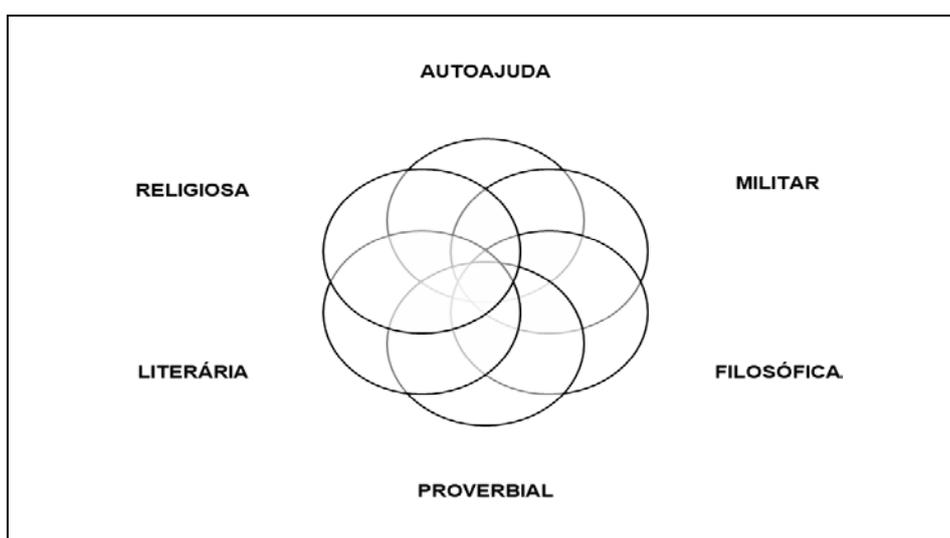
Dessa maneira, a formação discursiva aqui analisada pode ser compreendida a partir de um coletivo cujas forças atuantes são: a ordem neoliberal, o corpo enquanto vetor de manutenção desta ordem, o atravessamento de formações discursivas de eixos constituintes e um aparato linguístico comum. Tais forças restringem a formação e propiciam o aparecimento das formas, no entanto, cada uma dessas forças “doa” sua peculiaridade e, ao mesmo tempo, “recebe” o que as outras têm. Uma dessas forças chama atenção: o atravessamento e a presença de diferentes formações discursivas cujos eixos são a memória e a vida humana. A inserção destas formações no corpus aparenta desarranjo, desarrumação, pois parece difícil conjugar ou conferir sentido a um arranjo heterogêneo. Esta desordem aparente é o que Foucault (2016) denomina como dispersão. Por dispersão, o autor compreende não uma desorientação de textos, mas exatamente a heterogeneidade de elementos que, estrategicamente orientados, assumem unidade. Se unirmos a ideia de coletivo de forças e de dispersão, temos respaldo para tratarmos da formação discursiva aqui estudada.

Como exposto e esmiuçado nas análises, os enunciados são ressignificados na formação discursiva. Pertencem a universos distintos que, se analisados estruturalmente, não têm nenhuma relação com o campo discursivo. Todavia, só podemos enquadrá-los na formação devido à relação entre as forças conjunturais e as forças da enunciabilidade. As verdades do neoliberalismo são duras, suas linhas são rígidas já que enquadram os sujeitos em certos moldes. Assim, a

enunciabilidade trivial, familiar não só capta indivíduos como também permite a circulação desta lógica. É possível, então, considerarmos que há uma conjugação entre forças inerentes à lógica e forças inerentes à enunciação.

Ao longo das análises, apresentamos a enunciabilidade dos textos e, em cada um deles, observamos a presença de uma formação discursiva. Isso revela não só o potencial da prática, mas a inviabilidade de enquadrar a formação discursiva em uma única categoria. Por isso, apresentaremos abaixo uma imagem que exemplifica a tensão de forças inerente às formações discursivas que atravessam os textos analisados.

Figura 32 – Formações discursivas em contato



Fonte: A autora, 2019.

Pudemos depreender uma ou mais formações discursivas atravessando os textos. Isso revela não só o bojo interdiscursivo, mas também uma potencialidade inerente à própria formação. As forças relativas à mesma se modulam de modo a produzir formas que mostrem este trabalho. As formações discursivas que emergem nos textos não revelam somente uma rede semântica necessária, mas um funcionamento necessário. Ao longo deste trabalho, explicitamos algumas vezes o viés impositivo da prática discursiva. O atravessamento ou mesmo o rastro de formações discursivas distintas não são fortuitos, são a atuação do coletivo de forças que fazem emergir os princípios desta fundamentação.

Dessa maneira, a possibilidade de chamarmos de formação discursiva o que abriga os textos analisados nesta tese reside no fato de que a diversidade de fundamentos das distintas formações que atravessam os textos confere unidade. Detectamos o aparecimento das FDs militar, autoajuda, religiosa, militar, filosófica e literária. Todas advogam um pertencimento à cadeia de discursos fundamentais constituintes, mas advogam também diretrizes para a vida do outro. Com exceção da FD literária, as demais são acionadas quando há a necessidade de dirigir, de gerir o outro em vários campos da vida. Esta diversidade ganha unidade quando sua força se modula com as forças da conjuntura.

Por isso, não vemos a possibilidade de nomear a formação discursiva estudada. Vemos a possibilidade de mostrar a ação, a atuação do coletivo de forças para traçar um roteiro para a dispersão, mas não vemos a possibilidade de dar um nome à mesma. Consideramos que há uma formação discursiva predominante, a da autoajuda, que aparece, mais ou menos explicitamente, atravessada por outras. Por isso, conseguimos caracterizar esta formação discursiva como impositiva que se forma a partir de outras que, de diferentes maneiras, também são impositivas. O que se dá aqui é uma reunião de forças que permite a gênese de uma enunciação.

6 SER FRANGO OU SER MONSTRO? EIS UMA QUESTÃO DE SUBJETIVIDADE

O título deste capítulo é uma paródia do enunciado do personagem Hamlet: Ser ou não ser, eis a questão. Consideramos condizente tal subversão, pois este capítulo trata de questões inerentes à existência. Ser ou não ser, como enunciou Hamlet, diz respeito a existir ou não existir, a morrer ou viver, ou seja, ao trânsito do homem no mundo.

Considerando as denominações frango e monstro, utilizadas no universo dos corpos hipertrofiados, tratamos, neste capítulo, de questões relativas ao trânsito das duas corporeidades no mesmo universo. Tais denominações extrapolam o horizonte físico, pois o corpo é parte tangível de algo que é uma produção: o sujeito. Abordamos, portanto, da subjetividade do bodybuilder/fisiculturista. Subjetividade já anunciada nas exemplificações e nas análises feitas nos capítulos precedentes. Traçamos, então, as relações inerentes a este modo de existência e a seu embate com outros modos.

6.1 Da produção de subjetividade

Tratar de qualquer questão atinente ao discurso e à discursividade, na perspectiva com a qual trabalhamos, requer uma concepção de sujeito e de subjetividade. Isso porque o discurso, carregado das verdades de um tempo, está colado, necessariamente, aos homens e esses processam as verdades, se produzem enquanto seres do mundo e seres de discurso, se produzem enquanto sujeitos. Desse modo, uma concepção de sujeito em um trabalho com discurso é fundamental.

Muitas de nossas práticas, no entanto, ainda estão vinculadas aos princípios da ciência moderna que, em sua perspectiva, elenca a razão como norteadora da vida, o que sustenta a ideia de que o sujeito é ou de que o sujeito está constituído. Essa ideia de um sujeito dono de si e consciente, defendida por Descartes, gera

consequências, pois sua concepção confere ao mesmo e às suas ações no mundo o estatuto de previsibilidade e de naturalidade, uma vez que teria o domínio de suas ações. O sujeito, então, seria uma entidade rígida, fixa, não afetada pelos processos da sociedade e da existência, o que elimina ou impede a possibilidade de vislumbrarmos os desdobramentos que a história produz.

Por outro lado, se sabemos que as conjunturas propiciam a produção de verdades, sabemos também que estas não transitam sem a ação do homem. Nesse sentido, o homem que produz e aciona as verdades não é um ente estático, não é um ente neutro, o homem, nesta perspectiva, se torna ou é transformado em sujeito. Aceitar isso é compreender que há uma perspectiva acional que implica mudanças de prisma sobre o sujeito. Assim, não é possível falar no sujeito como produto acabado, mas no sujeito como entidade que é produzida, que é fabricada e que, ao mesmo tempo, produz e fabrica outros sujeitos.

Não passamos incólumes pelos encontros que vamos travando durante nosso trânsito pelo mundo. Estes encontros geram acontecimentos, mudanças. Em maior ou em menor grau, somos, então, moldados, produzidos. Em outras palavras, nos produzimos e somos produzidos, enquanto sujeitos, nas relações. A subjetividade, então, é gerada, fabricada na relação; é possível admitir que são estabelecidas relações com a forma de transitar pelo mundo. O sujeito, nesta perspectiva, é um ente que se move, que até possui uma estabilidade, mas está, acima de tudo, atrelado ao movimento e às captações que faz, pois os encontros que se dão no trânsito social são sistemas de produção, estão atrelados às diferentes forças que transitam no seio social.

A produção da subjetividade diz respeito a este trabalho incessante, atravessado por fatores diversos. O sujeito, nesta perspectiva, não é uma consciência, não é dono do seu discurso, das suas práticas, mas o molde de um consumo de ideias e de comportamentos que o levam a ter determinadas feições, características do universo a que se vincula. Tais ideias, tais comportamentos são a reiteração das verdades de uma época. Afirma Foucault:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (2015, p.52)

Com isso, é possível depreender que os sujeitos de uma época têm sua forma e suas ações pautadas em elaborações científicas, filosóficas, didáticas, midiáticas, políticas e muitas outras que são elaboradas e praticadas em dada época. A fabricação da subjetividade, então, ocorre em conformidade com tais regimes de verdade que, por sua vez, geram relações de poder que as solidificam.

Como o poder, nesta perspectiva, não se relaciona à repressão ou à autoridade; como o poder não é central e não está atrelado somente às instituições, circula e é praticado em todas as esferas por meio de táticas que atuam nos sujeitos; cada estratégia de poder, decorrente dos diferentes regimes de verdade, cria subjetividades que atuarão na multiplicação e na solidificação dessas mesmas verdades.

As estratégias de poder são variadas e bombardeiam os indivíduos a todo instante. Guattari (2013) usa uma metáfora que é consistente no que tange à subjetividade enquanto acontecimento moldável. O autor fala em máquinas de produção de subjetividade. Em sua perspectiva, tudo que chega até nós, tudo que nos circunda atua como máquina, como equipamento que nos produz. Etnia, gênero, empresas, corporações, academias, tecnologia, tradições, instituições, sistemas de governo entre outros são máquinas de produção de subjetividade. Cada uma dessas máquinas atua a partir de enunciados, de agenciamentos coletivos de enunciação, o que potencializa as estratégias do poder. As subjetividades são disputadas incessantemente a partir de tais agenciamentos, a partir de tais estratégias de poder. E assim as relações com a vida, com o outro e com processos inerentes à existência podem ser apagados, podem ser banidos ou mascarados para que um tipo de subjetividade pretensamente mais útil ou saudável seja mantida. Esta perspectiva de subjetividade nos coloca em posição de questionar as subjetividades existentes e seus mecanismos de manutenção e de influenciação, nos dá subsídios para repensarmos outros modos de constituição de nós mesmos.

Cabe, então, olhar para o percurso de constituição da subjetividade relacionada à corporeidade com a qual estamos trabalhando. Apresentamos, no primeiro capítulo desta tese, metaforizações dos corpos que podem ser apreendidas em nossa época. Cada uma dessas representações aponta para uma subjetividade, para uma produção diversa no universo que reivindica alguns valores para o corpo. Cabe expor o trajeto que é feito para que se produza a subjetividade do fisiculturista. Mostramos, no terceiro capítulo, o atravessamento da lógica neoliberal nos

horizontes da prática e nos horizontes do discurso da mesma, isso nos leva a afirmar que o objetivo dos sujeitos imersos neste universo não é somente o corpo. Então como se forja, enquanto sujeito, quando pratica uma enunciação voltada para o corpo? Na próxima seção, tratamos das subjetividades em disputa presentes neste universo.

6.2 Homo corpus: um homem performático ou um projeto de herói?

Se toda época produz suas verdades e, se estas verdades atuam na produção de subjetividades, os corpos também são verdades produzidas que, na mesma direção, produzem muitas coisas. Trabalhar na produção de um dado perfil corporal contempla elementos que não são tangíveis, a fabricação de certos corpos não prescinde, obviamente, do manejo físico, mas requer o manejo de elementos não palpáveis. Em outras palavras, requer o manuseio de valores e de bens simbólicos.

Se as verdades de uma época são os pilares para a constituição das subjetividades e das relações que estas estabelecem com outras subjetividades, isso significa que tais subjetividades não são reinantes, não são imperativas. Os sujeitos que nos tornamos, os sujeitos com os quais travamos contato são algumas possibilidades de existência, já que as verdades de uma sociedade também não são as únicas, não são absolutas. Logo, as subjetividades que vemos transitar não são estanques, não são definitivas, podem ser reformuladas.

Os sujeitos, imbuídos de certas verdades, multiplicam ideias, multiplicam modos de estar na sociedade, modificam formas de ser. As subjetividades norteiam as práticas e a manutenção das mesmas, já que uma prática só se multiplica e reverbera em conformidade com as ações dos homens.

Muitas práticas do nosso tempo requerem do indivíduo uma postura que mostre certos atributos, certas qualidades. O indivíduo precisa ser forte, persistente, precisa mostrar que é resiliente, imbatível etc. O sujeito precisa mostrar que pode se empreender, que pode se produzir (e produzir) independentemente de outros fatores. Tais exigências também estão presentes no universo da corporeidade, como

no fisiculturismo e na maromba (universo daqueles que não competem, mas vivenciam a rotina do mesmo).

O sujeito que empreende sua composição corporal em consonância com este universo atende aos impositivos da lógica de mercado, que regula suas atividades. Este sujeito age à maneira do *homo economicus* que, segundo Foucault (2010, p.191), “não é o homem da troca, não é o homem consumidor, é o homem da empresa e da produção.” Como expomos no terceiro capítulo, o corpo, nesta perspectiva, é uma empresa, há vozes utilitaristas que regem e organizam as práticas corporais deste eixo. Assim, em alusão ao termo *homo economicus*, podemos considerar o termo *homo corpus* para designar aquele que trabalha constantemente para erigir milimetricamente seus músculos e solidificar seu corpo-empresa. Este empreendimento se dá nos moldes propagados pelo neoliberalismo. O sujeito da empresa é um sujeito competitivo, já que

A sociedade regulada pelo mercado em que pensam os neoliberais é uma sociedade na qual o que deve constituir o princípio regulador não é tanto a troca das mercadorias, antes os *mecanismos da concorrência*. São esses mecanismos que devem ter a maior superfície e espessura possíveis, que devem também ocupar o maior volume possível na sociedade. Ou seja, aquilo que se procura obter não é uma sociedade sujeita ao efeito-mercadoria, mas sim uma sociedade sujeita à *dinâmica concorrencial*. (FOUCAULT, 2010, p.191) (grifo nosso)

É nesse sentido que podemos falar das subjetividades em construção e em disputa no fisiculturismo. É nesse sentido que podemos pensar nas subjetividades que dão título a este capítulo: o frango e o monstro.

O corpo hipertrofiado só é construído e mantido se houver uma combinação entre exercícios, alimentação e sono. Como descrito no capítulo dois, a rotina do fisiculturista é atravessada por práticas que exigem disciplina, abdições e privações. Assim sendo, o indivíduo que adentra este universo não assume somente uma rotina; assume, sobretudo, um estilo de vida que culmina em uma maneira de se constituir. Este sujeito, na maneira como o percebemos ou na maneira como se enuncia, é constituído e se constitui, a partir de práticas e, acima de tudo, de enunciações que o tornam ou o mantêm em dado patamar. Essas enunciações convocam aspectos da vida humana relativos à força, à dor, à resistência, à vitória sobre os obstáculos. São enunciações que contêm aspectos inerentes aos percursos da existência humana, todavia se apresentam em forma de apelos, de conselhos, de advertências. São enunciações que, embora estejam vinculadas à

lógica mercantil, clamam pelo bom senso do sujeito, por sua culpa, por muitos aspectos intrínsecos às buscas pessoais e pelo embate entre as subjetividades.

Em conformidade com tais enunciações, o/a fisiculturista ou marombeiro (a) se institui como sujeito performático, que age para e pela competição, que busca maneiras de se constituir enquanto indivíduo de sucesso. Como a lógica de mercado regula suas ações, atua como um empreendedor do corpo e de si mesmo. Suas atuações, como atleta ou como praticante da modalidade, são regidas pela lógica da competitividade. Por isso, ser frango ou ser monstro é mais do que uma denominação inerente ao perfil corporal hipertrofiado, é uma denominação que indica atributos do sujeito. É possível demonstrar isso a partir de enunciados produzidos pela comunidade discursiva, como no exemplo abaixo.

Figura 33 – Comparação



Fonte: ig @academiapauliceia/ Acesso: 30/04/2016

A enunciação acima mostra um embate entre subjetividades. As enunciações das ações de dois sujeitos produzem imagens dos mesmos, imagens que determinam quem são e como atuam no âmbito discursivo em questão. As atitudes elencadas para uns e para outros mostram, na verdade, a subjetividade de cada um e possibilidade de pertencimento ao mundo do fisiculturismo. Aquele que come porcaria, que bebe, que malha para o verão é o frango. Já aquele que se alimenta com qualidade, tem sono anabólico e treina para a vida inteira é o monstro.

As denominações frango e monstro não estão ligadas somente ao padrão corporal. A própria comunidade vem atualizando as acepções das palavras. Na página Treino

Hardcore, uma das que fazem parte do eixo discursivo da motivação e das discussões relativas à corporeidade modelada pela musculação, encontramos os seguintes enunciados:

Ser frango não tem nada a ver com o tamanho do corpo, do bíceps ou das cargas que você pega nos aparelhos. Ser frango tem a ver com atitudes e comportamentos que certos indivíduos têm no dia-a-dia e na academia.

Quem leva a musculação e o treino a sério NÃO É FRANGO!

(...)

Os verdadeiros frangos de academia são aquelas pessoas que vão à academia por modismo, só com a intenção de tirar onda de melhores e maiores, escolhendo "vítimas" menores que ele. Só que se formos parar para observar e comparar as pessoas, veremos que muitas vezes o carinha que tem menos corpo possui maior seriedade no treino, na dieta, na dedicação e na força de vontade...

Então, se um cara é pequeno e tem seriedade no treinamento não tem porque ele ser desmotivado e taxado de frango. Pelo contrário. Ele deveria ser reconhecido como um Irmão de Ferro e motivado em seus objetivos, pois é mais uma pessoa que carrega o nome da "musculação hardcore" com orgulho.

(Texto completo disponível em: http://www.treinohardcore.com/ser_frango.htm)

Estes enunciados mostram que a comunidade produz um fio discursivo relativo a certas subjetividades e às suas naturezas. Logo, o frango ou o monstro constituem a postura do sujeito diante das necessidades que uma fisiculturista/marombeiro (a) tem. Ser frango ou ser monstro são, pois, questões de subjetividade. O frango ou o monstro são sujeitos que realizam as mesmas práticas, mas que adotam posturas distintas. Tais posturas, quando assumidas, definem suas condutas. Essas condutas, por sua vez, constituem um modo de ser sujeito, de estar no âmbito do fisiculturismo e no mundo. A constituição do sujeito diz respeito ao cuidado consigo e também à relação consigo mesmo que ultrapassa as fronteiras do físico. O corpo que o sujeito quer adquirir ou que já adquiriu representa a grandeza do sujeito no âmbito que circula.

Assim, a adoção de uma conduta considerada séria diante do esporte não constitui somente o cuidado com os fatores que possibilitam o sucesso da prática, mas, principalmente, o cuidado consigo mesmo. Este cuidado engloba mais do que o corpo, engloba a subjetividade do fisiculturista. O cuidado consigo liga-se à performance, a atitude do sujeito é o eco das imposições mercantis de produção. Por isso, ser frango é ter uma atitude depreciativa diante do esporte e, conseqüentemente, consigo. Ao passo que ser monstro é ter uma atitude valorativa,

é ter todas as características do empreendedor. Ser monstro, no fisiculturismo é ter força, garra, disciplina e, sobretudo, saber se produzir, se fabricar. Um corpo hipertrofiado seria esta reverberação, representaria este eixo, seria a parte visível desta lógica.

Consequentemente, a subjetividade do monstro é a do empresário, do homem de performance, do homem que trabalha de forma obstinada, incansável pelo sucesso, do homem que busca, incessantemente, o erguimento e a manutenção de seu *corpo-empresa*. O sujeito que cuida de si, ou seja, que ergue o físico a partir de uma performance, multiplica estes conceitos através de práticas verbais que, por sua vez, retroalimentam e produzem desejos. Se, como afirma Guattari (2013), os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade, a produção corporal também se enquadra na mecânica desejante.

Sendo a subjetividade a dimensão fundamental das produções de cada época, ser monstro ou ser frango ultrapassam as barreiras físicas. Cada perfil abarca um nível de subjetividade e, portanto, abrange a manutenção de dado estatuto social. Ser monstro, no fisiculturismo, equivale a ser o monstro que está presente em um modelo de sociedade em que a derrota, a decepção, as peculiaridades genéticas e qualquer questão que exija outros caminhos são desconsideradas. O monstro é um sujeito cujo crescimento do corpo é o resultado, é a comprovação da sua eficiência. Assim, o desejo de ter um corpo hipertrofiado, a performance e a concorrência se tornam o combustível que faz esta subjetividade ser produzida e mantida.

Não à toa, é possível observar na mídia as fotos do antes e do depois, as demonstrações feitas no cinema. Um exemplo é a performance dos heróis da Marvel. No primeiro Filme Capitão America, em 2011, há uma mostra contundente disso. O herói, interpretado pelo ator Chris Evans, se torna o aclamado herói depois de uma mudança corporal significativa. O herói muda sua “vestimenta corporal”, passa de frango (no físico e na patente) a monstro (no físico e na patente) e tem seus feitos ressignificados:

Figura 34 - Capitão América



Fonte: <http://redeglobo.globo.com/filmes/noticia/2014/04/> Acesso em 10/05/2018

Como na imagem acima, observamos inúmeros antes e depois de famosos, de anônimos, de atletas e de personagens. Todas essas imagens compõem um dos eixos da verdade do nosso tempo: performance acima de tudo. Isso nos tira a possibilidade de experimentarmos desejos menos generalistas, desejos que sejam mais condizentes com as nossas singularidades. As imagens de corpos hipertrofiados constituem, então, a estratégia do desejo que produz subjetividades cada vez mais desejantes, que agem sobre os sujeitos que, por sua vez, se produzem, mantêm e sustentam o mesmo perfil de subjetividade.

6.3 Subjetividade e (in) diferença

Como já exposto anteriormente, o biopoder possui estratégias que levam os indivíduos a assumirem a responsabilidade por si mesmos. Nesta direção, os indivíduos devem ultrapassar limites, combater dificuldades e, muitas vezes, desconsiderar os empecilhos inerentes à rota da vida. Isso gera subjetividades apartadas das falências relativas ao aparelho biológico e a toda diferença pertencente à vida, pois estas são consideradas como freios na construção de

dados perfis requeridos pela própria engrenagem. É nesse sentido que aqui queremos argumentar sobre o que vamos chamar de indiferença à diferença, um modo de funcionamento social que parece atravessar o discurso analisado nesta tese.

As leituras que realizamos na elaboração do anteprojeto, as leituras feitas durante o percurso da pesquisa, as inclusões, as exclusões, o aparato teórico, as aulas, as conversas, as orientações, tudo nos levava a detectar que o discurso relacionado à obtenção da corporeidade hipertrofiada comportava certa fixidez ligada a princípios que pareciam promover um único modo de existência. Quando fizemos as devidas relações, compreendemos que estávamos diante de um *modus operandi* social que atravessava vários âmbitos, pois sua manutenção e perpetuação dependem das práticas coletivas. As linhas de atuação do neoliberalismo, lógica que perpassa esta prática discursiva e outras de nosso tempo, são rígidas, duras. É uma lógica que não oferece saídas e, quando oferece, estas sempre se voltam para o mesmo terreno. Assim, vivenciamos um cenário em que o ato de existir é transformado em um ato uno, em um ato que não contempla as multiplicidades, as divisibilidades, as potências e as diferenças.

Agamben (2015) recupera a ideia de potência contida na metafísica de Aristóteles para discorrer sobre a impotência. O filósofo, em sua explanação, afirma: “ ‘Impotência’ não significa aqui somente ausência de potência, não poder fazer, mas também e sobretudo “poder não fazer, poder não exercer a própria potência.” (p.72). Com esta afirmação, o filósofo expõe a positividade da impotência, isto é, o fato de podermos não fazer, isto é, de podermos não exercer a nossa potência. Esta afirmação viabiliza que façamos uma reflexão sobre as possibilidades de existência instauradas pelo neoliberalismo e sobre as existências abafadas ou achatadas pelo mesmo.

Como expomos no início deste capítulo, as subjetividades são produzidas. Não há, logicamente, uma produção incessante, não há a possibilidade de sermos múltiplos na integralidade. Precisamos de uma parametrização mínima, entretanto, a nossa possibilidade de devir não pode ser cortada, não pode ser inviabilizada. A lógica que rege a prática discursiva aqui analisada é a mesma que vem interferindo no âmbito educacional, no âmbito religioso, no âmbito estético, no âmbito do trabalho e em outros âmbitos. A lógica do empreendedorismo de si mesmo, das técnicas de superação interferem nestes setores e transformam as atividades mais

corriqueiras em uma competição. A consequência mais brutal disso é o abafamento das diferenças. É como se estas não existissem, não pudessem coexistir e tivessem que ser banidas. Quando falamos, aqui, de uma indiferença à diferença, falamos da desconsideração dos diferentes modos de ser e de estar no mundo e das possibilidades de vida que estes têm e geram.

Assim, considerando a reiteração deste ciclo massificante e o que podemos apreender a partir do corpus analisado, é possível tecer uma explanação final acerca das diferenças e das subjetividades. Guattari (2013), ao formular suas colocações acerca da subjetividade e de sua produção, afirma:

[...] tudo que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia ou de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. (p.35)

As subjetividades estão ancoradas em lógicas, em sistemas que gerenciam as possibilidades, as concepções, o trânsito dos sujeitos. A percepção e a atuação dos mesmos passam a ser regidas pelos parâmetros desses sistemas que, por sua vez, se manifestam por meio da enunciação, melhor dizendo, por meio de agenciamentos coletivos de enunciação. Toda produção de subjetividade, segundo Deleuze e Guattari (2014), é fabricada por enunciações coletivas, não por pertencerem a um grupo, a um ajuntamento de indivíduos, mas porque [...] o enunciado jamais remete a um sujeito. (p.121). Os enunciados que circulam em uma sociedade não são individuais, são das conjunturas em que os mesmos se inserem. Os sujeitos colocam em ação os enunciados em conformidade com a instância em que falam, de acordo com a ordem de mundo vigente. Um enunciado pode, então, ser compreendido como uma ordem ou como uma palavra de ordem:

Chamamos *palavras de ordem* não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma "obrigação social". (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.11-12) (grifo dos autores)

As palavras, portanto, estão alinhadas às ordens de mundo que são implícitas pelo fato de serem naturalizadas e conduzirem as práticas dos homens, por isso a

enunciação, o discurso, a palavra são produtores de mundo e de sujeitos. O que presenciamos em qualquer esfera discursiva não são somente regras de ordem enunciativa, mas normas voltadas para produção e para manutenção de perfis subjetivos que mantenham em vigor dadas perspectivas de mundo.

Assim, ao observarmos, em nosso corpus, enunciados como: “Treine para você e por você. O resto não importa”, “Lute por seu ideal, seja você mesmo, esqueça os outros”, “Continue lutando pela única pessoa que vale a pena: você” ou ainda “Quem quer dá um jeito. Quem não quer arranja uma desculpa”. Não observamos somente enunciados cuja materialidade é impositiva ou restritiva, mas, sobretudo, o tecido de uma produção bem ampla, de uma produção que se dá no âmbito macropolítico.

Considerar que estes enunciados fazem parte desta dimensão macropolítica, é admitir que contemplam a possibilidade de produzir subjetividades acopladas à mesma dimensão. Subjetividades igualmente fechadas e pertencentes a este eixo impositivo que atuam no nível coletivo. Logo, este perfil enunciativo também compõe o agenciamento que tem como um dos fios a exclusão da diferença. Sua enunciabilidade trivial não só reforça este agenciamento como também o insere ainda mais nesta perspectiva, visto que é possível compreender não só o aspecto impositivo como também a diversidade enunciativa requisitada por cada esfera que entra no circuito da lógica neoliberal. Não se trata, portanto, somente de uma adequação ou de uma escolha, mas de uma imposição exigida pela relação entre o objeto de mundo e a ordem de mundo.

Afirmar, portanto, que esta prática discursiva nos permite identificar uma indiferença à diferença é tocar em pontos que estão na sociedade, é tocar em questões inerentes à hegemonia dos modos de transitar pelo mundo, é tocar em questões ligadas à produção de consensos, de decisões virtuais que abarcam as verdades reinantes. Uma indiferença à diferença é a presença de uma concepção de vida e de sujeito que perpassa diversos âmbitos sociais e que se dá por meio do discurso. Sendo o enunciado sempre jurídico, como afirmam Deleuze e Guattari (1995), significa que há uma “jurisdição” que organiza as produções linguísticas em consonância com uma ordem estabelecida. Então, admitir que há uma indiferença à diferença é concluir que este regimento de mundo produz sujeitos e norteia suas ações. Mas é também considerar que este mesmo panorama permite a criação de

rotas que produzam jurisdições que nos alcem a possibilidades menos fechadas e nos tornem sujeitos em nossa diferença.

Por fim, refletir sobre a subjetividade presente no fisiculturismo é lançar um olhar para as subjetividades que estamos produzindo em nível macro. A faceta do frango e a faceta do monstro no fisiculturismo equivalem a muitas facetas do nosso tempo em que dificuldade e a diferença são indicativos de fraqueza, ao passo que uma pretensa capacidade de driblar as diferenças ou uma pretensa habilidade de driblar as mesmas são indicativos de força.

A leitura deste corpus permitiu que tocássemos neste ponto que é central em nossa conjuntura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros contatos com os textos aqui analisados, não conseguimos estabelecer uma relação entre as ideias de superação e de vitória e a construção de um corpo hipertrofiado. Sabemos que os objetos de discurso são uma produção, todavia, como leitores, esperamos que texto e objeto se relacionem, que um diga algo do outro. Mas, no que tange aos textos aqui lidos, desde os primeiros contatos, esta relação não se dava, não havia um nexos, uma lógica entre discurso e objeto. Era possível observar que se tratava de uma prática discursiva cuja natureza se diferenciava do que era explícito.

Deixamos clara, em alguns capítulos, a imperativa articulação entre língua e história. Desse modo, os textos que líamos, embora apresentassem a feição de motivação, embora recuperassem universos de sentido relativos a aspectos existenciais e familiares, estavam ancorados em outros feixes de relações, estavam atrelados a perspectivas que não tinham nada de salutar, nada que impulsionasse o indivíduo a assumir estilos de vida mais saudáveis e a buscar existência mais livres. Na relação entre língua e história, observávamos que os textos se apresentavam de tal forma por estarem atrelados à esteira de práticas e de discursos ancorados em um estado de sociedade que não garante a vida em sua plenitude.

Se uma prática discursiva é a indissociável imbricação entre as faces textual e social, como assevera Maingueneau (2008b) e, se os textos estão ancorados em conjunturas muito específicas e em verdades de uma época, a feição legível de um discurso deve ser analisada sob tais perspectivas. Como vivenciamos um momento em que as verdades reinantes banem a diferença e solidificam, por meio de práticas diversas, um modelo de vida que exclui o que não abrange os ideais totalitários, significa que os discursos alinhados a tais eixos reverberam as mesmas ordens.

Nesse sentido, é possível afirmar que a denominação motivacional dada à prática discursiva em questão é uma nomenclatura que se restringe à materialidade da mesma, pois esta enunciação não está ligada somente à corporeidade. Há, sem dúvida, a orientação de um projeto que está além disso.

Sendo a corporeidade um dos horizontes do nosso tempo, suas diferentes formas visíveis são capturadas pelas verdades e convertidas em valores. A

corporeidade hipertrófica não escapa disso. Por mais que haja enunciações que advoguem o bem-estar, a relação entre mente e corpo sãos, a relação entre saúde e cuidado com o corpo, não há possibilidade de ver na prática discursiva analisada nesta tese somente o eixo motivacional, não há possibilidade de admiti-la somente como um discurso que apregoa uma construção corporal tendo em vista a presença de elementos que não são da ordem da corporeidade e tampouco do mundo esportivo.

A construção deste corpo, como afirmamos no terceiro capítulo, alinha-se à lógica de mercado inerente ao neoliberalismo. Tal corpo, então, assume status de uma empresa que é erguida e precisa ser mantida, por isso a prática discursiva relativa ao mesmo não poderia ser motivacional no sentido de impulsionar o sujeito a ter simplesmente um corpo. Estamos, portanto, diante de enunciados aliados à manutenção e à multiplicação de valores do universo empresarial. Não estamos, pois, diante de um cuidado com o corpo, mas de um dos discursos que compõem o mosaico de relações que convergem para o mesmo fim: a mercantilização da vida. Nesta direção, Sant'anna (2001, p.118) afirma:

Muito do que hoje é chamado de amor exclusivo pelo próprio corpo (ou pelo ego que no corpo encontra um assento privilegiado), no lugar de fortalecer o afeto por si, tornou-se miserável. Pois, em sua fabricação industrial, o cultivo de si foi separado das responsabilidades para com os outros. Por vezes esta fabricação chegou a estabelecer uma oposição entre o bem-estar pessoal e o do coletivo, como se para estar bem fosse imprescindível desconectar-se do que se passa no meio em que se vive.

Nessa perspectiva, a corporeidade atinge patamares que se relacionam às imposições do nosso tempo. Ter um corpo hipertrofiado não é somente ter um corpo musculoso, não é ostentar uma aparência; é, na verdade, sustentar uma série de princípios que tal corpo simboliza. Estes princípios contemplam a dissociação com a coletividade e a naturalização de atitudes que não comportam limites.

Ao observarmos os fios da prática discursiva em questão, não vemos a convocação de sentidos inerentes às singularidades, não notamos feixes de relações pertencentes ao campo das escolhas. Observamos imperativos de ordens distintas que convocam o sujeito a buscar o corpo em questão. São ordens que abarcam o sucesso como único norte e o fracasso como impossibilidade ou como possibilidade derradeira.

Se uma prática discursiva está atrelada a uma formação discursiva que, por sua vez, coloca em movimento verdades estabelecidas em dada época, não há como assumirmos esta prática como motivacional, pois as convocações de sentido que faz possuem ecos que fazem do sujeito e de seu corpo máquinas de produção. Portanto, a docilidade, a advertência, o aconselhamento com que o coenunciador é interpelado fazem parte da instituição da prática. O trivial, por fim, que está no bojo da prática, é uma estratégia e também uma das marcas do nosso tempo para manter e fazer circular os status impositivos.

As verdades que alicerçam o universo discursivo aqui lido estão no bojo de muitas práticas do nosso tempo, por isso, argumento que os textos denominados motivacionais no âmbito do fisiculturismo são uma das manifestações linguísticas que compõem um mosaico com outras relações discursivas para manter, propagar e sustentar estas verdades. A produção e a veiculação de um discurso com feições motivacionais para obtenção de um corpo hipertrofiado criam um cenário para captar sujeitos que multipliquem certas verdades, sustentem as ideias de mercado e atuem na sociedade como empresários. Há, inclusive, a possibilidade de cartografar a presença desta racionalidade empresarial em diferentes âmbitos sociais, como é possível ver nos trabalhos de Rosinek (2018)²⁴ e Rettich (2018)²⁵ que abordam os atravessamentos desta lógica no âmbito do ensino de língua espanhola e no âmbito educacional, respectivamente.

No que tange ao perfil enunciativo da prática, é possível argumentar que, se uma prática discursiva é a prática de um feixe de relações, a enunciação aforizante, pela qual se manifesta a prática discursiva lida neste trabalho, tem que compor este campo discursivo, é o *modus operandi* necessário a esta prática. Tal afirmação se respalda no fato de que o neoliberalismo implanta direções para as vidas dos indivíduos, implanta lógicas que devem nortear suas ações. Tais imposições não seriam aceitas ou praticadas pelos indivíduos se se apresentassem com um perfil enunciativo imperativo, por exemplo. Como se trata de uma prática que se liga a um perfil corporal que exige esforço e disciplina de seus praticantes, dificilmente uma enunciação textualizante, isto é, ligada a um gênero cumpriria o projeto discursivo.

²⁴ Ver dissertação de Ana Patrícia Rosinek
http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=9844

²⁵ Ver dissertação de Juliana Silva Rettich
http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=10161

Se a enunciabilidade da prática comporta elementos impositivos, mas o faz de forma indireta, podemos tecer um argumento relativo a muitas práticas do cotidiano. Há, em nossa conjuntura, práticas discursivas cujo objetivo final é a imposição, o achatamento dos indivíduos, a sobreposição de ideias, mas suas feições, a materialidade linguística que as processam, abarcam o que é considerado natural e inerente a todos os seres humanos. Por isso, o retorno aos provérbios, às frases feitas, a uma enunciação familiar, aos perfis enunciativos triviais e reconhecíveis.

O modo de dizer, a recuperação de ditos anteriores, está ligado a um modo de existir e a um modo de ser genéricos em que cada sujeito está apto a se reformular, a se construir e a se produzir incessantemente. O fato de os textos pertencerem ao âmbito das constituições mais gerais não é gratuito, tem relação com os atravessamentos do neoliberalismo na formação discursiva, pois funciona como uma enunciação necessária à incitação dos indivíduos, isto é, todos devem ser universais, devem se gerenciar, devem pertencer à massa.

Por tudo que foi exposto e discutido nesta tese, não consideramos possível afirmar que a prática discursiva analisada tem como objeto o corpo. É como se houvesse uma voz cuja ressonância e a autoridade ultrapassassem a do aforizador e dissesse: “pelo corpo você adquire uma conduta necessária à nossa conjuntura”. Nesse sentido, o corpo seria um vetor, pois a engrenagem joga com as peças, com os desejos, com as subjetividades e com as possibilidades enunciativas para manter a lógica do si por si mesmo.

Por fim, é preciso reafirmar que as leituras e os argumentos expostos ao longo deste trabalho não intentam desqualificar o fisiculturismo ou a musculação, entretanto, as leituras que fizemos se pautam na relação entre língua e história, por isso não há possibilidade de não contemplarmos reflexões como as que fizemos, não há possibilidade de não apresentarmos argumentos que nos coloquem no terreno das produções de vida. Observamos nesta prática discursiva as malhas de um sistema de fechamento que tece as nossas vidas e as nossas práticas, por isso, a análise que realizamos é a exposição, o desenho dos percursos de sentido que nos atravessam.

Pensar nas relações que constroem as diferenças, na indiferença à diferença, na hegemonia de certos modos de existência que se dão através de discursos que se autodenominam salvacionistas, é uma tentativa de problematizá-los e, de certa forma, de “[...] deslegitimar o presente, desfazendo os fios da

continuidade histórica que sustentam as noções de identidade e de natureza humana. [...]” (RAGO, 2015, p.257).

Os sentidos que nos atravessam ao longo do tempo apresentam-se em diferentes formas de expressão, determinam muitas coisas, levam os sujeitos a construir territórios. Por isso, o questionamento já significa uma desarticulação, já significa, nos termos de Guattari, uma desterritorialização, pois o natural se abala quando colocamos os pés nos terrenos das verdades produzidas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. Davi Pessoa. São Paulo: Boitempo, 2015.

AGUIAR, Kátia; FONSECA, Vanessa; DAROS, Raphaela. *Linhas, riscos e rabiscos: considerações sobre o presente*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 ago.2019.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene Cruz, João Wanderley Geraldi. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.19, 1990, p.25-42.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BOMPA, Tudor; DI PAQUALE, Mauro; CORNACCHIA, Lorenzo J. *Treinamento de Força Levado a Sério*. São Paulo: Manole, 2004.

BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

CÉSAR, Maria Rita Assis. (Des) educando corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO (org.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.269-279.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral no espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COURTINE Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.

COURTINE Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CUNHA, Celso; LINDLEY, Cintra Luís Felipe. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1995.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é um agenciamento? In: *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2014, p.118-127.

DEUSDARÁ, Bruno., ROCHA, Décio. *O que entendemos por “trabalhar com Análise do discurso”?* In: EM DISCURSO: apresentação. p. 9-26, 2018.

EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: Da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Org.e trad. Pedro F. Bendassoli. Aparecida, SP: Ideias& Letras, 2010.

ESCÓSSIA, Lílíana da.; KASTRUPP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.10, n.2, p.295-304, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p.123-151.

FLORES, V. do N. et al (org.). *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, LDA. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. 40.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad.Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed.Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p.35-54.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p.407-431.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MIITTMAN, Solange (org.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009. p.67-78.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Trad. Sônia M.S. Fuhmann. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola editorial, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. S. Possenti (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de M. C. P. Souza e Silva, D. Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez editora, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*. Trad. Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-420.
- MBEMBE, Achille. O sujeito racial. In: MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018, p.27-77.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: São Paulo, 2009.
- ORTEGA, F. *Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt*. *Comunicação, Saúde, Educação*, v.8, n.14, p.9-20, set. 2003/fev. 2004.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre (org.). *Papel da memória*. Trad.: Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p.49-57.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (org.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.253-267.

- RETTICH, Juliana Silva. *Do visor na porta das salas de aula à mordada nos professores: uma análise discursiva das redes conservadoras do Escola Sem Partido - Projeto de Lei 867/2015*. 2018.134f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- ROLNIK, Suely; Guattari, Félix. Subjetividade e História. *In: ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. Micropolíticas: cartografias do desejo*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 33-149.
- ROSINEK, Ana Patrícia. *Ensino de Português como língua estrangeira para aprendizes hispanófonos: imagens do empresário neoliberal de sucesso em material didático*. 2018.127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SANT'ANNA. Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SANT'ANNA. Denise Bernuzzi de. Uma história do corpo. *In: SOARES. Carmen (org.). Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas, SP: Autores associados, São Paulo: FAPESP, 2007.p.67-80.
- SCHWARZENEGGER, Arnold. *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. *In: SPINK, Mary Jane (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p.1-21. Disponível em: www.bvce.org. Acesso em: 02 ago. 2019.
- SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- STOPPANI, Jim. *Enciclopédia de Musculação e Força*. Trad. Michel Arias Brentano. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed Ed., 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=MXO6DgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=jim+stoppani&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=jim%20stoppani&f=false. Acesso em: 22 jul. 2017.

VIGARELLO, Georges. Treinar. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo: as mutações do olhar – o século XX*. Trad..e rev. Ephraim Ferreira Alve., 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.197-250.